

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

**Charlie Hebdo: análise da cobertura do atentado em 2015 pelos jornais
Folha de São Paulo, British Broadcasting Company e Deutsche Welle**

Camille Lenz da Silva

Lajeado, dezembro de 2016

Camille Lenz da Silva

**Charlie Hebdo: análise da cobertura do atentado em 2015 pelos jornais
Folha de São Paulo, British Broadcasting Company e Deutsche Welle**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, na linha de formação específica em Jornalismo, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Jane Márcia Mazzarino

Lajeado, dezembro de 2016

RESUMO

Em uma sociedade globalizada, é natural que convivamos cada vez mais com diferenças e que presenciemos desavenças entre culturas, religiões e povos. O jornalismo sempre teve o papel de mediador de informações perante a sociedade e, no contexto atual, o jornalista precisa exercer ainda mais esse papel fundamental. Mas para que esta intervenção seja feita de forma adequada, é preciso que o profissional seja guiado por certas regulamentações éticas, de forma a não extrapolar limites de liberdade, procurar não emitir sua opinião e ver-se livre de juízos de valor. O objetivo geral deste trabalho é investigar o processo de midiaticização do atentado ao semanário francês Charlie Hebdo, em 7 de janeiro de 2015 a partir do estudo de teorias fundamentais do jornalismo, de análises quanti-qualitativas e da compreensão sobre os temas envolvidos, como gêneros jornalísticos, ética, jornalismo digital e o islamismo. A análise está focada em três veículos de jornalismo online: Deutsche Welle, British Broadcast Company e Folha de São Paulo, escolhidos pela função social de destaque exercida tanto nacional quanto internacionalmente. Ao longo do trabalho, percebeu-se que não só os três jornais pesquisados, mas também o Charlie Hebdo, se valeram do sensacionalismo para publicar suas matérias. Seus apanhados foram, na grande maioria, baseados em critérios de noticiabilidade que mostram o interesse na venda do produto, na sua midiaticização através de palavras ou expressões de forte impacto, na tentativa de sensibilizar o leitor. As matérias publicadas foram pouco aprofundadas, o que corrobora o momento de superficialidade que a as redações midiáticas vivenciam.

Palavras-chave: Charlie Hebdo. Folha de São Paulo. Deutsche Welle. British Broadcasting Company. Jornalismo Digital. Ética. Sensacionalismo. Pesquisa quanti-qualitativa.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantificação das publicações sobre o atentado ao jornal Charlie Hebdo.....	66
Quadro 2 - Análise comparativa dos veículos em relação ao problema de pesquisa.....	109

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Charia Hebdo: Cem chibatadas se você não estiver morto de rir.....	57
Figura 2 - O amor é mais forte que o ódio.....	58
Figura 3 - Intocáveis 2: Não ria!.....	59
Figura 4 - A vida de Maomé: O debut de um profeta/A vida de Maomé: O profeta do Islã.....	59
Figura 5 - As previsões do mago Houllebecq	61
Figura 6 - Tudo está perdoado	62
Figura 7 - Jornalista diz que atiradores gritavam 'vamos vingar o profeta'.....	72
Figura 8 - Atiradores de Paris disseram ser da Al Qaeda, dizem testemunhas.....	74
Figura 9 - 'Nós vingamos o profeta Maomé', disse terrorista na França; ouça.....	76
Figura 10 - Policial morto em ataque em Paris estava protegendo diretor de jornal.....	78
Figura 11 - Atentado mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista.....	79
Figura 12 - Saiba quem são as vítimas do atentado ao “Charlie Hebdo”, em Paris.....	81
Figura 13 - Diretor e mais quatro cartunistas de jornal são mortos em ataque em Paris.....	83
Figura 14 - Suspeito mais jovem de ataque em Paris se entrega à polícia, diz agência.....	84
Figura 15 - Polícia diz ter identificado suspeitos de ataque na França.....	86
Figura 16 - “Só tive tempo de me jogar debaixo da mesa”, diz sobrevivente de ataque à revista.....	90
Figura 17 - Médico da revista conta como foram momentos após ataque.....	92
Figura 18 - Ataque a revista mata pelo menos 12 em Paris.....	94
Figura 19 - Ataque a Charlie Hebdo: Quem são as vítimas?.....	96
Figura 20 - AO VIVO: Ataque contra revista na França deixa mortos e feridos.....	100
Figura 21 - Atentado a semanário mata 12 em Paris.....	104
Figura 22 - Polícia identifica os três suspeitos do ataque terrorista em Paris.....	106

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 MÉTODO	12
3 JORNALISMO: ÉTICA E LIBERDADE	15
3.1 Liberdades de expressão e de imprensa	15
4 TEORIAS DO JORNALISMO	24
5 JORNALISMO DIGITAL E A (IN) COMUNICAÇÃO	44
5.1 Hipertexto	44
5.2 Jornalismo digital e ética	46
6 GÊNEROS JORNALÍSTICOS	50
6.1 Charges	51
7 ISLÃ E RADICALISMO	53
8 CHARLIE HEBDO	56
8.1 Cronologia	57
8.2 O atentado	60
8.3 Entrevista ao Roda Viva	60
9 FOLHA DE SÃO PAULO, BBC E DEUTSCHE WELLE	63
10 ANÁLISES	65
10.1 Análise quantitativa comparativa	
10.1.1 Análises quantitativas individuais	
10.2 Análise quanti-qualitativa.....	69
10.2.1 Dos títulos, subtítulos e lead de notícias e reportagens indiretas por veículo	69
10.2. 2 Comparação entre os veículos	71
10.3 Análise qualitativa de notícias e reportagens diretas por veículo.....	71
10.3.1 FSP	72
10.3.2 BBC	90
10.3.3 Deutsche Welle.....	104
10.4 Comparação entre os veículos na abordagem em notícias e reportagens diretas	108

11 CONCLUSÕES.....	113
REFERÊNCIAS	119
REFERÊNCIAS DAS MATÉRIAS ESTUDADAS.....	129
APÊNDICE 1 - Jornalista diz que atiradores gritavam “vamos vingar o profeta”	132
APÊNDICE 2 – Atiradores de Paris disseram ser da Al Qaeda, dizem testemunhas	133
APÊNDICE 3 – “Nós vingamos o profeta Maomé”, disse terrorista na França; ouça.....	135
APÊNDICE 4 – Policial morto em ataque em Paris estava protegendo diretor de jornal.....	136
APÊNDICE 5 – Atentado mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista.....	138
APÊNDICE 6 – Saiba quem são as vítimas do atentado ao “Charlie Hebdo”, em Paris	141
APÊNDICE 7 – Diretor e mais quatro cartunistas de jornal são mortos em ataque em Paris	145
APÊNDICE 8 – Suspeito mais jovem de ataque em Paris se entrega à polícia, diz agência .	147
APÊNDICE 9 – Polícia diz ter identificado suspeitos de ataque na França.....	150
APÊNDICE 10 – “Só tive tempo de me jogar debaixo da mesa”, diz sobrevivente de ataque à revista	152
APÊNDICE 11 – Médico da revista conta como foram momentos após ataque	153
APÊNDICE 12 – Ataque a revista mata pelo menos 12 em Paris	154
APÊNDICE 13 – Ataque a Charlie Hebdo: Quem são as vítimas?.....	155
APÊNDICE 14 – AO VIVO: Ataque contra revista na França deixa mortos e feridos	163
APÊNDICE 15 – Atentado a semanário mata 12 em Paris	173
APÊNDICE 16 – Polícia identifica os três suspeitos do ataque terrorista em Paris	176

1 INTRODUÇÃO

O jornal Charlie Hebdo é uma publicação semanal francesa de conteúdo declaradamente satírico. Publica crônicas, relatórios e matérias investigativas sobre diversos temas não só a respeito da França, como também do exterior. Conforme o jornal Folha de São Paulo, Charlie Hebdo foi lançado em 1970, fechado em 1981 por problemas de cunho financeiro e reaberto 11 anos depois, em 1992. Em 2011, sua sede foi incendiada depois que charges envolvendo o profeta islâmico Maomé foram publicadas. Em 2013, o site do semanário ficou fora do ar após ter postado mais charges sobre a entidade muçulmana. O último ataque ao jornal francês ocorreu em 7 de janeiro de 2015, quando 12 pessoas que trabalhavam para o periódico foram mortas em atentado, incluindo o diretor da publicação. O ataque presumidamente ocorreu devido às charges maométricas serem consideradas ofensivas por grupos islâmicos (CHARLIE HEBDO, online).

As charges divulgadas pelo jornal Charlie Hebdo são um exemplo da contradição entre o ideal e o real da liberdade de imprensa. Stevanim (2006, p.7) questiona se a liberdade de expressão na teoria é a mesma da qual nos valem na prática. “Teoricamente, o direito de livre expressão é universal, mas sua implementação na realidade encontra [...] limites dogmáticos (certos tabus não são questionados).” Segundo o autor, a globalização ainda não pressupõe a abertura de valores e conceitos sociais. A imposição da liberdade de imprensa a algumas culturas pode intensificar conflitos, como o que ocorreu entre os jornalistas do Charlie Hebdo e radicais muçulmanos. Isso porque a liberdade de imprensa, segundo Stevanim (2006), é um preceito Ocidental imposto, o que nem sempre é aceito por grupos de diferentes culturas, como é o caso do Oriente. Para Huntington, segundo Stevanim (2006, p.4) há, nesse caso, um “choque de civilizações”.

Neto (1989) acrescenta ainda o fato de que as escolhas liberais não podem perturbar os direitos e liberdades de terceiros. Dessa forma conclui que toda e qualquer liberdade não é um princípio absoluto, uma vez que possui limites que a orientam. Segundo Pena (2006), as liberdades se chocam com a subjetividade e a dignidade humana, que por sua vez exige o respeito pelo próximo. A reação violenta em grande parte do mundo islâmico contra as seguidas publicações, para eles ofensivas, comprova que nenhum conceito é universal, e nisso se inclui a liberdade de imprensa e de expressão.

Busca-se, neste estudo, avaliar a cobertura do ocorrido com o jornal francês *Charlie Hebdo* por três outros jornais internacionais: *Folha de São Paulo*, *British Broadcasting Company* e *Deutsche Welle* através do aprofundamento da análise editorial e informativa de cada veículo.

Cada empresa jornalística possui uma identidade editorial diferente, que a distingue das outras, do mesmo modo que mantém suas relações com o público, absorve e publica notícias específicas (KUNSCH, 2009). Conforme Timothy E. Cook (2011), a notícia é produzida de forma coletiva a partir de definições construídas dentro das rotinas jornalísticas e pelas decisões implícitas, ou seja, que partem dos jornalistas na hora de produzirem suas notícias. O jornalismo, considerado uma instituição política, faz dos jornalistas seres políticos que possuem influência, mesmo que implícita, perante atitudes sociais. Eles possuem o papel de modificar acontecimentos e prever outros a partir do que noticiam e, principalmente, da forma como escolhem noticiar os fatos. Também esbarram em questões que se referem ao sensacionalismo, um dos temas a serem tratados nesse estudo. Conforme Fiori et al (2011, p. 257), “quando um jornalista transforma um fato em notícia, ele considera fatores que levem o público a consumir a mercadoria”.

Dessa forma, o objetivo do trabalho é revelar dados sobre como cada uma dessas empresas midiáticas trabalhou a respeito do caso francês, utilizando principalmente as notícias produzidas um mês após o atentado. Todas as matérias dos três veículos foram retiradas de seus sites oficiais quantificados e analisados qualitativamente.

Partindo do princípio de que diferentes emissoras abordam um mesmo tema através de suas características institucionais variadas, questiona-se:

- quais os critérios de noticiabilidade utilizados pelos jornais na análise do tema?
- como as três empresas enquadraram o tema (qual a abordagem utilizada, quais as fontes entrevistadas, imagens utilizadas)?

- a abordagem do tema pelas três emissoras foi tendenciosa, opinativa, informativa ou interpretativa?
- na abordagem do tema, os jornais consideraram que o francês Charlie Hebdo feriu a ética jornalística?
- quais elementos apontam se os três jornais fizeram uma cobertura observando os parâmetros éticos jornalísticos?

Acredita-se que os meios midiáticos Deutsche Welle (DW), British Broadcasting Company (BBC) e Folha de São Paulo tenham analisado criticamente os fatos que envolveram o jornal francês, juntamente com retrospectivas que trazem aos leitores a sequência de fatores que desencadearam o fato culminante.

As três emissoras analisadas utilizaram da atualidade, instantaneidade e do valor-notícia para notificar o ocorrido. A periodicidade também foi explorada, uma vez que várias postagens foram feitas todos os dias sobre o assunto, acompanhando o caso.

Acredita-se que as emissoras utilizaram de imagens para ajudar a compor os textos, relataram o histórico dos fatos que levaram à notícia principal para, inclusive, nortear os leitores. As três emissoras devem ter se valido de correspondentes para a realização de entrevistas e busca de fontes. Supõe-se que o sensacionalismo não foi utilizado pelos jornais, ao menos não de forma escancarada, devido às linhas editoriais dos veículos.

Pensa-se que os jornais, por se solidarizarem com o também periódico Charlie Hebdo, tenham defendido a liberdade midiática ou que, então, tenham se mostrado os mais neutros possíveis, visto que estavam noticiando um fato no qual todos tinham alguma ligação direta ou indireta, uma vez que fazem parte da mesma comunidade profissional.

Todos os três jornais possuem colunistas que, oportunamente, pautaram a respeito do acontecido com o francês Charlie Hebdo. Dessa forma, entende-se que a abordagem dos três jornais a respeito do tema foi opinativa, informativa e interpretativa.

O objetivo geral deste trabalho é compreender o processo de midiatização do atentado ao Charlie Hebdo em 7 de janeiro de 2015 em três veículos de jornalismo online: Deutsche Welle, British Broadcast Company e Folha de São Paulo.

Dentre os objetivos específicos estão:

- caracterizar historicamente o jornal Charlie Hebdo e o caso que culminou com o atentado sofrido em 7 de janeiro de 2015, realizando uma breve análise ética;
- caracterizar a cobertura dos três jornais;

- verificar quais foram os gêneros jornalísticos utilizados nas coberturas;
- caracterizar os critérios de noticiabilidade utilizados por cada veículo na elaboração das notícias sobre o tema;
- analisar as angulações/enquadramentos dados à notícia;
- comparar a cobertura do ataque realizada no período de um mês após o fato em cada veículo e entre os três veículos;
- discutir a cobertura do caso Charlie Hebdo a partir da perspectiva da ética jornalística.

O estudo proposto objetiva acrescentar às poucas pesquisas feitas sobre o atentado de janeiro de 2015, ainda considerado recente. É importante o estudo sobre intolerância religiosa e liberdade de imprensa, visto que hoje casos envolvendo os dois assuntos são cada vez mais frequentes. Isso ocorre, segundo estudos, devido ao choque entre culturas e dogmas, principalmente entre os mundos ocidental e oriental. Há, por exemplo, uma disputa entre coberturas jornalísticas mais liberais e a pouca aceitação religiosa.

Neste sentido, o estudo do que está ou não sendo feito pelos profissionais da mídia é de fundamental importância, visto que várias vezes matérias transgridem não só dogmas religiosos, mas diversos outros direitos fundamentais humanos. Para isso, é necessária uma análise crítica de como os meios de comunicação abrangem estes assuntos.

Como observado no caso Charlie Hebdo, a abordagem de alguns assuntos pela mídia põe em risco os jornalistas que compõem as editorias. Conforme a organização Suíça *Press Emblem Campaign* (Associação Brasileira de Jornais, 2014), entre 2010 e 2014 cerca de 614 jornalistas foram assassinados em todo o mundo. Sendo assim, estudar para melhor compreender o porquê destas mortes e o que pode ser feito para aprimorar a coexistência do jornalismo com a sociedade se revela de suma importância. O caso Charlie Hebdo foi escolhido por revelar lacunas sobre como a mídia abusa da liberdade de expressão, em alguns casos, ferindo princípios de grupos ou indivíduos em prol de audiência ou de crenças próprias. A pesquisa também procura revelar os procedimentos adotados pelas empresas escolhidas - BBC, Deutsche Welle e Folha de São Paulo - para a realização de matérias, a partir de análises de cada veículo. Nesse sentido, possibilita exercitar e aprimorar o conhecimento sobre diferentes formas de fazer jornalismo.

O estudo também servirá como preenchimento de lacunas no conhecimento, uma vez que os conteúdos supracitados não são abordados de forma específica ou frequente dentro da grade curricular do curso de Jornalismo da Univates.

Para a pesquisa foram utilizadas matérias dos jornais virtuais Folha de São Paulo, Deutsche Welle e BBC (estes dois a partir da abordagem da versão publicada para o português), além do periódico virtual Charlie Hebdo. Além de contextualização sobre assuntos pertinentes ao tema, foi analisado como os três jornais retrataram o atentado ocorrido ao jornal francês em janeiro de 2015 e as linhas editoriais de cada veículo. O estudo foi realizado entre 2015 e 2016.

2 MÉTODO

A pesquisa deu-se por meio de análise quanti-qualitativa, visando a comparação de elementos. A análise quantitativa possibilita mapear os materiais publicados, evidenciando frequências em relação a cada gênero jornalístico. Já a análise qualitativa, conforme Goldenberg (2004), proporciona uma maior confiança ao pesquisador em relação à veracidade dos dados obtidos. Esse tipo de análise também permite ao pesquisador fugir de seus pré-julgamentos e expectativas quanto ao tema, através da observação, coleta e comparação de dados.

Segundo Thiollent (2004, p.56), “[...] a hipótese qualitativa é utilizada para organizar a pesquisa em torno de possíveis conexões ou implicações não-causais, mas suficientemente precisas para se estabelecer que X tem algo a ver com Y na situação considerada”. Neste sentido, realizou-se uma abordagem do caso em cada jornal escolhido individualmente e, posteriormente, buscar aproximações e divergências ou complementações entre eles.

A pesquisa tem cunho exploratório e descritivo, uma vez que o objetivo é adquirir familiaridade com o tema e caracterizá-lo. Este tipo de estudo envolve a construção de hipóteses, o levantamento bibliográfico e a análise, para posterior descrição de padrões e características das amostras colhidas de forma sistemática (GIL, 2012).

Quanto aos meios, a pesquisa é bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica foi feita através da revisão da literatura já existente sobre o tema. A bibliografia pode servir de guia para a estruturação das demais etapas de estudo, de forma a otimizar tempo (STUMPF, 2008). A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2012), é desenvolvida a partir de materiais anteriormente produzidos sobre o assunto, como livros, artigos científicos, monografias. Foram pesquisadas obras sobre teorias do jornalismo, liberdade de imprensa, ética, islamismo e critérios de noticiabilidade.

A análise documental foi realizada em três jornais: o brasileiro Folha de São Paulo, o alemão Deutsche Welle e o britânico BBC. Buscou-se relacionar a forma como as notícias

foram veiculadas em cada portal, visto que cada empresa possui um conjunto de normas que definem seu trabalho. A pesquisa documental é de primeira mão, já que trata de assuntos ainda não analisados, como é o caso das reportagens de jornal. Para Moreira (2008), a análise documental tem como objetivo investigar, descrever e reorganizar os elementos descobertos em um texto.

A coleta de documentos foi realizada entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016. A amostra é não probabilística por acessibilidade e tipicidade (GIL, 2012), pois atenta para elementos específicos representantes da população, ou seja, matérias jornalísticas sobre o caso Charlie Hebdo. Isso quer dizer que a escolha se dá por meio exclusivo do pesquisador (DUARTE, 2008).

Utilizamos a análise quantitativa das publicações sobre o caso que abordaram diretamente e indiretamente o atentado. Esta etapa incluiu notícias veiculadas no dia do atentado (7 de janeiro de 2015) até 30 dias após.

A pesquisa em cada *website* se deu a partir das palavras-chave “Charlie Hebdo”. Esta quantificação incluiu três gêneros jornalísticos: opinativo, notícias e reportagens. O material coletado foi separado conforme as seis características em uma tabela: notícia direta e indireta, reportagem direta e indireta, editorial direto e indireto. As notícias foram classificadas como diretas quando não respondem como e porquê, possuem um *lead* simplificado e têm o atentado como tema principal. Já as notícias indiretas possuem as mesmas características, porém não têm o atentado como tema principal. As reportagens diretas contextualizam, interpretam, exploram como e porquê. Nelas, o atentado é o tema principal. As mesmas características possuem as reportagens indiretas, no entanto nessas o atentado não é o tema principal. Por fim, existem os editoriais diretos e indiretos, classificados como a opinião do veículo sobre o fato. O atentado é o tema principal no editorial direto, sendo tratado com menor importância no indireto.

Conforme o andamento da pesquisa, adicionou-se ainda à tabela mais dois itens, que aparecem comumente nas matérias dos três jornais em relação ao fato pesquisado: midiateca e opinião. Após concluir a categorização das notícias, optou-se por analisar de forma aprofundada apenas as reportagens e notícias diretas, uma vez que incluir os demais itens tornaria as análises muito complexas, o que não cabe a um trabalho de conclusão de curso de graduação. Ao final da filtragem, foram selecionadas para análise 16 matérias de um total de 246 publicações.

As 16 matérias passaram por uma análise de conteúdo qualitativa, que Moraes (2007) define como análise textual e afirma que se dá pela junção dos processos de análise e síntese. No primeiro, ocorre a fragmentação do texto como um todo. Já no segundo processo, os

elementos semelhantes são postos em uma mesma categoria, criando assim um novo texto com a junção das ideias principais de cada análise. Isso implica descrever e interpretar os textos de forma correta. Sendo assim, o autor propõe uma análise que mistura aspectos de conteúdo e de discursos. A interpretação de um texto nunca é neutra ou objetiva. Assim, categorizar os textos lidos em unidades, dividindo o todo em partes semelhantes, é importante para compreender de forma mais objetiva o que está sendo estudado, além de possibilitar o encontro de especificidades interessantes ao pesquisador, afirma Moraes. A categorização leva o pesquisador a compreender os discursos estudados e o torna capaz de construir novos discursos através do que aprendeu. Esse processo faz emergir um novo texto com base nas interpretações do pesquisador, chamado pelo autor de “metatexto”.

O metatexto é uma mistura entre descrever o texto e interpretá-lo. Descrever, segundo Moraes (2007, p.99), é apresentar aquilo de importante que foi retirado de um objeto de pesquisa. Já “interpretar é estabelecer pontes entre as descrições e as teorias que servem de base para a pesquisa, ou mesmo construídas na pesquisa”. O autor defende que os metatextos devam ser organizados a partir de introdução, desenvolvimento e conclusão, a fim de elucidar o objeto de estudo. Sugere, portanto, a organização através de teses ou argumentos centralizados. O autor lembra, porém, que as análises nunca serão totais, visto que nunca conseguem abranger completamente o alvo do estudo.

A análise textual se deu pela transcrição e interpretação das notícias coletadas através dos *websites* da DW, BBC e Folha de S. Paulo. Já para a análise quantitativa foram criadas tabelas para uma maior organização das informações. As notícias e reportagens foram analisadas separadamente, para enquadrá-las nas categorias propostas pela pesquisadora.

3 JORNALISMO: ÉTICA E LIBERDADE

Este capítulo irá abordar a ética jornalística a partir dos princípios de liberdade de expressão e de imprensa. Será feita uma relação entre a autonomia dos jornalistas dentro das redações atuais e os perigos que esta liberdade vem trazendo à dignidade humana, principalmente no que tange aos quesitos éticos. Da mesma forma, ocorre uma breve explanação sobre a Declaração dos Deveres e Direitos dos Jornalistas, que consiste em uma lista de regras fundamentais para a regência da profissão e estabelece normas que buscam evitar a extrapolação dos limites em relação à liberdade de imprensa e ao que pode ou não ser noticiado. Também é apresentado o sensacionalismo como atual obstáculo à ética profissional dentro do campo midiático.

3.1 Liberdades de expressão e de imprensa

Ameaças atuais e pressões de ordem econômica, política e social estão afetando a democratização da imprensa, assim como o estabelecimento de normas e limites. O caso do jornal francês Charlie Hebdo, ocorrido em janeiro de 2015, é um dos exemplos sobre a falta de conhecimento, tanto da sociedade como do meio jornalístico em si, dos limites que estão por trás da comunicação e do uso da liberdade de expressão para manifestar-se.

Por outro lado, além de objetivar cada vez mais a liberdade de imprensa, devemos atentar que há diferenças entre esta e a liberdade de expressar-se. Enquanto a primeira fala diretamente sobre o direito de ir e vir dos profissionais da imprensa, a segunda debate sobre cada indivíduo em geral e sua forma de manifestar seus sentimentos e convicções livre de preconceitos e atos de repúdio. Ambas tratam, portanto, da liberdade de relatar algo a outros sem que haja depreciações e violência por parte daqueles que ouvem e discordam das opiniões. Dessa forma, possuem também semelhanças na base de suas criações.

A liberdade como um todo não é um princípio absoluto. Isso quer dizer que ela está aliada à subjetividade e possui limites, principalmente no que diz respeito à dignidade humana.

Mas há, de forma consensual, um desconhecimento entre as diferenças entre regulamentação e censura das liberdades. Segundo Pena (2006), os jornalistas possuem dificuldades em entender que a regulamentação da profissão é definida de forma igualitária por órgãos representativos da sociedade, ao contrário da censura, que é a proibição de qualquer liberdade ou manifestação.

A liberdade de expressão refere-se, mais do que à liberdade de pensamento, à liberdade de expressar-se e de produzir, e é garantida pela Declaração Universal do Direito do Homem, adotada pelas Nações Unidas desde 1948. É um direito fundamental e individual dos cidadãos, presente na Constituição Brasileira. Já a liberdade de imprensa é a garantia da transmissão de um fato, uma notícia, e também está assegurada na Declaração Universal.

A dignidade humana se refere ao reconhecimento da pessoa humana como ser dotado de pensamento, de inteligência e de ações. Pode ser um fator moral ou espiritual, mas que de forma alguma deve ser violado e, apesar de ser diferente para cada pessoa, deve ser igualmente respeitado por todos dentro de uma sociedade. É no âmbito da dignidade humana que se localizam as liberdades, tendo o ser humano autonomia para decidir e agir.

A liberdade existe de muitas formas e com vários nomes: liberdade de amar, de sentir, de expressar, de ter uma crença religiosa, de votar, de decidir. Engloba mais do que uma possibilidade de escolha, e a decisão que o indivíduo tomará irá partir nada menos do que da sua vontade.

Bobbio, segundo Leal e Thomazi (2012, p. 9), acrescenta que “no Estado de direito, o indivíduo tem, em face do Estado não só direitos privados, mas também direitos públicos. Estado de direito é o Estado dos cidadãos”.

Rouanet (1987) cita que a liberdade não existe sem a democracia. Ela deve ser criada, renovada e reinventada sempre. Como escreve Novaes (2002), as discussões sobre a liberdade e a democracia devem ser permanentes.

Sartre (1978, p.226) cita que “[...] O homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo é responsável por tudo quanto fizer...”. O filósofo francês explica que se o homem é livre para agir e, se não houver valores para guiá-lo, deve ele próprio criar suas convicções. Conforme anteriormente citado por Neto (1989), as escolhas liberais não podem perturbar os direitos e liberdades de terceiros. Toda e qualquer liberdade não é um princípio absoluto, uma vez que

possui limites que a orientam. Dessa forma, Pena (2006) entende que as liberdades se chocam com a subjetividade e a dignidade humana, que por sua vez exige o respeito pelo próximo.

Segundo Rodrigues Júnior (2009), a liberdade de expressar-se foi reconhecida em 1789, com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, logo após a Revolução Francesa. Rodrigues Júnior (2009), conforme Pontes de Miranda, acredita que a liberdade de expressão advém da liberdade de pensamento, porém se difere da última por ser uma liberdade do indivíduo com os outros seres humanos. Citando o autor Alexandrino, Rodrigues Júnior acrescenta, ainda, que a liberdade de expressão é a mãe de todas as outras liberdades. Já Pérez Luño, citado por Rodrigues Júnior (2009, p.68), cita que

Sem a liberdade de expressão, o ser humano deixa de ter dignidade, uma vez que não pode fazer o que nasceu para fazer: comunicar-se. Sem serem livres para expressar o pensamento, os homens deixam de cooperar, de viver em sociedade e de crescer como seres pensantes.

Já a liberdade de imprensa surge por se considerar que se trata de um pilar para a democracia, pois induz as pessoas a manifestarem suas opiniões, a debaterem criticamente sobre a vida moral e social. Segundo Pena (2006), os primeiros resquícios da liberdade de imprensa surgiram na Inglaterra em meados de 1695.

Para Lima (2010), a liberdade de imprensa torna-se relevante a partir da Revolução Francesa, quando o cargo de *imprimeur* (regulador das impressões) foi abolido e os textos passaram a ser publicados sem a aprovação prévia do governo. O termo, então, se refere ao fato de imprimir sem censura governamental. Segundo Lima (2010, p.43), porém, isso não tem nada a ver com o assunto que foi impresso. Para ele, “o público em geral será o juiz do assunto”.

Leal e Thomazi (2012) ressaltam que a liberdade de imprensa possui limites internos e externos. Internamente, deve prezar pelo compromisso com a veracidade dos fatos. Já externamente também possui limites, visto que suas publicações afetam direta ou indiretamente a vida dos cidadãos. Portanto, a liberdade de informação não se restringe apenas à organização. Ela parte do direito social de receber informações de forma verídica, sem alterar ou omitir verdades (SILVA, M. 2014).

Para Leal e Thomazi (2012), a liberdade de imprensa corre perigo quando da existência de um monopólio de empresas midiáticas, que acabam por ser formadoras de opiniões sociais a partir de seus interesses e daquelas empresas que a patrocinam.

Para as autoras, esse fato pode ser corroborado pelas teorias mais recentes do jornalismo, que acreditam no processo de interação social dentro e fora das empresas

midiáticas, mais especificamente a subordinação nem sempre intencional da imprensa aos considerados “definidores primários”. Ou seja, a imprensa ajuda a manter no poder o sistema político-capitalista através de uma sistematização do acesso às fontes de notícia, provocada pela rotinização de trabalho.

A mídia trabalha com a "informação espetáculo" (LEAL; THOMAZI, 2012, p.6), na qual as notícias de interesse público são atropeladas por notícias de interesse do público, tais como criminalidade, violência, mundo artístico, econômico ou político. As vítimas desse mundo midiático acabam, muitas vezes, tendo sua honra e direitos privados degradados.

A mídia espetacularizada contribui para que a difamação seja cada vez mais vista como algo normal, que não traz consequências àqueles que a proferem. Dessa forma, deixa-se de noticiar sobre aquilo que é importante para a sociedade e, principalmente, deixa-se de motivar a sociedade a discutir seus problemas, em troca de assuntos que pouco ou nada agregam ao bem-estar da população.

Sarlet, citado por Leal e Thomazi (2012, p 8), descreve que

[...] onde a liberdade e autonomia, a igualdade (em direito e dignidade) e os direitos fundamentais não forem reconhecidos e minimamente assegurados, não haverá espaço para a dignidade da pessoa humana e esta (a pessoa), por sua vez, poderá não passar de mero objeto de arbítrio de injustiças.

Portanto, liberdade de imprensa, dignidade humana e mercantilização das ideias são elementos intrinsecamente relacionados, já que a informação, atualmente, não deixa de ser considerada um produto da indústria e dos grandes poderes econômicos. Para Pena (2006), ela é moldada conforme seus interesses.

Diante da realidade atual, vemos diariamente liberdades pessoais sendo constantemente violadas pelos meios de comunicação. A mídia procura justificar suas atitudes tendo como base a liberdade de imprensa, porém se esquece que, além de estar infringindo leis, está desrespeitando a dignidade humana.

É possível citar novamente, nesse caso, o massacre de jornalistas do Charlie Hebdo ocorrido na França, depois que o jornal satírico utilizou da liberdade de imprensa para representar os muçulmanos de tal forma que eles a consideraram abusiva e desrespeitosa dentro de suas crenças. Como manter a liberdade de imprensa nos moldes ocidentais diante de crenças tão diferentes e sem desrespeitar a cultura muçulmana?

A espetacularização da informação muitas vezes agride direitos fundamentais do ser humano, como privacidade, honra, imagem, direitos autorais e, ainda, a ordem pública. Isso ocorre, conforme Rodrigues Júnior (2009), por que a mídia deixa de cumprir seu papel

principal, o de transmitir informações, para tratar de assuntos que agredem a dignidade humana através de um elevado uso da subjetividade e de juízos de valor.

Stevanim (2006) relata que a liberdade de imprensa quase sempre foi pautada como um ideal a ser conquistado pela mídia, apesar de sabermos que por trás da notícia sempre existe algum poder influenciador. A fala, segundo ele, é normalmente dada àqueles que têm algo para dar em troca. O autor cita Bauman ao enfatizar que a democracia foi e sempre será necessária às sociedades, porém não é suficiente para controlar as ações públicas, igualdades ou liberdades inerentes.

Há ainda, dentro da liberdade de imprensa, a confusão entre censura e regulamentação da profissão. A censura, segundo o autor, é o ato de proibir os indivíduos de manifestar suas opiniões. Já a regulamentação é definida de forma igualitária por órgãos que representam a sociedade, como o Legislativo. Pena (2006) enfatiza que não é coerente que todos os demais setores da sociedade (Justiça, polícia, saúde, assistência social) sejam regulamentados e a imprensa, não. Assim como todos os outros setores e indivíduos da sociedade devem obedecer às leis previstas, tal deveria também funcionar com a mídia. O jornalismo é um serviço público e, dessa forma, não haveria motivos para que não fosse regulamentado, assim como ocorre com todos os setores da sociedade, a exemplo da educação, saúde, trânsito e moradia.

Rodrigues Júnior (2009) cita o filósofo Karl Popper, que vê a mídia em um patamar de descontrole, contradizendo princípios como os de trabalhar a favor da democracia. Rodrigues Júnior (2009) defende o controle sobre as organizações midiáticas, para que deixemos de ser manipulados por notícias intencionadas e mercadológicas e possamos ter novamente na mídia um instrumento de debate social e político.

Para Rodrigues Júnior (2009), o conflito entre os direitos pessoais e os direitos da sociedade torna-se complicado de resolver, uma vez que ambos são garantidos e protegidos pela Constituição. Essa situação é cada dia mais relevante para a imprensa, visto que muitas são as reclamações sobre atentados à vida privada causados pelos meios de informação. Conforme Lima (2010, p.42),

Um homem não demanda liberdade antecipadamente para falar algo que ele tem a dizer, mas ele se torna responsável depois pelas atrocidades que ele pode ter dito. Da mesma forma, se um homem faz a imprensa dizer coisas atroz, ele se torna tão responsável por elas como se ele as tivesse dito pela boca.

É preciso que o meio jornalístico entenda e aceite que a liberdade de imprensa não é absoluta, assim como nenhum outro direito o é. Bucci, segundo Rodrigues Júnior (2009, p.32), cita que

[...] os piores problemas da imprensa são problemas construídos no interior das empresas de comunicação por forças e interesses que ultrapassam os domínios de uma redação e nada têm a ver com os interesses legítimos de seus telespectadores, leitores, ouvintes.

Para ele, a discussão da ética dentro da imprensa tem somente um interessado, que é o cidadão. E para que essa discussão possua algum valor, é necessário que não só os jornalistas se atenham a debater suas práticas, mas sim que toda a organização midiática remodele seus conceitos sobre o que é fazer notícia.

As limitações às liberdades datam da criação da imprensa, no século XV, quando as liberdades de expressão e de imprensa eram aliadas de fundamental importância contra o Estado e a Igreja, que praticavam censura, coibindo as pessoas a não se manifestarem e limitando os assuntos noticiados de forma que agradassem seus interesses. Isso porque talvez já intuíssem o que afirma Traquina (2001), baseado na hipótese de agendamento de McCombs: os jornalistas têm o poder da influência não só sobre os conteúdos apresentados, mas sobre o que e como pensar. Se tornam, assim, agentes sociais de suma importância.

Ainda segundo o autor, uma das diferenças que devemos observar entre liberdade de expressão e de imprensa é que, enquanto o pensamento expressado não necessariamente precisa ser verdadeiro ou fazer sentido, o mesmo, teoricamente, não pode ocorrer na imprensa, uma vez que o papel da mídia é ser fiel ao relato e não admitir mentiras.

Rodrigues Júnior (2009, p. 453-454) cita ainda Miranda ao afirmar que a liberdade de expressão pode ser entendida como a exteriorização do pensamento de forma oral, escrita, com gestos ou até mesmo em silêncio. Já a liberdade de informação é a "interiorização de algo externo", que pode significar o direito de aprender ou transmitir algo.

Uma liberdade envolve fatos, a outra, opiniões. Porém, são interdependentes, uma vez que para expressar-se sobre algo é necessário um motivo, um fato; e os fatos, na maioria das vezes, são descritos com alguma subjetividade, tanto na elaboração da notícia como na decisão organizacional e editorial.

No cotidiano percebemos que as liberdades de imprensa e de expressão são pouco entendidas pela sociedade e pelo meio midiático. Mesmo aqueles que sabem os limites da

liberdade de imprensa se fazem de desentendidos, independentemente de haver leis que regem essa prática e que a deveriam punir.

Corroborando com as afirmações dos diversos autores, Lima (2010) acredita que a liberdade de expressão não pode ser atribuída como propriedade por ninguém, visto que é direito de cada pessoa. E se a liberdade de expressão hoje é exercida através da mediação da imprensa, essa última não deveria ser comandada por interesses privados. Para Lima (2010, p.36),

O direito à comunicação significa hoje, além do direito à informação, garantir a circulação da diversidade e da pluralidade de ideias existentes na sociedade, isto é, a universalidade da liberdade de expressão individual. Essa garantia tem de ser buscada tanto externamente - através da regulação do mercado - quanto internamente à mídia - através do cumprimento dos manuais de redação que prometem (mas não praticam) a imparcialidade e a objetividade jornalística.

Para reger a atividade jornalística foi aprovada a Declaração dos Deveres e Direitos dos Jornalistas em 1971 em Munique, na Alemanha. Ela foi assinada por sindicatos e federações de seis países da União Europeia: Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Itália e Luxemburgo. Um ano após a aprovação, a Federação Internacional dos Jornalistas, sediada em Bruxelas, Bélgica, adotou o documento. Desde então, organizações de jornalistas profissionais de todo o mundo se encontram para discutir códigos de ética e a atuação dos jornalistas (ABI, 2016; Sindicato dos Jornalistas, 2010).

Conforme o documento, é dever do jornalista: fazer jus à verdade; defender a liberdade de informação, de comentários e de críticas; publicar informações de fontes confirmadas, não falsificar documentos ou esconder informações importantes; obter informações, fotografias e documentos somente a partir de métodos éticos; respeitar a vida privada de cada indivíduo; não divulgar as fontes que desejam ser confidenciais; não praticar o plágio, calúnia, difamação ou acusações sem fundamentos ou se aceitar vender em prol de vantagens profissionais; saber diferenciar o papel do jornalista do profissional de publicidade e propaganda; e recusar pressões que venham de fora do ambiente de trabalho.

Já nos encontros com os profissionais jornalistas através da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que ocorreram de 1978 a 1983, cerca de oito agremiações internacionais firmaram dez princípios que devem reger a profissão de jornalista. Entre eles estão: a) a garantia do direito à informação verídica, sem distorções e de forma objetiva por parte dos jornalistas; b) a informação jornalística deve ser um serviço social, sendo que o profissional não está isento de responsabilidade sobre o que publica; c) o jornalista respeitará o direito à privacidade e dignidade humanas, abstando-se de caluniar ou difamar o

próximo; d) respeitará a comunidade, as instituições e a moral pública; e) o jornalista respeitará os valores universais humanos, que incluem a paz, democracia, direitos humanos, valor e dignidade, a cultura e o direito de ir e vir de cada cidadão; f) o profissional deve evitar incitar agressões, guerras, conflitos de qualquer gênero, ódio ou discriminação (ABI, 2016; Sindicato dos Jornalistas, 2010).

Vázquez, segundo Bahia e Rigueira (2009, p.6), esclarece o que significa ser alguém ético: “Não lhe cabe formular juízos de valor sobre a prática moral de outras sociedades, ou de outras épocas, em nome de uma moral absoluta e universal, mas deve, antes, explicar a razão de ser desta pluralidade e das mudanças de moral [...]”.

O caso do jornal Charlie Hebdo pode ser analisado diante destes princípios e também é possível questionar sua postura em relação ao sensacionalismo.

Goés (2013) acredita que a chamada *penny press*, ou imprensa a um dólar, surge a partir de 1830 nos Estados Unidos. À época, os jornais mais baratos e acessíveis surgem como alternativa aos veículos elitizados. Já nesta época se percebe a transformação do jornalismo em uma empresa, que fornece notícias como produtos a serem vendidos. Como qualquer empresa, existem técnicas de mercado e a necessidade de disputar com a concorrência. Inclui-se, então, o sensacionalismo como mecanismo de venda e de atração de público. “O formato privilegiado em que esse jornal popular vai se desenvolver é o do sensacionalista, com o objetivo de atrair amplas audiências e, por consequência, auferir lucros” (GOÉS, 2013, p.7).

Para Jorge (2008), o sensacionalismo jornalístico é caracterizado pela falta de rigor profissional durante a apuração da notícia. Para ser sensacionalista, uma matéria deve chocar, exagerar os fatos, apelar para a emoção do leitor e mexer com suas sensações, sejam elas boas ou ruins. As informações sensacionalistas nem sempre são relevantes. Hoje o uso de recursos como vídeos, fotografias e áudios ajudam a dar destaque a matérias com esse viés. Estas matérias normalmente possuem trechos como “confira o vídeo do ataque”; “ouça o áudio que revela o flagrante” ou “veja a galeria de imagens do atentado”.

Seligman e Cozer (2009) citam Amaral, que considera possível afirmar que todo o jornal é sensacionalista, porque usaria artifícios de persuasão para atrair leitores. Para ela, a diferença entre os apeladores de carteirinha e os considerados sérios seria apenas a intensidade com que usam esses artifícios.

Em contrapartida, Seligman e Cozer (2009) citam Enne ao relatar que os veículos sensacionalistas herdaram quesitos culturais das sociedades. O sensacionalismo, segundo ela, é definido por critérios como: especulação de temas relacionados a crimes ou fatos

extraordinários, com foco no corpo vitimado; a utilização de verbos e expressões corporais que personificam, como “arma fumegante”, “voz gélida”; presença constante de ilustrações, como fotos com detalhes do crime ou tragédia, imagens lacrimosas, ou histórias em quadrinho reconstruindo a história do acontecimento, etc. Todos esses artifícios foram não só utilizados pelos três jornais para chamar a atenção do público leitor para o atentado ao Charlie Hebdo, mas também pelo próprio semanário francês, que usa charges apelativas para falar sobre temas fortes como as crises migratórias, o povo islâmico, sua cultura e o extremismo. Como a charge relaciona imagem e texto, ambos são combinados para chocar o leitor e mexer com suas emoções.

Marcondes Filho, segundo Tondo e Negrini (2009), cita o sensacionalismo como a prática de mercantilizar a notícia. A informação é, portanto, um produto a ser vendido, e vende mais quem souber melhorar mais sua aparência. Para o autor, as emoções e o lado sentimental do público são o viés do sensacionalismo.

Já Pedroso, citado por Amaral (2005, p. 5), acredita que o sensacionalismo é baseado em “critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação e construção do real social”. Complementando, Amaral (2005, p.5) cita Angrimani Sobrinho, que define como sensacionalista a matéria que amplia o tratamento dado a um fato, sendo que este não mereceria tanto destaque. “Se trata de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso”. É, ao produzir uma notícia, extrapolar o limite entre o que de fato ocorreu e o que foi dito para atrair a atenção do público.

Diante do exposto, pode-se opinar de modo ainda antecipado que o uso da liberdade de imprensa pelo Charlie Hebdo feriu alguns princípios jornalísticos e assumiu algumas características sensacionalistas.

4 TEORIAS DO JORNALISMO

O presente capítulo aborda as teorias do jornalismo, necessárias para entender quais os processos utilizados pelos grupos midiáticos para informar, montar a notícia, quais os itens levados em consideração para a elaboração das informações e como o papel de cada jornalista dentro de uma instituição é definido a partir do agendamento da notícia. Identificar quais são os critérios que tornam um acontecimento notícia sempre foi uma das premissas básicas do Jornalismo.

a) **Newsmaking**

Com o advento da Teoria do *Newsmaking*, por volta da década de 1970, torna-se ainda mais perceptível o papel do jornalista como construtor de notícias. Deixa-se de lado a teoria de que o jornalismo é um espelho da realidade e passa-se a enxergar que várias condicionantes atingem o trabalho do jornalista até que ele tenha em mãos seu produto final.

Traquina (2001) lembra que o jornalista é subjetivo, mesmo que de forma não intencional. A fachada de jornalismo legítimo, com credibilidade e desinteressado pregada no século XIX, segundo ele, servia de tática para que a empresa midiática crescesse e se tornasse um negócio lucrativo. Naquela época, essas características eram importantes para camuflar os jornais como meios partidários e políticos.

Há autores que classificam o jornalista como criador de histórias. Conforme Araújo (2011), é importante ressaltar, no entanto, que esse profissional não inventa os fatos, diferentemente das histórias literárias.

Para Resende, citado por Araújo (2011), além de definir os temas públicos, no que é chamado de *agenda setting*, a mídia “interfere no *status quo* e recria modos de vida”, uma vez que o público leitor percebe as notícias de formas diferentes e retira da mídia o que sabe acerca

do dia a dia. Como citado anteriormente, a mídia tem papel relevante nas transformações sociais e, desta forma, o comprometimento dos jornalistas com a realidade dos fatos é fundamental. Segundo Araújo (2011, p.10), “as significações que atribuímos aos fenômenos sociais dependem dos significados facultados pelos media”. Ainda citando Resende, Araújo (2011) acredita que o olhar do jornalista narrador é sempre atravessado por toda a carga sociocultural que ele carrega consigo. Esse fato pode limitar seu olhar e constranger a sua percepção da realidade. Dessa forma, cabe ao narrador da notícia abrir os olhos para a existência de uma realidade diversa, repleta de verdades variadas.

A diferença na construção do personagem jornalístico em relação ao personagem literário é que o primeiro é calcado em deveres referenciais do jornalista enquanto enunciador (escritos). Hamon, citado por Araújo (2011), indica que é isso que confere ao jornalismo o estatuto de legitimidade. Por meio da construção de determinados tipos de personagens narrativos, que nem sempre são fiéis aos atores sociais envolvidos em determinadas ações, é possível criar universos carregados de interesses pessoais e ideológicos, dos quais o público se torna refém.

O processo produtivo da notícia é, para Wolf (2001), a principal característica do *Newsmaking*. O autor acredita que a mídia está envolta em rotinas de produção. Como se fosse uma fábrica, a empresa jornalística precisa produzir a notícia em larga escala e num período cada vez mais curto de tempo. E para agilizar a captura das informações, é preciso critérios norteadores, como os de noticiabilidade e os valores-notícia. Segundo Wolf, o processo produtivo da notícia passa por três fases: a recolha de dados, a seleção de informações e a apresentação.

Durante o processo de recolhimento de informações, muitas empresas midiáticas se valem de agências de notícias, *releases* de fontes institucionais. Dessa forma, a redação recebe as notícias e as reestruturam de forma que sirvam para seu propósito e a partir de seus critérios de noticiabilidade. Já as fontes que repassam as informações são, normalmente, consideradas estáveis e de confiança. Esse formato de recolhimento é, portanto, vitimado pelo fator tempo das organizações. O jornalista, por sua vez, passa de repórter para um ajustador de notícias prontas. Dessa forma, a mídia fica refém das agências de notícias e dos definidores primários, que serão citados mais adiante neste trabalho. Também são reféns os jornalistas, que possuem em suas agendas eventos predeterminados que deverão tornar-se notícia. Os acontecimentos são previstos e agendados para ocorrerem em locais onde há possibilidade de cobertura e onde

obterão mais destaque, segundo Wolf (2001). Concentrações maiores de pessoas ou locais de maior importância normalmente são os escolhidos para prostrar os jornalistas.

Golding e Elliot, segundo Wolf (2001, p.237-238), citam que “A atitude negativa em relação às notícias de agenda de serviço generalizou-se, revelando que a sua persistência é devida a imperativos organizativos mais fortes do que os propósitos e as preferências dos jornalistas”. No processo produtivo da notícia incidem, portanto, os critérios de noticiabilidade e decisões do que passa ou não pelos seus *gates*.

b) Critérios de Noticiabilidade e Valor-Notícia

Os eventos não têm regras que explicam se devem ser ou não acompanhados pela imprensa. São os jornalistas que decidem sobre o valor-notícia das programações. Já os jornalistas, que representam toda a sociedade, se responsabilizam pela transmissão das informações sobre o respectivo evento. Pessoas locais ou distantes absorvem as mensagens, que hoje podem ser obtidas pela mídia digital.

Para Shoemaker (2011), apesar de todos os fatores abordados, o valor-notícia é apenas uma variável no contexto jornalístico. Informações que contêm histórias e lições de vida tendem a ser mais atraentes e lembradas quando comparadas com uma comum cobertura de um evento rotineiro. Isso porque o público receptor consegue se colocar no lugar do protagonista, deixando florescer a imaginação. Assim, reportagens com mensagens de vivência, com fotografias diferenciadas, que retratam os personagens, têm mais chances de serem veiculadas e ganharem maiores espaços.

Informações sobre pessoas conhecidas são classificadas pelos receptores como ainda mais interessantes. Mas, para que elas tenham a importância necessária, é fundamental que as matérias sejam veiculadas em primeira mão.

Shoemaker (2011) considera que informações e itens que podem ser utilizados em enredos e temas familiares têm maiores chances de entrarem no noticiário. Número, potência e polaridade são características que auxiliam na determinação do futuro de uma mensagem dentro das organizações comunicacionais. Critérios de noticiabilidade são cruciais na seleção de pautas que serão produzidas e veiculadas.

Traquina (2001) cita que critérios de noticiabilidade nada mais são que valores-notícia e servem para orientar o processo de produção das notícias. Vizeu é citado por Soares (2007, p. 22) ao acreditar que noticiabilidade é:

O conjunto de elementos com os quais as empresas jornalísticas controlam e produzem a quantidade e o tipo de fatos, entre os quais vai selecionar as notícias. Os valores-notícia são critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo de produção, isto é, não estão presentes só na seleção de notícias, mas participam de todas as operações anteriores e posteriores à escolha. Eles são dinâmicos, mudam em função de aspectos culturais, sociológicos e das tecnologias.

Soares (2007) cita que a necessidade de pensar sobre critérios de noticiabilidade surgiu a partir da grande quantidade de informações que adentravam as redações durante o dia. Se antes o jornalismo era focado na qualidade do produto prestado, sua produção passou a ser veloz e voltada para a disputa por audiência. Conforme Traquina (2001), essa concorrência pelo furo jornalístico exigiu que os profissionais buscassem novas maneiras de produzir notícias, tentando manter os resquícios de um jornalismo sério, profissional e com conteúdo. Os critérios de noticiabilidade surgem, assim, para agilizar a produção e padronizar as notícias, acabando por formar uma espécie de mecanização do trabalho. Com diversas notícias disputando pela atenção da mídia, eram necessários critérios para escolher qual produto se destacaria frente aos demais. Entre os elementos que norteiam os critérios de noticiabilidade estão o público-alvo, custo de produção, linha editorial, qualidade da imagem e formato do produto, entre outros. Para Traquina (2001), a cobertura do acontecimento, a quantidade de notícias sobre determinado acontecimento já disponível e divulgada e a disponibilidade de elementos visuais para complementar a notícia também são critérios levados em conta para transformar o fato em notícia.

Soares (2007, p.22-23) lembra, ainda, que a seleção dos acontecimentos é também influenciada pela política editorial com a qual o jornalista trabalha, além da rotina do profissional e de seus contatos. Esses quesitos, relacionados com as organizações jornalísticas, muitas vezes atrapalham a escolha daquilo que é melhor para o público.

Se o texto jornalístico é um ato de linguagem que transforma a percepção e os critérios de noticiabilidade estão diretamente envolvidos na construção do texto, quer dizer que eles limitam a forma com que o público tomará conhecimento de um assunto e, conseqüentemente, são responsáveis por possíveis manipulações ou omissões de fatos.

Gislene Silva (2014, p.52) considera como critérios noticiosos as

[...] características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais.

A autora acredita que os os critérios de noticiabilidade e valores-notícia dependem da cultura e da sociedade na qual o veículo informativo está inserido. Isso porque a notícia é um produto cultural construído a partir da vida em sociedade.

Gislene Silva (2014) se baseia na obra de Gans ao afirmar que cada empresa midiática apresenta uma estrutura distinta quanto ao meio de organização do trabalho, o que faz com que os meios de selecionar as notícias variem de um veículo para outro. Por outro lado, Guerra (2004) cita Challaby, o qual entende que os critérios que o jornalista considerava adequados para selecionar e construir os textos foram sendo substituídos por aqueles considerados relevantes para a audiência. Dessa forma, da tentativa de vender mais surgiu a midiatização de notícias que nem sempre possuem fundamento social.

Soares (2007) lembra que cada redação estabeleceu seus critérios para noticiar. A mídia como um todo adquiriu um padrão de escolha das informações, tornando as notícias muito semelhantes. Aqueles veículos que tentavam se distanciar desse padrão corriam o risco de perder a credibilidade junto ao público leitor. Com esse exemplo, Soares enfatiza que os padrões de escrita são ditados por mídias de maior credibilidade, que detêm o poder de escolha. Dessa forma, a seleção de notícias de um jornal passou a ser também diretamente influenciada por essas empresas.

Segundo Soares, foi a partir de 1960 que começaram a surgir os conceitos de valor-notícia, simultaneamente à criação de teorias sobre o jornalismo. A seleção dos fatos começa na escolha entre os acontecimentos que devem ser noticiados. É preciso não apenas escolher, mas hierarquizar as notícias.

O valor-notícia cerca a noticiabilidade do acontecimento levando em conta a origem do fato, o fato em si, o acontecimento isolado, características essenciais, atributos inseparáveis ou aspectos substantivos do acontecimento. Atuam no processo de produção das informações, estando presentes na seleção e nos processos posteriores, como, por exemplo, o tratamento do fato.

Traquina (2001) lembra Hall, que considera que o conceito de valor-notícia se dá na compreensão de que a notícia é uma construção social e/ou produto cultural. O saber de reconhecimento é a capacidade de elencar quais os acontecimentos que têm valor como notícia.

Peucer, segundo Traquina (2001), afirma que o comum tem pouco valor informativo. Para elencar o que realmente poderia ser noticiado, considerava fatos que envolviam monstruosidades, obras, intempéries da natureza, fenômenos descobertos, movimentos, entre

outros. Já Stieler dizia, conforme Gislene Silva (2014), que os redatores deveriam saber distinguir entre o que é importante e o que é comum. Alguns fatores por ele elencados para auxiliar o redator na escolha dos temas envolviam o quão novo era o fato, a proximidade geográfica, a proeminência e o negativismo.

Lippmann, segundo Traquina (2001), elege como atributos clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal. A partir de trabalhos de campo, diversos pesquisadores propõem diferentes listagens de atributos dos acontecimentos, características que se tornaram necessárias para que fatos fossem selecionados como notícias.

Ampliando o pensamento, Traquina (2001) cita Galtung e Ruge, que apresentam doze valores notícia. São eles: frequência, amplitude, clareza ou falta de ambiguidade, relevância, conformidade, imprevisão, continuidade, referência a pessoas e nações de elite, composição, personificação e negativismo. Gislene Silva (2014) cita Bond, que apresenta como valores-notícia proeminência, interesse pessoal ou econômico, injustiça, catástrofe, interesse universal, drama, número de pessoas afetadas, grandes quantias de dinheiro, descobertas ou invenções e crime ou violência. Contribuindo com a listagem, a autora acredita que os valores-notícia podem ser divididos entre macro e micro, uma vez que sem o primeiro grupo, o segundo, mais aprofundado, não ocorre. São macro: atualidade ou novidade, importância, interesse, negativismo, imprevisibilidade, coletividade e repercussão. Estes, segundo ela, constituem os pré-requisitos para que um fato se torne notícia.

Para Wolf (2001), o enaltecimento do humanismo, a empatia pelo assunto e curiosidades também são considerados valores-notícia, assim como o impressionismo e a quantidade de violência relatada, fatores que costumam chamar a atenção do leitor. “A própria organização do trabalho jornalístico está estruturalmente orientada para captar mais os acontecimentos pontuais do que as tendências constantes ou os processos sociais emergentes”, cita Wolf (2001, p.209). O autor ressalta, dessa forma, a importância do uso adequado dos valores-notícia e critérios de noticiabilidade para manter a atenção e o interesse do público. Os diferentes critérios ajudam a selecionar os fatos que serão transformados em notícia a fim de constituírem a agenda a ser ofertada aos públicos.

b) Teoria do *Gatekeeping*

Shoemaker (2011) relata que esta teoria surgiu como uma tentativa de explicar o processo interativo-comunicacional do ser humano. Segundo a autora, Kurt Lewin e David

Manning White foram os autores que primeiro tentaram entender o relacionamento e as decisões humanas através de estudos equacionais. Para Lewin, o campo psicológico do indivíduo é constituído pela pessoa e pelo ambiente ao seu redor, o que possibilita modelar seu comportamento. Seu estudo concluiu que o comportamento humano era controlado por portões (*gates*), que são, simbolicamente, os atos decisórios que permitem uma ação chegar mais perto de seu propósito/finalidade. Forças determinam se uma informação vai ou não atravessar um portão. O processo de *gatekeeping* também envolve uma série de escolhas tomadas pelo *gatekeeper*, de forma a tornar o produto final mais atraente, incluindo rejeitar todo o produto ou partes dele por meio de seleção.

Lewin acreditava que essa teoria era de aplicabilidade geral. Porém, White foi além e relacionou os conceitos de Lewin com os atos comunicacionais. Convencido de que editores em redações funcionavam como *gatekeepers*, o autor realizou uma pesquisa com um editor anônimo de uma pequena cidade. O objetivo do estudo era tentar entender os critérios por trás da seleção de determinados conteúdos publicados. Em cerca de $\frac{1}{3}$ das vezes, Mr. Gates - objeto da pesquisa -, tomou a decisão de descartar materiais de acordo com a sua avaliação pessoal da história (Shoemaker, 2011).

Conforme Soares (2007), a subjetividade e os juízos de valor são o que, na maioria das vezes, pautam os textos de um jornalista. Neste caso, o profissional e o pessoal se misturam. Os *gatekeepers* podem facilitar ou restringir a difusão de informação conforme decidem quais mensagens permitirão atravessar os portões e quais impedirão, transformando-os em importantes autores no processo de difusão.

A informação passa por um longo processo até chegar ao público. A notícia está envolta em uma série de condicionantes institucionais que variam conforme o veículo de comunicação. Nesse caminho, a matéria vai sendo construída e modificada na medida que passa por cada portão ou avança etapas. O destaque que a informação terá no produto final vai ser o resultado deste trajeto. A primeira porta se abre no momento em que a informação passa a ser entendida como mensagem. Ela pode surgir de diferentes maneiras. Shoemaker (2011) aborda Sigal, que divide as fontes de informação. Segundo o autor, elas podem aparecer por canais informais, como fatos públicos, e canais empreendedores, que são fruto da investigação jornalística. Ao quebrar a primeira barreira, a próxima atitude é a de classificar a relevância da mensagem. No canal empreendedor, as fontes do jornalista podem alertar para acontecimentos, ou ele próprio pode presenciá-los.

A facilidade com que uma informação pode atravessar o portão passa por condicionantes independentes do fato. Os dias da semana são um exemplo. Há conteúdos que ganham espaço nos finais de semana, pela diminuição de jornalistas nas redações, e que durante a semana poderiam não ser publicados. O tamanho do portão é característico de cada veículo de comunicação.

Conforme Shoemaker (2011), as agendas dos jornalistas e os murais das redações estão repletos de eventos semanalmente, dos mais comuns aos mais importantes. Fica a cargo dos chefes de redação indicar quais assuntos serão veiculados nos periódicos. Afinal, é preciso avaliar o valor-notícia envolvido nas pautas.

d) Agenda setting

Traquina (2001) cita Walter Lippman e McCombs como aqueles que iniciaram os estudos da Teoria do Agendamento. Lippman conjecturou que as organizações de comunicação ajudam o público a construir mapas cognitivos da realidade. Assuntos mais destacados pela mídia serão os assuntos mais falados nas conversas cotidianas. Dada a centralidade da mídia na vida humana, deste modo o campo jornalístico promove o diálogo entre diferentes campos.

Gomes, segundo Shoemaker (2011), diz que as organizações de comunicação detêm visibilidade pública, instrumento que, nas sociedades democraticamente construídas, se tornou a mediação primordial entre os cidadãos e o sistema político, por exemplo. O autor conclui que as notícias resultantes do processo de agendamento da informação, além de dar às pessoas o que discutir, imputa também a opinião pública.

Para Correia (2011), a notícia é uma construção social resultante de um processo produtivo ocorrido em um determinado local, e dos limites impostos pelo ambiente de trabalho, a redação. Dessa forma, faz relação com a Teoria do *Gatekeeping*, caracterizando-a como “uma noção que traz em si uma discussão sobre as distorções provocadas pela subjetividade na prática jornalística.”

Conforme foram melhorando as possibilidades de intervenção dos outros setores, a Teoria do *Gatekeeper* passou a ver a organização como o principal portão que deveria filtrar o que por ela passava.

e) Teoria Organizacional

Correia (2011) cita Bailey e Lichty, que acreditam que a Teoria Organizacional começa a tomar forma quando se percebe que a organização noticiosa é um dos principais portões

através do qual os itens noticiosos devem passar. As análises feitas por outros estudiosos dão conta de que a criação da notícia não passa apenas pelo arbítrio do jornalista que a produz, mas sim tem uma série de interferências externas e internas, como causas culturais e sociais. Para Traquina (2001, p. 157-158), “as notícias são o resultado de processos de interação social que têm lugar na empresa jornalística”.

Para Breed, segundo Correia (2011), o proprietário do jornal ou representante estabelece a política da organização, que deve ser seguida pelos jornalistas. Porém, nem sempre essa política é acolhida, uma vez que há fatores como a ética jornalística, a forma mais liberal com que os jornalistas realizam a investigação e a existência de um tabu, que impede o editor de obrigar os subordinados a seguir a política. O autor acredita que os jornalistas, quando são inseridos dentro da empresa, não são logo advertidos sobre as normas impostas pelos chefes da organização, e sim as aprendem junto com os mais experientes - que por sua vez não cumprem de forma totalitária as regras da instituição.

Correia (2011) continua o pensamento de Breed ao relatar que o medo da demissão, o sentimento de obediência e obrigação para com seus superiores e o desejo de ascender profissionalmente também contribuem para o conformismo. As notícias produzidas evitam o conflito com a orientação política do jornal. De todo modo, a notícia está sempre em primeiro lugar, e é por si o que une empregados e empregadores.

Em suma, Correia (2011) cita Solosky, para quem a organização das notícias é determinada pela interação entre o profissional jornalista e a empresa para qual este trabalha. Assim, as opções pelo que se torna notícia englobam os valores e ações do jornalista e os critérios editoriais do veículo midiático. Hirsch, segundo Shoemaker (2011), acredita que os jornalistas, assim como as demais organizações, são os *gatekeepers* da sociedade e se fazem necessários em todos os segmentos da indústria. O autor cita que as notícias ocorrem em todos os lugares e momentos, e cabe ao jornalista filtrar o que será ou não divulgado.

Hickey, citado por Shoemaker (2011), cita que quando uma redação é administrada da forma tradicional, enfatizando o controle autoritário, a posição que o indivíduo ocupa dentro da redação afeta a influência que ele tem no processo de *gatekeeping*.

As redações que trabalham com processo colaborativo durante a captura, escrita, seleção e edição de notícia atuam como grupo-participativas, pensando e agindo de uma forma muito parecida, independentemente do tamanho da redação, postula um estudo de Schierhorn, Endres

e Schierhorn, sintetizado por Shoemaker (2011). Por outro lado, a autora cita Demers, que encontrou indícios de que, em grandes corporações e cadeias midiáticas, a notícia tende a ser mais editada e regulada.

As diferenças entre veículos midiáticos indicam diferenças nas suas metas organizacionais. O jornalismo voltado para o mercado, por exemplo, destaca itens da vida privada ao contrário da vida pública, de acordo com Beam, citado por Shoemaker (2011). Nesse sentido é muito perceptível a influência do mercado sobre as notícias. Ainda, em redes independentes, departamentos de publicidade dependem de uma relação mais próxima com os anunciantes, conforme propõe Shoemaker (2011), citando An e Bergen.

Diferentes tipos de mídias possuem diferentes formas de *gatekeeping*. É provável, por exemplo, que itens jornalísticos interessantes para a TV não sejam para um jornal impresso ou emissora de rádio. Ainda, na mídia online, os próprios bloggers elaboram suas rotinas. Mesmo assim, afirmar que os meios determinam exclusivamente as rotinas organizacionais de *gatekeeping* é errado.

Dentro de uma organização há diversas funções. O mediador é o responsável pela compra de materiais de fornecedores, coleta de informações junto às fontes, filtragem para e a partir da organização, coleta de informações sobre o mundo exterior à organização, agir com a cara da organização para o mundo exterior e proteger a mesma quanto a ameaças externas, cita Shoemaker (2011) a partir das ideias de Adam. O processo de intermédio trabalha com essas características enquanto os *gatekeepers* se envolvem no processo de filtrar informações recebidas e produzidas.

As agências de notícias são um exemplo do papel do mediador. Elas filtram os seus produtos quando decidem para quais meios de comunicação irão direcionar suas informações. O mesmo acontece com o editor do veículo que, ao escolher de fato quais notícias serão publicadas, faz um papel intermediário. Para An e Bergen, segundo Shoemaker (2011), é preciso entender que dentro das organizações as informações passam por manipulações que podem inclusive defender os critérios dos anunciantes.

Há uma reflexão com base nessas ideias em que as agências de notícias e os jornais passariam a estabelecer semelhanças nas abordagens. Os jornais seriam criteriosos na escolha dos conteúdos das agências, enquanto elas se adequariam às características do veículo de comunicação. Nesse sentido os padrões de seleção se tornam congruentes. Na perspectiva do

mediador, quanto melhor as agências atenderem os jornais, mas os veículos utilizarão os materiais produzidos por elas.

A classificação do mediador concebe o *gatekeeper* como alguém que segue as regras de terceiros. Nesse sentido há uma variação individual na aplicação dos critérios de seleção, que é o que Adams, segundo Shoemaker (2011, p.338) chama de “erros de filtragem”. Esses problemas acontecem quando se opta por cobrir assuntos que têm menos importância para o público em detrimento de outros conteúdos com relevância.

Adams acredita que para as organizações há dois tipos de perdas quando acontecem erros de filtragem: perda direta e custos de oportunidade. Há uma tendência maior dos mediadores cometerem erros com falsas negativas do que com falsas positivas. Estudos mostram que os *gatekeepers* na abertura das portas fazem escolhas parciais. A mediação deve servir como uma ponte que facilite o encontro do público com o fato da forma mais fiel possível. E nisto incidem os valores da organização.

Ao ingressar em uma organização, o profissional absorve as normas e valores da instituição. Esse processo de conversão é chamado de socialização organizacional, conforme Jablin, citado por Shoemaker (2011). Mas, para isso, há etapas. O primeiro momento é quando a pessoa cria expectativas sobre o trabalho. Em seguida é a vez do chamado “choque da função”, que é quando o indivíduo percebe um conflito entre o real e o idealizado. Por fim, o estágio da metamorfose define se o indivíduo será aceito ou se deixa a organização.

Esses valores são importantes para exercer a função no dia-a-dia. Mas é possível ainda que essa socialização seja superficial, apenas para que o indivíduo mantenha o emprego, mas sem absorver os conceitos organizacionais para si próprio.

Janis, citada por Shoemaker (2011), propõe que a socialização substitui o raciocínio independente do jornalista pelo pensamento de grupo dentro de uma redação. Já os pensamentos de grupo podem ser divididos em três categorias, como: quando os membros superestimam o poder de seu grupo; quando os jornalistas ignoram informações que contrariem suas propostas de ações; e quando os membros do grupo são pressionados para concordar entre si. Muitas forças atuam no ambiente organizacional para influenciar o conteúdo da mídia. O poder de forças ocupa posições-chave nas empresas e ajuda a modelar o conteúdo da mídia, ajudando a reforçar a cultura organizacional. Dessa forma, o pensamento coletivo suplanta o individual.

f) Teoria Construcionista

Na Teoria Construcionista, a qual surge na década de 70, a notícia é classificada como construtora social. Ou seja, ela ajuda a construir uma realidade, através da narrativa dos fatos. Na Teoria Construcionista, a notícia deixa de ser um simples relato. Ela pode apresentar versões e enfoques diferenciados acerca de um mesmo tema. Esta teoria se opõe à Teoria do Espelho.

Quando se fala em parcialidade noticiosa, a Teoria do Espelho não é colocada em causa; já quando estudos se valem da perspectiva das notícias como construção, essa teoria é rejeitada. O profissional de jornalismo deixa claro que a realidade é como é e o que ele mesmo produz. Ou melhor, como ele próprio vê a realidade.

Traquina (2001) observa que profissionais que classificam notícias como uma construção rejeitam as notícias como forma de “espelho” por várias razões. Isso porque a) as notícias contribuem na construção da realidade; b) a linguagem neutra é impossível e, desta forma, não transmite de forma direta o significado conforme seus acontecimentos; c) a mídia noticiosa estrutura de forma própria os acontecimentos.

De forma resumida, a notícia construcionista não é uma ficção. No entanto, profissionais da área da comunicação ainda pensam que classificá-la como história ou narrativa tira seu valor de verdade. Tuchman, segundo Traquina (2001) diz que categorizar as notícias como ‘estórias’ não as rebaixa ou as acusa de fictícias. Isso se deve ao fato de que a notícia, como todos os documentos públicos, é uma realidade construída.

Segundo Traquina, distorção é um termo adequado no que tange a Teoria Construcionista. Isto quer dizer que a forma de relatar acontecimentos não é distorcida, mas sim reinventada, contada de outra maneira. Para ele, as atitudes políticas dos jornalistas determinam o processo de produção noticiosa.

Apesar de todo este contexto, ainda há jornalistas que se mostram resistentes ao modelo de notícias como construção. Para Roeh, segundo Traquina (2001, p.170), a negação está enraizada na profissão e nos próprios profissionais. Ele resume o afastamento dos profissionais de jornalismo do conceito de construção da notícia:

O fenômeno mais impressionante no jornalismo ocidental, tanto na práxis como na teoria, é a fé metafísica obstinada e conservadora de que a linguagem é transparente. Ou, de outra forma: o erro assenta na recusa dos jornalistas, mas também dos estudantes de jornalismo, em situar a profissão de onde esta pertence, isto é, no contexto de expressão humana da atividade expressiva. É a recusa em lidar com a escrita das notícias por aquilo que é na sua essência: contar estórias.

Traquina (2001) acrescenta que o conceito de classificar notícias como histórias acentua a importância de compreender a cultura noticiosa. Schudson, citado por Traquina (2001), aponta que as notícias são geradas por seres que operam um depósito no qual são armazenados significados culturais e padrões de discurso. E isso acontece de maneira inconsciente. Aquilo que importa, o que faz sentido, o tempo, o lugar, e as considerações a serem tomadas incorporam as notícias de forma cultural, tornando-se uma reflexão sobre o modo de ser das coisas. As notícias trazem à tona temas acerca de conflitos do mundo e assuntos gerais das comunidades. Deve-se reportar acontecimentos não esperados e também não vulgares para os mapas de significados, que já integram a base do conhecimento cultural das pessoas, onde um mundo social já se encontra traçado.

Traquina (2001), a partir de Carey, explica que as notícias registram formas literárias e as narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento. Uso da pirâmide invertida, do *lead*, selecionar aquilo que tem mais relevância, excluir o que é desnecessário e reunir diversos ângulos dos fatos exemplificam a maneira como as notícias constroem os acontecimentos e a própria realidade.

Para Manoff, citado por Traquina (2001), a narrativa escolhida pelo profissional de jornalismo não é, em todos os casos, livre. Essa definição geralmente é orientada pela “aparência que a ‘realidade’ assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas” (TRAQUINA, 2001 p.174). A notícia é produzida baseando-se na forma como o jornalista vê o acontecimento, que, por si só, já oferece um ponto de partida para a construção noticiosa.

Diferentemente da Teoria do Espelho, em que as notícias funcionariam como um reflexo para a sociedade, na qual tudo aquilo que é noticiado é tido como verdade, na Teoria Construcionista o jornalista é posicionado como o construtor da realidade social.

O que explica a diferença entre as duas teorias acima citadas pode ser a linguagem, que no construcionismo não pode funcionar como uma transmissora direta do significado dos acontecimentos, uma vez que não existe e há uma linguagem neutra. E o que pode vir a interferir na interpretação dos acontecimentos é a pressão das organizações, o limite de orçamento e a não previsão dos acontecimentos. São essas razões, ou fatores, que afastam a ideia da notícia como refletora da realidade na Teoria Construcionista, segundo Traquina (2001).

As informações chegam às redações das mais diversas formas. É neste ambiente que o profissional de jornalismo seleciona e edita as notícias. Neste contexto, o jornalista e/ou repórter se vale de critérios de noticiabilidade, um termo diferente de valor-notícia. Estes valores podem ser divididos em duas categorias: seleção e construção. A seleção consiste, basicamente, em avaliar os acontecimentos quando à sua importância e interesse para o receptor. Já na construção, leva-se em conta aquilo que deve ser destacado, omitido ou o que é prioridade no momento da publicação. Para Traquina (2001), o simples fato de o jornalista definir o que será veiculado contribui para a construção social da realidade. Entretanto, o trabalho não se limita a fazer estas escolhas. Ele ainda auxilia no determinar e reforçar o que é, de fato, importante.

O autor lembra que a teoria estruturalista, sendo uma ramificação da construcionista, admite que as notícias são histórias construídas através de uma cultura social nas quais os jornalistas estão inseridos. Essa afirmação se encaixa dentro do assunto Charlie Hebdo, que enfrenta estigmas sociais dentro de sociedades que não a francesa. Manoff, segundo Traquina (2001), demonstra que a história é construída através de escolhas que se baseiam no que é real para o jornalista, pelas suas percepções em relação à sociedade.

g) Teoria Estruturalista

A Teoria Estruturalista destaca, segundo Traquina (2001), o papel da mídia na reprodução da ideologia dominante. A teoria afirma que a notícia é uma construção a partir da interpretação do jornalista, tratando-o como um construtor da realidade. Traquina (2001) cita Stuart Hall *et al*, que defendem as notícias como produtos sociais, resultantes de diversos fatores, numa transformação da matéria-prima (fontes) em produto (notícia). Para eles, a mídia não apenas define quais acontecimentos possuem significado, mas também oferece interpretações para entender esses acontecimentos. Apontam, ainda, que é de extrema importância a relação estrutural entre a mídia e as fontes, chamadas de “definidores primários”. A corrida rotineira contra o tempo e as exigências quanto à imparcialidade cria uma sistematicidade no acesso às fontes, o que torna os “porta-vozes” como definidores primários. Isso quer dizer, segundo Pena (2006), que fontes de informação privilegiadas, tanto por poder econômico, institucional ou comunitário, são escolhidas de forma mais frequente pela mídia. Barbosa e Queiroz (2009, p.7), definem que

[...] pessoas com cargos institucionais, políticos, donos de empresas, delegados ou aquelas que demonstram o conhecimento sobre determinada área (como os

psicanalistas, psicólogos), entre outros, funcionam como definidores primários e norteiam o trabalho da imprensa, definindo o rumo das notícias.

Para Pena (2006), a rotina acelerada de produção dentro das redações e o fator tempo são um dos maiores influenciadores do processo de definição primária. Essas escolhas podem ser justificadas pela preferência por fontes acessíveis, que tragam confiança e credibilidade às informações e que satisfaçam a necessidade cada vez maior de obter informação no menor tempo possível.

Já Gans, segundo Wolf (2001, p.224), acredita que os definidores primários são aqueles que

[...] detêm o poder económico ou político podem, facilmente, ter acesso aos jornalistas e são acessíveis a estes; aqueles que não têm qualquer poder, mais dificilmente se transformam em fontes e não são procurados pelos jornalistas até suas acções produzirem efeitos noticiáveis enquanto moral ou socialmente negativos.

Baseado em Hall *et al*, Traquina (2001) cita que a mídia frequentemente não tem o papel de definidor primário dos acontecimentos noticiosos, porém o seu relacionamento com as fontes permite reproduzir definições daqueles que são tidos como fontes acreditadas. A mídia, então, se subordina aos definidores primários durante a produção jornalística.

Existem vários pontos de relação entre as Teorias Estruturalista e Interacionista, começando pelo fato das duas definirem a notícia como uma construção. A divergência está nas relações entre fontes e jornalistas. Na Estruturalista, as fontes são como uma estrutura rígida, como algo imutável, na qual os definidores primários possuem sempre autoridade. Já a Interacionista acredita que a detenção deste poder é resultado da vontade das fontes em aparecer na mídia. Shlesinger, segundo Traquina (2001), acredita que a posição dominante das fontes oficiais é conquistada a partir do seu *status*, poderio econômico e social, credibilidade, conhecimento e estratégias de comunicação. Já Miller e Williams, citados por Traquina (2001) defendem que os meios de comunicação representam, em sua maior totalidade, o *status quo*, ao mesmo tempo que realizam, apesar de com menos frequência, seu papel de contrapoder, admitindo a alternância de fontes.

h) Teoria Interacionista ou Etnoconstrucionista

A Teoria Interacionista define as notícias como resultado de um processo de produção, que transforma matéria-prima, ou seja, os acontecimentos, em produto, que são as notícias. A

sedimentação da matéria-prima é a escolha do que vai ser tratado como noticiável. Pensando nisso, o jornalismo traz consigo uma questão importante: quais critérios determinam o que é notícia? Esta teoria defende que é necessário que os jornalistas tenham autonomia para determinar a noticiabilidade dos acontecimentos.

Além disso, a teoria considera que os jornalistas vivem o autoritarismo em relação ao tempo. Diariamente, vivem o desafio de transformar matéria-prima em notícia, ou seja, elaborar um produto final. No campo jornalístico, não existe a opção de imprimir um jornal em branco e se justificar “hoje não temos notícia” ou terminar um telejornal mais cedo explicando que não há mais conteúdo. Os jornalistas vivem sob pressão de buscar acontecimentos para transformar em notícias.

Empresas no campo jornalístico são pressionadas todo o tempo devido à hora do fechamento, o que as obriga ainda mais a planejar estratégias. Os acontecimentos surgem de todos os lados, a qualquer momento, e as empresas devem estabelecer ordem no espaço e no tempo.

Traquina (2001) cita Tuchman, que apresenta algumas estratégias utilizadas por empresas jornalísticas para cobrir o espaço, uma vez que os acontecimentos que poderiam se tornar notícia ocorrem em determinados lugares, e não em outros. A primeira estratégia é dividir o mundo em áreas de responsabilidade com o território, a segunda se trata de observar determinadas organizações que produzem acontecimentos noticiáveis. Já a terceira e última estratégia diz respeito à divisão das empresas em editorias, as quais preenchem o jornal. Ainda conforme Tuchman, Traquina (2001) enfatiza que os acontecimentos escolhidos como noticiáveis tendem a ocorrer em determinados locais e não em outros, são consequência da ordem que os jornalistas usam para executar seu trabalho. Primeiramente, é preciso compreender que as organizações possuem seu ritmo de trabalho. Assim como se espera que acontecimentos noticiosos ocorram em determinados locais, também é esperado que eles ocorram durante o horário de expediente, pois neste período as empresas possuem maior parte de sua equipe disponível para fazer a cobertura. Acontecimentos fora do horário de trabalho precisam ser relevantes para que valha a pena deslocar um repórter para os cobrir.

Por meio de agendamento, as organizações tentam planejar as demandas, elaborando uma lista com os acontecimentos previstos, o que permite organizar o trabalho com prazo adequado. A relevância da instantaneidade das informações gera uma ênfase maior nos próprios acontecimentos e não no assunto em si. Tais acontecimentos são noticiados com base nas tradicionais perguntas do *lead*: quem, o quê, quando, onde, como e porquê.

Para Traquina (2001) é importante destacar que a teoria interacionista, também conhecida como etnoconstrucionista, vê o processo de produção das notícias como interativo, no qual diversos agentes sociais exercem um papel ativo no processo de negociação contínua.

Molotch e Lester, segundo Traquina (2001), sugerem um quadro que ajuda a melhorar a dinâmica com relação ao jornalismo, no qual identificam três tipos de posicionamento perante a organização, sendo eles: indivíduos que identificam um acontecimento como especial; os profissionais que transformam certas ocorrências em acontecimentos públicos; e os consumidores de notícias pelos meios de comunicação social. Para os autores, o executor é aquele que participa do acontecimento, já o informador é aquele que, apesar de não ter participado, informa sobre o que aconteceu. Além disso, eles rejeitam a teoria do espelho, ou seja, se recusam a ver as notícias como espelho da realidade, assim como não as veem como parte mais importante de uma realidade determinada. Também acreditam que nem todas as ocorrências são acontecimentos, considerando muito importante diferenciar os dois termos.

Os autores destacam, segundo Traquina (2001), a existência de interesses para promover determinadas ocorrências ou para prevenir que outras se tornem acontecimentos públicos. Traquina afirma que o campo jornalístico se trata de uma prioridade para ações estratégicas dos agentes sociais, principalmente do campo político, que tenta defender suas necessidades de acontecimentos com as das organizações jornalísticas. Dessa forma, se reconhece que os profissionais de jornalismo possuem as suas próprias necessidades de acontecimentos, o que é importante e define como decisivo o papel dos jornalistas no processo noticioso.

Traquina (2001) destaca os três tipos de acesso ao campo jornalístico citados por Molotch e Lester, que são o habitual, o disruptivo e o direto. No acesso habitual, as necessidades da organização ou pessoa condizem com as jornalísticas. Nesse caso, ambas estão em regiões próximas, o que facilita a aparição dessa organização na mídia e a torna mais natural. Este acesso propaga relações de poder. No acesso disruptivo, aqueles que gostariam de ter suas informações divulgadas precisam conflitar com a maneira de produzir notícias, uma vez que não possuem acesso a elas ou estão longe demais das redes noticiosas. Estes precisam fazer ou tornar-se notícia, de forma a chamar a atenção da mídia tradicional. Já o acesso direto se refere ao espaço dos próprios jornalistas para a produção das notícias. Nesta categoria entra novamente a versão do poder do jornalista como filtrador, selecionando o que será divulgado e sobre o que vale à pena escrever. Os autores avançam, enfatizando o porquê do jornalista como construtor ativo da realidade.

Contrariando a Teoria Estruturalista, na qual o jornalista tem autonomia relativa sobre a criação da notícia, a Teoria Interacionista reconhece os definidores primários, porém vai além, definindo que outros atores também podem influenciar no campo jornalístico e, novamente, ressaltando o papel do jornalista na hora de decidir sobre as notícias. Segundo Traquina (2001), ao citar Hall *et al*, enquanto a Estruturalista acredita que o campo jornalístico atua em um meio pré-determinado e que há pressões em relação ao tempo para produzir as matérias, a Interacionista defende que, às vezes, pessoas pouco reconhecidas pela mídia podem chamar a atenção mesmo que, na maioria das vezes, isso não ocorra.

Tuchman, segundo Traquina (2001), cita que a formação de uma rede noticiosa, que é a forma de captar notícias e distribuir jornalistas em locais característicos, é um grande fator para a construção das notícias. Dessa forma, aqueles que estão fora dos eixos da rede tendem a não ser noticiados, precisando ocorrer aos acessos disruptivos para serem notados. Isso significa dizer que as fontes correntes no dia a dia noticioso estão ali presentes por fazerem parte de setores sociais importantes.

A partir das redes noticiosas é que se limita a quantidade de jornalistas que atuarão em cada área, espalhando os funcionários em cada local indicado. Por trás da rede noticiosa, cita Traquina (2011), está a relação entre os jornalistas e as fontes, o cultivo que esta relação demanda à empresa midiática e os critérios de avaliação que a empresa utiliza para selecionar os agentes sociais. Conforme o autor, qualquer pessoa pode se tornar uma fonte ao jornalista, e o trabalho fundamental do construtor de notícias é saber cultivar suas fontes, de forma que possa utilizar-se delas sempre que lhe aprouver. Pode-se dizer que cabe à fonte o trabalho de transmitir a informação, para que o jornalista possa construí-la e arranjar-la dentro de uma matéria.

Traquina acredita que, para produzir boas notícias, o jornalista sabe que as fontes precisam ter autoridade, credibilidade e produtividade. As fontes que possuem autoridade normalmente possuem mais entendimento sobre o que representa ter suas falas citadas em um meio midiático e, por isso, falam a verdade. O jornalista, por sua vez, normalmente utiliza-se dessas fontes, pois sua autoridade é mais importante do que aquilo que elas realmente falam. Essa característica chama-se hierarquia da credibilidade.

O critério de produtividade refere-se àquelas fontes, normalmente institucionais, que fornecem informação suficiente para o jornalista, de forma que este não tenha que recorrer a mais fontes para finalizar sua matéria. O jornalista poupa em fontes, custos e consegue terminar suas atividades de forma mais rápida. Já a credibilidade relaciona-se com ambos os critérios citados acima. Para saber que sua notícia transmitirá os fatos de forma mais verídica possível,

o jornalista precisa saber que a fonte consultada repassará informações verídicas. Essa percepção é construída pelo jornalista ao longo da utilização dessa fonte.

A estabilidade das fontes ainda leva em consideração um terceiro fator: o tempo que o jornalista dispõe para a realização das matérias. Isso quer dizer que é mais cômodo consultar uma fonte oficial, a qual possui credibilidade e autoridade suficiente para não ser questionada. Essa atitude disponibiliza mais tempo ao jornalista e dá mais tranquilidade ao seu trabalho.

Com essa “rotina” do trabalho jornalístico, os profissionais conseguem trabalhar com maior eficácia. Aqueles que sabem lidar com vários tipos diferentes de notícias de forma eficiente são considerados profissionais. Guerevitch e Blumler, segundo Traquina (2001), citam que o fator tempo é crucial para os jornalistas; muitas vezes não há tempo para sair da rotina e tentar algo diferente. Conforme a Teoria Interacionista, os jornalistas, para escapar do incrível contingente de notícias bombardeadas a todo momento, criam o que se chama de rotina do inesperado e passam a depender dos canais de rotina. Hoch, segundo Traquina (2001), cita que a dependência entre jornalistas e as fontes sempre utilizadas acaba por torná-los mais íntimos do que deveriam ser, podendo trazer problemas para os profissionais, uma vez que nem sempre é possível ignorar essa proximidade.

Já Bennett, Gressett e Haltom, conforme Traquina, citam que essa relação dependente traz benefícios para ambos os lados, uma vez que para o jornalista, há a credibilidade, a autoridade, a eficácia das respostas. Já para as fontes, há o reconhecimento de seu trabalho e o reforço da sua legitimidade perante a sociedade. Por outro lado, o problema é que o jornalista pensa que precisa escrever para a fonte, e não para o público. Conforme o autor, na Teoria Interacionista a rotina midiática leva a uma dependência das fontes.

Para Schlesinger, segundo Traquina (2001), o acesso dos jornalistas às fontes, assim como o acesso das fontes aos jornalistas não é homogêneo. Nessa perspectiva, a mídia é um poder, e aquelas organizações que desejam tornar-se fontes precisam ajustar-se à teia jornalística, de modo que sejam percebidas pela mídia. Tuchman, conforme Traquina (2001), enfatiza que aqueles grupos que fogem do convencional normalmente são classificados como marginais. Em paralelo com a Teoria Estruturalista, a Interacionista acredita que a mídia é legitimadora dos papéis sociais e dos grupos de poder, tendendo a apoiar o *status quo*, já que as fontes provêm do poder estabelecido.

Molotch e Lester, na visão de Traquina, acreditam que tudo o que foge a essas normas de rotina é considerado estranho e impraticável pelos jornalistas. Baseado em Schudson, Traquina (2001) acredita que as notícias, de certa forma, tendem a apoiar as fontes oficiais dos acontecimentos, o que faz das notícias uma grande ferramenta para o governo e para os dominantes sociais.

5 JORNALISMO DIGITAL E A (IN) COMUNICAÇÃO

A construção da notícia em tempo real, segundo Martinez (2007), surge em 1990 com a internet comercial, tanto na Europa como nos Estados Unidos. A autora, parafraseando Castells, cita que a terceira revolução industrial é a da informação: “Ela passa a ser a mola propulsora da sociedade, a forma de organização e planejamento de toda atividade produtiva” (MARTINEZ, 2007, p.24).

Conforme Ferrari (2007), a informação tornou-se um macromercado, do qual a internet serve como propulsora. A *World Wide Web* (WWW) permite que a informação deixe de seguir uma só direção. Dessa forma, ela passa não só a entregar o conteúdo para o leitor, como este passa a interagir em tempo real com o veículo, trazendo diferentes significados e leituras de um mesmo fato. A história é, então, construída de forma não-linear.

As conexões de plataformas geram conteúdos conhecidos como multimídia. Um novo gênero surge neste contexto: as midiatecas, que foram criadas, segundo Ferrari (2007), para repassar a informação de forma mais acessível, clara e simples, uma vez que o leitor tem cada vez menos tempo disponível para se dedicar à leitura extensa.

5.1 Hipertexto

Segundo Martinez (2007), o hipertexto preserva a informação escrita ao longo do tempo, uma vez que o leitor pode guardá-la para acessá-la em outro momento. O registro da data e horário dentro de um texto virtual é o que mantém a notícia situada no tempo em meio ao bombardeio de informações.

A autora lembra que a estrutura organizacional das redações mudou com a redução de cargos para otimizar o trabalho e, conseqüentemente, um mesmo profissional acumula funções. Para a autora, a internet fez do jornalista um difusor de informações. Com as redações digitais,

o modo de produzir as notícias foi modificado, alterando o modelo consolidado, baseado em uma produção industrial, na qual as funções eram bem definidas - o jornalista, o editor e o fotógrafo não eram as mesmas pessoas, por exemplo. As informações eram pesquisadas, buscadas, conferidas e completadas por diferentes profissionais. A partir da internet, a produção da notícia, segundo a autora, foi parar exclusivamente na mão do jornalista, que agora coleta, edita, filtra e publica o fato.

Para Martinez (2007), as agências de notícias atuais são atacadistas, e servem de fonte primária para outros veículos, considerados o varejo, que por sua vez distribuem as informações para o público consumidor.

A autora justifica que para que a instantaneidade da notícia funcione é preciso que as primeiras mensagens sobre um assunto sejam claras e curtas. Porém, o desmembramento do fato deve ocorrer com calma após o lançamento dessas primeiras informações. Martinez (2007, p.17) acredita que “a regra é nunca ir além do que se sabe”. O primeiro parágrafo deve trazer a informação principal, seguida do *lead*, que é produzido de forma a trazer primeiro a informação mais importante dentro das cinco perguntas padrão: o quê, quem, quando, onde e porquê. O importante, segundo a autora, é ter sempre um texto no qual as informações principais estejam contidas, de modo a evitar que o leitor precise pular de texto em texto para descobrir o que de fato ocorreu. As matérias que servem de apoio para a principal devem revelar outros fatos inéditos ou aprimorar as informações com mais detalhes.

A justificativa para esta atuação é, segundo a autora, que o leitor nem sempre sabe do que se trata o assunto e montar uma matéria na qual não se explique brevemente o que aconteceu pode ser um erro. É importante que as matérias estejam sempre ao alcance do leitor e conectadas através dos hiperlinks, recursos multimídias ou midiatecas.

Conforme a autora, a notícia se diferencia hoje pelas fontes utilizadas e pela pesquisa que apresenta com suas devidas evidências. Para Martinez (2007, p.20), “trabalhar a qualidade da informação, da checagem e o estilo do texto é fundamental para que o trabalho jornalístico continue sendo prestigiado na formação da opinião pública”. Os textos, diz, muitas vezes pecam ao apresentar somente uma fonte ou então repassar informações de outros veículos.

O hipertexto, segundo Ferrari (2007), causa uma ruptura com o padrão textual, que anteriormente presumia a leitura de somente uma notícia, sem interrupções. Com ele, veio a necessidade do jornalista conseguir fazer conexões entre seus textos e outras informações encontradas em outros links. Essa capacidade do jornalista em relacionar seus textos acaba por

ajudar o leitor a compreender fatos que, muitas vezes, não parecem ter relação uns com os outros. Os textos digitais passam, assim, a possuir diversas formas de interpretação.

Citando Pierre Lévy, Ferrari (2007) apresenta o ciberespaço como um local sem contornos, sem fronteiras ou limites, no qual as informações entram por todos os lados e nunca completam o todo, sendo então a internet um espaço vivo, no qual a informação sempre está sendo renovada e armazenada. Com isso, aumenta vertiginosamente o número de fontes nas quais buscar informação que, por sua vez, faz com que o público se torne mais consciente de que pode escolher o que ler, onde, quando e a partir de que fonte.

Ferrari (2007, p.87) ressalta que a internet é um “território de disputa” social, onde diversos grupos se reúnem na tentativa de compartilhar seus ideais e coletar informações, fortalecendo o vínculo do grupo e o objetivo do coletivo. Quando o campo do jornalismo faz uso da internet, algumas questões éticas surgem.

5.2 Jornalismo digital e ética

Ferrari (2007) cita que, com a globalização atual, as fronteiras, as manifestações de cultura, sociedade, crenças e política foram expandidas. Surgiu um território virtual, que modificou a organização social em relação ao mundo físico.

Baseando-se nas conclusões de Deleuze, Ferrari acredita que a percepção de que o texto escrito por determinado autor com a ideia de causar determinado impacto pode fugir de sua linha de raciocínio, uma vez que cada pessoa entende um signo de uma forma diferente. O entendimento, portanto, varia para cada pessoa conforme sua vivência, cultura e princípios. Dessa forma, é possível que uma pessoa leia o texto e não entenda o caminho pretendido pelo autor.

Cada texto produzido, segundo Ferrari (2007), é reflexo da identidade de um povo que vive em determinado território. Ela utiliza o exemplo de um livro que fale sobre o feminismo. Conforme ela, o material seria aclamado em uma sociedade que respeita a democracia e a igualdade de gênero, mas poderia vir a ser odiado ou censurado em um local de predominância misógina. Foi o mesmo que ocorreu no caso Charlie Hebdo. Na França, as sátiras do jornal em relação a Maomé não passaram, para a maioria dos franceses, de mais uma comédia feita pelo jornal. Já nos locais de maioria cristã-muçulmana, as charges foram consideradas ofensivas.

Kucinski (2005) acredita que o surgimento da internet devolveu a autonomia da produção de matérias aos jornalistas, depois de séculos de concentração econômica das agências de comunicação. Mas a revolução cibernética também trouxe a fragilização da censura

e do controle da informação, o que nem sempre é benéfico quando se fala em ética. O autor acredita que a revolução da internet dificultou a criação de limites entre o que é público e o que é privado, aumentando problemas já existentes como falta de verificação da informação. A internet tornou-se o espaço no qual a opinião é, ao mesmo tempo, pessoal e pública.

Para o autor, é difícil concordar com um código de ética quando o indivíduo está acostumado com o individualismo, característico da sociedade mundial atual. Segundo ele, o colapso da ética dentro do jornalismo se deve ao aumento vertiginoso de jornalistas com formação precária dentro das universidades, uma vez que o discurso em sala de aula não condiz com a prática profissional. A visão do jornalismo como profissão se tornou, então, banal. Muitos dos jornalistas almejam crescer economicamente, deixando de olhar criticamente para a profissão e o que ela representa. Antes dessa reviravolta, o autor acredita que os jornalistas antigos “nasceram” dentro das redações, possuindo mais conhecimento da realidade jornalística, da ética a ser aplicada em sua vida profissional.

Kucinski (2005) alega que as redações atuais são moldadas pelo mercantilismo e pelo neoliberalismo, fatores econômicos e políticos da sociedade ocidental. O “vazio ético” se dá pela rendição aos poderes políticos e econômicos. O grande prejuízo do liberalismo é o individualismo, que aceita a busca pessoal como premissa básica e arruina o pensamento de preocupação com os direitos do próximo. Essa concepção individualista faz com que esses profissionais rejeitem que seu trabalho deva ser regido por normas. Segundo Kucinski (2005), é preciso contornar os princípios do liberalismo. A informação, como qualquer outro produto, precisa ser entregue aos consumidores com qualidade e atenção.

O autor acredita que a principal barreira dentro do jornalismo é o poder político, visto que a mídia se deixa influenciar em troca de hegemonia ou de apoio financeiro. Kucinski (2005) crê que a corrupção também é possível, graças à falta de limites entre jornalismo e publicidade e do jornalismo com o entretenimento.

Uma das características da internet como propagadora de informação é que as notícias chegam com grande velocidade. Há então a possibilidade de debater sobre temas sociais controversos em tempo real, de forma democrática.

Wolton (2010) crê que a comunicação é mais complexa que a informação, uma vez que nem sempre o resultado da relação entre o comunicador e o comunicado sai como o esperado. Isso acontece porque as pessoas não pensam da mesma forma e podem entender a mensagem de outra maneira. Wolton cita que a comunicação via internet trouxe benefícios, mas mostrou falhas já conhecidas no que tange às diferentes visões de sociedade, cultura e política.

O autor assemelha a comunicação atual à Torre de Babel, uma vez que todos falam várias línguas e, por isso, ninguém se compreende. Muitas pessoas resistem às informações no momento em que estas colidem com sua cultura ou crença. Segundo o autor, o que mais importa é a relação entre as pessoas, a aceitação de opiniões e discursos diferentes, a convivência em harmonia. É fundamental para o jornalismo fomentar a convivência, e não retroceder e transformar a comunicação em uma forma de separar as pessoas. Wolton (2010, p.22) questiona:

Como conviver pacificamente num universo onde todo mundo vê tudo e sabe de tudo e onde as diferenças são mais visíveis e menos negociáveis? Disso resulta a necessidade de passar da ideia de compartilhamento à de negociação e coabitação, tornando ainda mais evidente o vínculo entre comunicação e democracia. O que é realmente a democracia senão a negociação e a convivência pacífica de pontos de vista frequentemente antagônicos?

As relações entre os humanos, cita o autor, são muito mais complexas que a rede cibernética. Por isso, muitas vezes a rede não dá conta dessas interações. Para Wolton (2010, p.42),

Comunicar-se com os semelhantes em qualquer parte do mundo não facilita naturalmente a convivência com o diferente, o estrangeiro, o imigrante ou simplesmente o outro que encontramos na porta do edifício.

Dessa forma, a internet não pode ser pensada como única unificadora de sociedades e culturas, uma vez que as experiências e interações humanas dependem de mais fatores.

A necessidade atual, confere Wolton, é não só unir grupos que partilham dos mesmos ideais, mas sim buscar aceitar e englobar os demais, tornando assim uma sociedade heterogênea que vive em harmonia. E para isso o jornalista tem funções importantes, mas falham em alguns quesitos. Wolton (2010) acredita que um dos equívocos cometidos pelos profissionais é a tentativa de vencer a concorrência, que faz com que os veículos publiquem informações rasas de modo que sejam rápidas. Essa prática, segundo ele, gera a perda da compreensão aprofundada dos acontecimentos, o que é fundamental para uma sociedade globalizada como a da internet.

O autor considera que hoje a profissão de jornalista é ainda mais importante, visto que em um mar de informações, é preciso de alguém que saiba explicar o que está acontecendo. Wolton acredita que o aumento das contradições sociais é proporcional ao aumento da circulação de informações e os locais que elas alcançam.

Retomando a ideia do liberalismo, Wolton cita que os fatores que levaram a sociedade atual a ser individualista também contribuíram para acirrar debates sobre liberdade e igualdade. Para haver uma democracia, segundo o autor, é necessário que haja confiança e tolerância. Para

Wolton (2010, p.65), “hoje, a diversidade cultural é um fato que se impõe a qualquer sociedade”.

Na sociedade globalizada, a paz é uma questão sensível, prejudicada por repetidos ataques sociais e virtuais. Antevendo o ataque sofrido pelo jornal Charlie Hebdo, o autor cita em seu livro que é necessário pensar em um modelo de convivência com características laicas, no qual a sociedade globalizada e as diferentes religiões possam viver em harmonia. É importante compreender que as sociedades não seguem as mesmas opiniões, fator que nem sempre é levado em consideração no mundo virtual. A democracia exige que as diferenças sejam superadas para uma vida em harmonia. É preciso, segundo ele, fortalecer primeiro o espaço comum para que cada identidade tenha seu lugar respeitado.

Para o autor, os séculos XIX e XX foram caracterizados pelo crescimento da indústria da informação. Já o século XXI enfrenta o desafio de democratizar a convivência e a tolerância, amenizando a incomunicação.

6 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Teixeira e Ângelo (2010) citam o pensador Bakhtin, para quem a definição de gêneros vai além daquilo que se pode escrever. Se estende, portanto, a todos os campos de utilização da linguagem. Os gêneros discursivos, dentre os quais se encontram os gêneros jornalísticos, são, conforme o autor, um processo de interação social que exige locutor e interlocutor. A seguir são apresentados os diferentes gêneros jornalísticos, que servirão de base para as análises empíricas.

a) Informativo

Beltrão, citado por Assis, Laurindo e Melo (2012), define o jornalismo informativo como um relato das ocorrências significativas no mundo e na sociedade humana. Informar, segundo ele, é o ato de comunicar algo a alguém e é uma função exercida por todos desde o início da fala humana. Para se fazer entender, o jornalismo informativo usa a narrativa, função mais simples para que se entenda o enunciado.

Para esse mesmo profissional, o jornalismo informativo é aquele que narra fatos públicos, e não particulares. A esses fatos narrados, o doutor dá o nome de notícias. E essas notícias, segundo ele, devem ser narradas com impessoalidade, para informar apenas, ao invés de transmitir opiniões pessoais.

b) Interpretativo

Para Assis, Laurindo e Melo (2012), Beltrão acredita que a interpretação é necessária dentro do jornalismo, sendo um de seus pilares. Isso porque o jornalista, ao apurar uma informação, decide o que deve ou não ser publicado conforme o que acredita ser importante para seu público. Além disso, descreve que o público, ao receber somente um jornalismo informativo, se cansa, pois este se torna pesado e muito informal.

O jornalismo interpretativo, para o autor, é aquele que aprofunda as questões do dia a dia, as contextualiza e investiga para além do que parece óbvio, sempre tendo em vista uma ótica que respeite a ética e a imparcialidade. O objetivo dessas notícias é oferecer material suficiente para que o público tenha a liberdade de interpretar.

Beltrão, conforme Assis, Laurindo e Melo (2012, p.74), ressalta que "o jornalismo informativo é a informação em toda a sua integridade, captada, analisada e selecionada pelo jornalista, ao qual não cabe o diagnóstico".

c) Opinativo

Beltrão, segundo Assis, Laurindo e Melo (2012), caracteriza o jornalismo opinativo como aquele que tem a intenção não só de informar a população, mas de guiá-la. Porém, ele ressalta que a opinião do jornalista não é necessariamente a mesma opinião do público. O autor, conforme Assis, Laurindo e Melo (2012, p.76), considera que há três tipos de opinião dentro do jornalismo, compostas pelo editor, jornalista e público.

A opinião do editor é expressa pelos editoriais e pela linha de jornal. A opinião do jornalista, isto é, o juízo que manifesta sobre os problemas em foco e a respeito dos quais informa e comenta simultaneamente, em seções ao seu cargo e em matérias por ele firmadas. A opinião do leitor se manifesta nas entrevistas concedidas, em pronunciamentos oficiais de grupos, em cartas que escreve à redação, nas próprias atitudes que são objeto de notícia.

O autor defende o jornalismo opinativo seja produzido sob os pilares éticos e não desconfigure os fatos com a intenção de favorecer alguém ou até mesmo o jornalista.

6.1 Charges

Para Gomes (2012), os gêneros surgem, em sua totalidade, para diversificar a imprensa, permitindo que ela saia dos modos usuais de escrita e se aventure por meios mais ousados, como o da charge. Esse gênero é caracterizado por uma mistura de diferentes formas comunicativas, utilizando várias linguagens para se expressar. Essas obras sempre trouxeram e se referiram fortemente a críticas socioculturais.

Bakhtin, segundo Teixeira e Ângelo (2010), denomina as charges como um gênero secundário e complexo, caracterizado como produção escrita. As primárias e simples são aquelas produções faladas, que proporcionam uma comunicação imediata entre locutor e interlocutor.

Em um único jornal é possível encontrar vários gêneros jornalísticos. E além das notícias, reportagens, opiniões, editoriais, estão as charges, também incluídas na lista de formas de se fazer jornalismo. O ponto de vista do chargista quase sempre pega seus leitores despreparados, uma vez que pode apresentar críticas mais rígidas que o usual.

Cortez, Junquer e Pavani, segundo Schmitz (2011), citam que o nome charge vem da palavra homônima de origem francesa, que significa exagero, ataque. Se assemelha à caricatura ao exagerar naquilo que quer destacar, porém além do riso, tem a função de criticar ou satirizar. Se enquadra no gênero opinativo, uma vez que apresenta posicionamento e critica os fatos cotidianos.

Para Romualdo, segundo Teixeira e Ângelo (2010), é preciso atentar para a diferença entre caricatura, cartum e charge, comumente confundidos. A caricatura é o desenho de um ser humano com traços diferenciados que provocam humor. Na caricatura, o desenhista observa aquilo que se sobressai na fisionomia, dando a ele um destaque cômico.

O cartum procura fazer críticas aos costumes sociais, sendo atemporal, na maioria dos casos, e genérico. Já a charge fala sobre temas factuais, satirizando política, religião, sociedade. É, portanto, relacionada a acontecimentos recentes, dos quais a sociedade tem conhecimento.

Ainda, um objetivo da charge aplicado aos dias atuais, segundo Gomes (2012), além de fazer rir, é o de pausar a mente do leitor em uma imagem que necessita tempo para ser compreendida e totalmente analisada. É um contraste de um mundo cada vez mais ágil.

Para entender uma charge, Teixeira e Ângelo (2010), baseados em Souza e Machado citam que é necessário analisar completamente a imagem. Nenhum ponto, expressão ou texto deve ficar de fora, uma vez que nem sempre é preciso que se diga algo com todas as linhas para que a charge seja compreendida. Nem sempre a charge deixará tudo claro. É por isso que o interlocutor deve estar a par do que ocorre ao seu redor.

A charge está intrinsecamente conectada aos contextos sociais e históricos. Conforme Pagliosa (2005), as charges possuem benefício para os historiadores, uma vez que os localiza no tempo em que foi publicada, ajudando a compreender o que houve em certa época e transmitindo aos estudiosos aquilo que era pensado sobre determinado acontecimento.

Queiroz, segundo Schmitz (2011), define que um dos problemas que surgem com o uso do gênero é a possibilidade de ou estigmatizar aqueles que são representados, ou de destacá-los perante a sociedade. E foi exatamente isso que ocorreu no episódio do jornal satírico Charlie Hebdo, em 7 de janeiro de 2015.

7 ISLÃ E RADICALISMO

O islã é a religião que mais cresce no mundo. Em 2050, conforme dados do Centro *Pew* (VEJA, 2015, online), deverá alcançar a marca de 2,8 bilhões de fiéis, representando 29,7% da população mundial. Em 2015, a população de muçulmanos ao redor do mundo somava 1,6 bilhão de pessoas, sendo que 46 milhões vivem na Europa. Destes, 4,8 milhões vivem na França, país alvo do atentado ao *Charlie Hebdo* (RUIC, 2015, digital).

Religião fundada por Maomé no século VII, o islamismo diz respeito ao conjunto dos povos que pertence à civilização islâmica e que cultuam essa crença. Assim como o cristianismo e o judaísmo, as raízes do islamismo surgem da ligação com o profeta Abraão, grande patriarca da civilização.

Alves (2015) cita que os fiéis da religião islâmica são caracterizados por obedecer a lei e as vontades de Alá, seu Deus. A vida, para os muçulmanos, é sagrada e um bem irrenunciável, devendo ser aproveitada de forma consciente. “Dessa forma, o Islã não é um sistema moral, político, econômico e religioso de banalização da vida, de valorização da morte, de fomento à violência, de provocação ao terror”, cita Alves (2015, p.20), referindo-se à comparação constante entre muçulmanos e radicais islâmicos.

Em relação ao radicalismo, a maioria dos seguidores do islã pratica a paz e a tolerância. Para os seguidores de Alá, a guerra é tida como o último recurso, devendo durar pouco tempo e ser restaurada pela paz. O autor acredita, então, que o ódio incitado pelos movimentos fundamentalistas islâmicos são frutos de uma leitura errônea e desconexa de partes do Corão. Algumas ramificações da religião pregam o uso da violência para converter os demais povos em islâmicos (VEJA online).

Para Alves (2015) a mídia, como formadora de opinião, tem o poder de reforçar as crenças da população em relação ao islã. O autor aponta que os veículos de informação exercem

esse papel de carrasco desde a queda das Torres Gêmeas nos Estados Unidos, em 2001.

Alves (2015) se baseia em Brotas ao citar que o jornalismo internacional tomou as dores da comunidade estadunidense que, por sua vez, fez com que os muçulmanos fossem vistos como fanáticos terroristas que querem impor sua cultura e dogmas ao ocidente. “É o choque de civilizações. A diferença de cultura entre o ocidente desenvolvido, humanístico e democrático contra o oriente, atrasado, violento, sanguinário e fanático. Assim, a relação da mídia com o islã foi sendo manchada”, diz Alves (2015, p. 25).

Para Miliband, segundo Sousa (2004), a mídia tende a ser mais radical e parcial quando o assunto a ser falado foge do que é comumente aceito pela sociedade. No caso, existe o islamismo, que não é bem visto dentro da comunidade ocidental. Dessa forma, são feitas piadas e generalizações sobre casos envolvendo a comunidade muçulmana, como o que ocorreu com o semanário francês.

Desde então, para Alves (2015), o terrorismo islâmico, a cultura muçulmana e seus dogmas, tão diferentes para os ocidentais, recebem posições de destaque na mídia. “A grande visibilidade conferida pela grande mídia, no entanto, continua muitas vezes reforçando os estereótipos e as representações que associam todos os aspectos do mundo islâmico à religião, desconsiderando a diversidade de uma região”, diz Alves (2015, p.24).

Alves (2015), a partir das ideias de Sousa, acredita que a mídia é capaz de muitos fatores, como o de desestabilizar governos, iniciar lutas de causas sociais e, inclusive, validar a violência e injustiça como padrões dentro da sociedade. Entram aqui, novamente, os quesitos da teoria de *agenda setting*, segundo a qual é a imprensa que rege as conversas do dia-a-dia.

Morgenstern (2015) cita que o islã não é apenas uma religião, mas também um sistema social. É um modo de vida que abrange leis islâmicas, aspectos civis e culturais e a vida em sociedade. O modo como as leis foram fundadas não permite a desobediência ou o insulto à religião islâmica, de forma que quando um semanário como o Charlie Hebdo quebra estas premissas ao representar o profeta islâmico Maomé, está ferindo todo um dogma enraizado em muitos países orientais.

O filósofo Scruton, segundo Morgenstern (2015), acredita que, por não compreender sociedades que não são baseadas em dogmas religiosos, o mundo islâmico não está preparado para entender os métodos de funcionamento da sociedade ocidental.

O Corão, livro sagrado dos muçulmanos, cita que Maomé é o criador dos céus e da terra e que nada pode se assemelhar a ele. Morgenstern (2015) confia que os islâmicos entendem que, por Maomé ser singular, não há imagem que se assemelhe à sua grandeza e, portanto,

nenhuma aparição do profeta pode ser tolerada. Aqueles que projetam a figura do homem insultam, portanto, a religião islâmica. Aliado a isso, Morgenstern crê que a ofensa é a arma política mais poderosa do mundo, um mal que dá vazão para a criação de disputas, guerras e até crimes entre ideias rivais.

O problema social encontra-se, segundo Stevanim (2006), quando uma sociedade tenta impor seus princípios a outra, contribuindo para a criação de conflitos ou a amplificação daqueles já existentes.

Aprofundando o tema, percebemos que alguns grupos que cultuam o Islã, não compactuando com os modos ocidentais de vida, também não compactuam com os ideais da liberdade de imprensa. No caso do satírico Charlie Hebdo, o sagrado para o Ocidente - a liberdade de expressão - foi contra o sagrado para os muçulmanos - a não publicação de imagens de Maomé. Stevanim (2006, p.5) crê que “tanto a liberdade de imprensa quanto a proibição de se retratar a imagem do profeta são valores (ou dogmas), sagrados do mesmo modo, e ambos os lados não cedem no ataque”. Para ele, a cultura do islã foi generalizada pelos ocidentais, passando a ser vista como “reduto de fundamentalistas” (STEVANIM, 2006, p. 8). Neste sentido, Arendt, conforme Stevanim (2006), entende que o avanço da tecnologia e a globalização da comunicação são fatores que ajudam a prejudicar a compreensão da moral e da política alheia.

8 CHARLIE HEBDO

Charlie Hebdo é um jornal semanal francês, com sede em Paris. Foi fundado em 1960 sob o nome de Hara-Kiri, jornal mensal. Sua estratégia de midiaticização é feita exclusivamente com o uso de charges. Em 1969, modificou seu nome para Hara-Kiri Hebdo, passando a ter publicação semanal. Em 1970, depois de irritar o governo francês ao publicar charges sobre a morte recente do militar Charles de Gaulle, considerado um ídolo dos franceses, os diretores do jornal mudaram novamente seu nome, desta vez para Charlie Hebdo. Em 1981, o jornal fechou por motivos financeiros, vindo a retomar suas atividades apenas em 1992 (CHARLIE HEBDO, online).

Conhecido por defender pensamentos libertários e fazer uso da sátira como carro-chefe, o jornal criou muitos conflitos ao longo de sua existência. Principalmente, seus integrantes declaravam não se importar com aquilo que era tido como sério. Batia de frente com judeus, católicos, extrema-direita e com o terrorismo islâmico, pelo qual é mais conhecido. Segundo o diretor do jornal em 2011, Stéphane Charbonnier, “É preciso continuar até que o islão seja tão banal como o catolicismo” (MARTINS, 2015).

Martins (2015) traz também o relato resumido da opinião do jornal em relação à religião, segundo o chefe da redação do Charlie Hebdo, Gérard Biard:

Somos um jornal que é contra as religiões assim que elas entram nos domínios público e político. Não é suposto que uma pessoa se identifique através de uma religião, pelo menos num Estado laico.

Vítima de vários processos, incluindo de famosos como a princesa Carolina de Mônaco e o ministro da defesa da França em 1996, Charles Millon, o jornal prova não ter medo de nenhuma autoridade, independente se for ou não francesa.

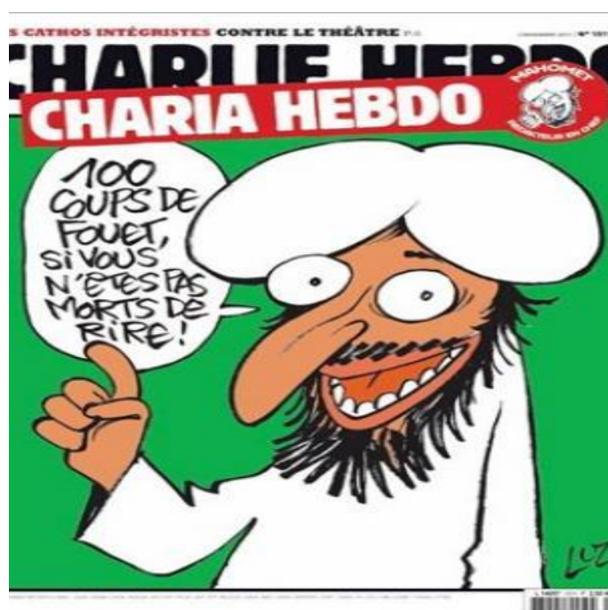
Na França, conforme o jornalista Leandro Colon, a legislação não considera blasfêmias e piadas com religiões um crime. Apesar disso, aqueles que se sentem ofendidos são livres para pedir reparação na justiça. “Entre 1992 e 2014, foram cerca de 50 processos, segundo o ‘Le Monde’ – em 19% deles, o jornal foi derrotado” (COLON, 2015). Por outro lado, o jornalista do Financial Times, Michael Stothard, cita que a legislação francesa considera crime utilizar a liberdade de expressão para “perseguir religiões, raças ou orientações sexuais” (STOTHARD, 2015). Conforme o jornalista, em 2007 a publicação sofreu tentativa de processo por parte da Grande Mesquita de Paris e da União de Organizações Islâmicas Francesas, referente a publicações de Maomé consideradas racistas pelos órgãos religiosos.

8.1 Cronologia

Em 2006, Charlie tornou-se conhecido mundialmente após replicar charges satíricas do jornal dinamarquês Jyllands-Posten sobre Maomé. Muçulmanos que consideraram o fato ofensivo realizaram protestos em massa e a polícia parisiense precisou reforçar a segurança da redação francesa.

Em 2011, a sede da revista foi atacada com uma bomba incendiária um dia depois de publicar novamente charges de Maomé com os dizeres "Cem chibatadas se você não estiver morto de rir" (figura 1). Ainda o semanário trocou seu nome por "Charia Hebdo", uma alusão às leis islâmicas, ou "sharia".

Figura 1 - Charia Hebdo: Cem chibatadas se você não estiver morto de rir



Fonte: Adaptada pela autora (CHARLIE HEBDO, 2011).

O site do jornal também sofreu represálias, sendo invadido. No lugar das sátiras usuais, foram postos trechos do Corão e uma foto de Meca.

Na edição posterior ao bombardeio, o semanário estampava uma charge fazendo referência ao ocorrido, com um integrante do Charlie Hebdo e um muçulmano beijando-se. A frase dizia "O amor é mais forte que o ódio" (figura 2).

Figura 2 - O amor é mais forte que o ódio



Fonte: Adaptada pela autora (CHARLIE HEBDO, 2011).

“Nosso objetivo é fazer rir. Queremos rir dos extremistas, sejam eles muçulmanos, judeus ou católicos. Todo mundo pode ser religioso, mas não podemos aceitar atos extremistas”. Essa frase foi dita pelo jornalista Laurent Léger no mesmo ano, em entrevista à revista norte-americana *The New Yorker* (EXAME, 2015, texto online).

Em 2012, o jornal continuou a investir contra o extremismo islâmico, publicando uma série de charges. Em uma delas, um muçulmano está em uma cadeira de rodas e é empurrado por um judeu ortodoxo. Em um balão, a frase "Não ria!" e, acima, "Intocáveis 2" (figura 3), fazendo referência ao filme francês de mesmo nome, dando a entender que a imagem da charge seria uma continuação do longa. A charge ainda faz referência ao filme anti-islâmico "A Inocência dos Muçulmanos", um curta metragem que gerou revoltas por parte de islâmicos extremistas e mortes ao redor do mundo. Essa imagem causou ira nos países islâmicos e provocou uma série de medidas protetivas por parte do governo francês, como o fechamento de escolas, centros culturais e embaixadas francesas em 20 países muçulmanos.

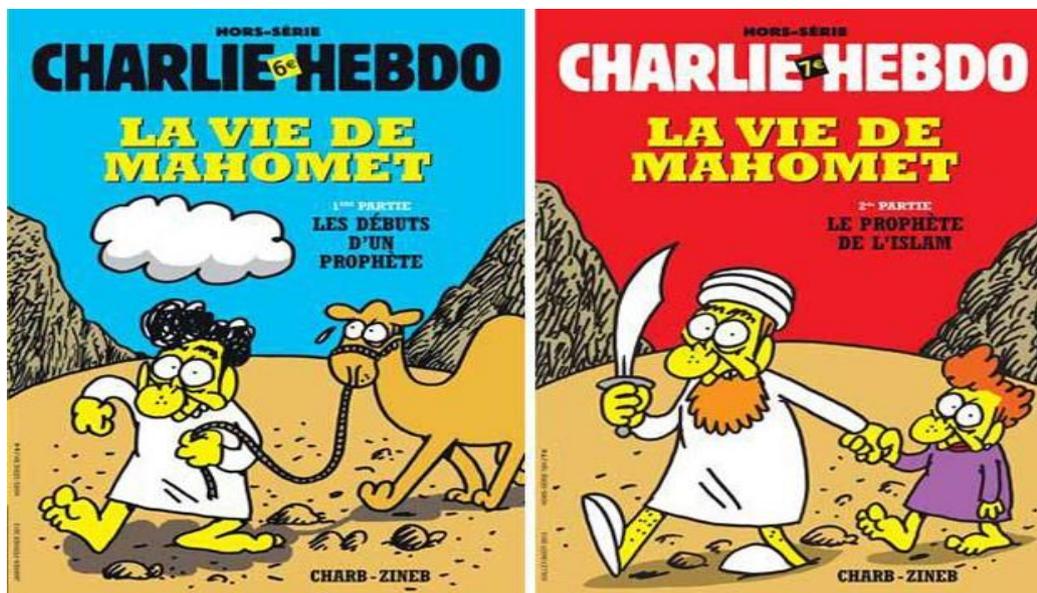
Figura 3 - Intocáveis 2: Não ria!



Fonte: Adaptada pela autora (CHARLIE HEBDO, 2012).

No ano de 2013, o site do jornal foi novamente atacado por hackers, depois que o semanário publicou dois quadrinhos sobre Maomé. No primeiro, aparece as frases "A vida de Maomé" e "O debut de um profeta" (figura 4), mostrando o líder muçulmano guiando um camelo. No segundo quadrinho, Maomé aparece no mesmo local, porém com uma faca em uma mão e guiando uma mulher com a outra. Desta vez, a legenda é "O profeta do Islã" (figura 4).

Figura 4 - A vida de Maomé: O debut de um profeta/A vida de Maomé: O profeta do Islã



Fonte: Adaptada pela autora (CHARLIE HEBDO, 2013).

Em 2015 o jornal sofre novo atentado, que é objeto de estudo desta pesquisa.

8.2 O atentado

Na manhã de 7 de janeiro de 2015, o jornal realizava uma reunião de equipe. Enquanto isso, nas bancas já rodava a edição daquela semana, que exibia o famoso escritor francês Michel Houellebecq, que acabara de lançar o livro *Soumission*, ou Submissão, em português (figura 5). Na capa, havia os dizeres "As previsões do mago Houellebecq" e, nos balões, as falas "Em 2015, perco meus dentes... Em 2022, faço o Ramadã!". O livro de Houellebecq é uma ficção que trata da completa islamização da França até 2022 com a eleição de um presidente muçulmano.

Às 11h30min, duas pessoas entraram no prédio em que se localizava o jornal e atiraram contra aqueles que estavam na reunião. Morreram o editor Stéphane Charbonnier, o vice-editor Bernard Maris, os cartunistas Georges Wolinski, Jean Cabu, Bernard Verlhac e Phillippe Honoré, o revisor Mustapha Ourad e a colunista Elsa Cayat. Além destes, foram mortos dois policiais, Franck Brinsolaro e Ahmed Merabet, o funcionário Frédéric Boisseau e Michel Renaud, que visitava a redação. Ficaram feridos o cartunista Laurent Sourisseau, o *web designer* Simon Fieschi, a colunista Sigolène Vinson e os jornalistas Philippe Lançon, Fabrice Nicolino e Laurent Léger. Os atiradores, irmãos Chérif e Saïd Kouachi, gritaram "Vingamos o Profeta", em referência a Maomé e às charges sobre ele publicadas no semanal.

No mesmo dia, mais de 100 mil pessoas se reuniram nas ruas da França, principalmente em Paris, para prestar homenagem às vítimas do ataque. Nos dizeres dos cartazes, a frase "*Je suis Charlie*" (Eu sou Charlie), que ficou mundialmente famosa, viralizando nas redes sociais. A direção do jornal, que desde 2009 era coordenada por Stéphane Charbonnier, passou para o cartunista Laurent Sourisseau.

Figura 5 – As previsões do mago Houellebecq



Fonte: Adaptada pela autora (CHARLIE HEBDO, 2015).

8.3 Entrevista ao Roda Viva

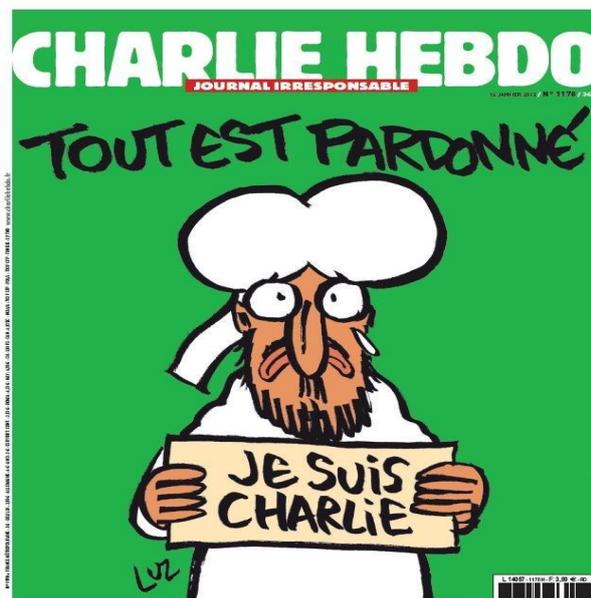
Em 27 de julho de 2015, Sourisseau marcou presença no programa Roda Viva, da TV Cultura¹. Como diretor, ele deixou claro que a liberdade de expressão continuaria a ser uma das bandeiras do jornal, honrando a França, que é considerada o berço deste princípio. Defendeu que a imprensa não pode ceder às pressões internas que tentam banir a liberdade (RODA VIVA, 2015).

Sourisseau defendeu veementemente que o que o jornal trazia ao público não era uma provocação, uma vez que não era sempre que Maomé ou o islamismo eram retratados na revista. Segundo ele, a tradição satírica em relação às religiões sempre existiu na França, de forma que os desenhos sobre os muçulmanos não pareciam algo extraordinário. "Charlie nunca deixará de defender o direito à liberdade". O chargista lembrou ainda que o objetivo não é impor o jornal a ninguém, e isso se compara às religiões dentro da sociedade. "É por isso que fazemos tanta menção ao extremismo, que tenta eliminar a democracia e instalar uma teocracia", cita.

Para o francês, o ataque ao jornal atingiu algo profundo dentro da democracia francesa, que é a liberdade. As pessoas que estavam na rua mostrando seu apoio, segundo ele, fez com que o jornal não desistisse de continuar, além de mostrar que as pessoas não estavam dispostas

a revidar o ataque. O jornal, segundo ele, partilha desse pensamento, tanto que, na edição posterior ao atentado, a estampa do jornal era de um muçulmano com lágrimas nos olhos segurando uma placa que dizia "Eu sou Charlie". Acima, a frase "Tudo está perdoado" (figura 6).

Figura 6 - Tudo está perdoado



Fonte: Adaptada pela autora (CHARLIE HEBDO, 2015).

Apesar de o semanário ser considerado de esquerda, o diretor lembra que ninguém está livre de estar no jornal: se a esquerda cometer um erro, este também será retratado. Por outro lado, em relação aos que se incomodam com o conteúdo do semanário, ele é enfático ao dizer que as pessoas não são obrigadas a ler ou comprá-lo¹.

¹ Estiveram presentes no programa a jornalista d'O Estado de São Paulo, Ana Carranca, o diretor da Editora Contexto, Jaime Pinsky, a subeditora do jornal El País no Brasil, Flávia Marreiro, a jornalista Malu Delgado e o cartunista Orlando Pedroso. A apresentação foi realizada pelo jornalista Augusto Nunes.

9 FOLHA DE SÃO PAULO, BRITISH BROADCASTING COMPANY E DEUTSCHE WELLE

No presente capítulo será realizada uma breve contextualização dos três jornais analisados no trabalho: Folha de São Paulo, Deutsche Welle e British Broadcasting Company. Os veículos foram escolhidos por representarem uma grande audiência e possuírem credibilidade perante o público e o meio jornalístico. Um resumo de parte da história de cada veículo se faz necessária para compreender melhor os motivos que levaram à sua escolha.

a) Folha de São Paulo

O jornal Folha de São Paulo foi fundado oficialmente em 1960 com a fusão de três jornais: Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite, que começaram suas atividades a partir de 1921. Com sede em São Paulo, inaugurou em 1995 a Folha Web, versão totalmente computadorizada do jornal. Em 1996, é lançado o Folha Online, plataforma para a internet, fazendo da Folha o primeiro jornal brasileiro a oferecer conteúdo virtual para o público. É dona do maior portal de notícias brasileiro, o Uol. Em 2010, ocorre a unificação das redações online e impressa. No mesmo ano ocorre o lançamento do aplicativo da Folha (FSP, online).

A Folha define seu jornalismo como crítico, independente, apartidário e pluralista. Tem grande destaque dentre os jornais brasileiros, sendo o de maior circulação do país desde a década de 80. Tornou-se a primeira redação informatizada da América do Sul e o primeiro jornal brasileiro a publicar o Manual de Redação, até hoje muito utilizado como referência para publicações jornalísticas. Possui uma premiação com seu nome, chamada de Prêmio Folha, existente desde 1993 (FSP, online).

b) British Broadcasting Company

A British Broadcasting Company (BBC) é uma emissora pública que atua sem a intervenção direta do governo britânico. Fundada oficialmente em 1927, é uma empresa de radiodifusão, que também transmite programas televisivos e multimídia. Sua sede fica em Londres. Em 1938 ocorre a primeira transmissão radiofônica para o Brasil. Na internet o serviço de notícias em português inicia em 2009. Cerca de 19 mil pessoas trabalham para a empresa, que disponibiliza informação em 43 idiomas (BBC, online).

A BBC é dona do monopólio de radiodifusão dentro do Reino Unido. Sua história ganhou destaque durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na qual a empresa noticiou falas e discursos de líderes como Charles de Gaulle (França) e Winston Churchill (Reino Unido), além da transmissão diária sobre o desenrolar dos conflitos. Também no Brasil prestou serviço de informação sobre a guerra e a participação do exército brasileiro junto ao grupo dos Aliados (BBC, online).

c) Deutsche Welle

A Deutsche Welle (DW) é uma empresa internacional de comunicação alemã, fundada em 1953. Nasceu originalmente como uma empresa de radiodifusão. Hoje, porém, trabalha com programas de televisão e portais de notícias online. Cerca de três mil funcionários de 60 países trabalham nas sedes de Bonn e Berlim. A empresa disponibiliza conteúdos para rádios, televisão, internet e dispositivos móveis em 30 idiomas diferentes. Segundo a própria organização, cerca de 100 milhões de pessoas são alcançadas pelo seu conteúdo. A empresa é financiada pelo governo alemão. Apesar disso, considera-se independente da atuação federal (DW, online).

Emissões em português na Alemanha ocorrem desde 1954. Em 1962, começam a ser transmitidas para o Brasil. Em 2000, surge a DW Brasil, redação exclusivamente online. A Deutsche Welle foi transformada pelo Parlamento Alemão em uma empresa com três mídias, destacando-se das demais emissoras do país. Isso quer dizer que o conteúdo produzido para a plataforma online é equiparado àquele produzido para rádio e TV. Conforme o próprio site da empresa (DW, online), esta é internacionalmente reconhecida por realizar coberturas analíticas e de alta credibilidade.

10 ANÁLISES

Este capítulo apresenta as análises quanti-qualitativas realizadas com as matérias dos três jornais escolhidos. Na análise quantitativa, são apresentados os dados numéricos em relação às 246 publicações filtradas através dos sites de cada veículo, além de análises individuais de cada jornal e seu desempenho perante o estudo proposto. Após, é feito um apanhado quanti-qualitativo das notícias indiretas apresentadas por cada veículo, seguido de análises individuais detalhadas de cada notícia e reportagem direta publicada pelos jornais.

10.1 Análise quantitativa comparativa

A quantificação do trabalho de pesquisa incluiu três gêneros jornalísticos: opinativo, interpretativo e informativo. O material coletado foi classificado como notícia direta e indireta, reportagem direta e indireta, editorial direto e indireto, midiateca e opinião de terceiros. Totalizaram-se 246 publicações, das quais foram selecionadas para análise qualitativa 16 matérias de um total de 115 publicações informativas. Fora do quadro estão, ainda, matérias que citam o atentado esporadicamente durante o texto, deixando de ter relevância para este estudo.

Quadro 1 - Quantificação das publicações sobre o atentado ao jornal Charlie Hebdo

Veículo/matéria	FSP	DW	BBC	Lógica
direta notícia/ informativo	4	0	3	Notícia direta: não responde como e porquê, <i>lead</i> sintético com algum complemento. O atentado é o tema principal.
direta reportagem/ interpretativo	5	2	2	Reportagem direta: contextualiza, interpreta, explica mais, explora como e porquê. O atentado é o tema principal.
indireta notícia	25	11	7	Notícia indireta: não responde como e porquê, <i>lead</i> sintético com algum complemento. Cita o atentado, mas este não é o tema principal.
indireta reportagem	18	16	22	Reportagem indireta: contextualiza, interpreta, explica mais, explora como e porquê. Cita o atentado, mas este não é o tema principal.
direta editorial/ opinativo	0	0	0	Editorial direto: opinião do veículo sobre o fato. O atentado é o tema principal.
indireta editorial/ opinativo	0	0	0	Editorial indireto: opinião do veículo sobre o fato. Cita o atentado, mas este não é o tema principal.
opinião de terceiros	92	6	9	Textos de editores, assinantes, sociedade em geral.
mediateca	3	8	13	Matérias em formato de vídeo, áudio, fotografia, nas quais o texto tem quase ou nenhuma importância.
Total	147	43	56	Considerando todas as categorias, totalizaram-se 246 publicações.

Fonte: Adaptado pela autora.

Analisando o Quadro 1, percebe-se que nenhum dos três jornais publicaram editoriais sobre o tema no período do atentado até um mês depois do ocorrido. Podemos descrever, assim, que nos três casos houve uma tentativa dos veículos de omitir a opinião do jornal. Em contrapartida, os textos opinativos publicados nos três veículos tiveram espaço a partir de opinião de terceiros, incluindo população, jornalistas de outros veículos, editorias específicas, assinantes. A FSP publicou 92 das 107 publicações deste tipo, alcançando 86% das publicações dos três jornais somados. Os veículos europeus publicaram em média 9% deste gênero em

relação ao jornal brasileiro. Na FSP, esse número chega a 62% das publicações do jornal. Isso leva a pensar que o veículo é mais aberto a opiniões de terceiros.

No artifício mediateca, quem se sobressaiu foi a BBC, com 13 das 24 publicações deste tipo, ficando com 55%. A FSP foi a que menos fez uso dessa forma de publicação, o equivalente a 2% de todas as 147 publicações do jornal. Isso leva a pensar que a BBC procurou evitar distrações em suas matérias, salvando recursos visuais em publicações individuais. A atitude também facilita a localização dos arquivos em caso de necessidade. Isso não significa que os demais jornais não tenham utilizado esses recursos, pois verificou-se que estão locados dentro de matérias textuais.

A reportagem indireta foi utilizada de modo semelhante entre os três veículos, sendo que a BBC ficou em primeiro lugar, com 22 publicações. Já a notícia indireta foi um recurso bastante utilizado pela FSP e DW, mas teve pouca aparição na BBC. A reportagem direta foi um recurso bem utilizado pela FSP, com cinco matérias em 30 dias, enquanto nos outros dois veículos, que tinham maior proximidade com o fato, fizeram o uso de apenas duas em cada jornal. Portanto, eles optaram por não aprofundar a abordagem do acontecimento, que agendou muito mais o veículo brasileiro que os europeus.

O uso de notícia direta também foi mais recorrente no veículo brasileiro que nos europeus, mas neste caso, enquanto a DW não fez nenhuma publicação de notícia direta, a BBC a usou duas vezes. Identificou-se ainda que os jornais FSP e DW empatam com 42 matérias que não citam o nome “Charlie Hebdo” no título, subtítulo ou *lead*, mas fazem alusão ao atentado em alguma passagem do texto. Já a BBC ficou novamente em último com oito destas publicações.

Nas notícias indiretas, quem toma a frente é a FSP, com 25, seguida da DW, com 11 e, por fim, da BBC, com 7. Já nas reportagens indiretas a ordem se inverte, com a BBC em primeiro lugar, com 22, seguida da FSP, com 18, e da DW, com 16. Com relação aos três veículos, a DW foi a única que não apresentou notícias diretas sobre o assunto, sendo as outras emissoras responsáveis, cada uma, por 50 por cento das matérias.

10.1.1 Análises quantitativas individuais

a) FSP

A FSP apresentou 9 matérias diretas sobre o atentado, sendo 5 no formato reportagem e 4 no formato notícia, num total de 147 publicações. Ficaram, assim, em quarto e quinto

lugares, respectivamente. A opinião de terceiros teve o maior destaque dentro das publicações da Folha, com 92 *links*. Isso demonstra que, apesar de não apresentar opiniões da editoria do veículo o jornal procurou suprir essa demanda com opiniões diversas, com o objetivo aparente de se mostrar um veículo pluralista. Mas, desse modo, isentou-se de demonstrar seu posicionamento. Depois das opiniões, quem ganha destaque são as notícias indiretas que, com 25 matérias, são seguidas das reportagens indiretas com 18 publicações. A FSP, com 147 postagens num total de 246 matérias, se consagra como o veículo que mais desenvolveu o atentado ao Charlie Hebdo, mesmo sendo o único que não é europeu.

b) BBC

Das 56 reportagens da BBC, duas abordaram diretamente o fato, e 22 de forma indireta, sendo o tipo de matéria mais publicada pelo jornal. A opinião foi emitida em nove publicações e a mediateca foi utilizada em 13. Apesar do número de reportagens indiretas, percebe-se que as diretas foram bastante completas, apresentando gráficos, vídeos, fotos e imagens semelhantes aos de uma mediateca. Dessa forma, apesar de em menor número, as informações foram bem desembaraçadas ao longo do dia do atentado. Isso também leva a crer que este foi o veículo menos agendado pelo acontecimento. Mais informações foram oferecidas de forma direta nas mediatecas, que serviram para complementar as reportagens. Apesar disso, muitas informações se repetiram, o que demonstra um aprofundamento estático.

As reportagens diretas foram as mais completas dos três jornais avaliados, os quais apresentaram um maior número de informações em formato de texto e fotos, deixando vídeos e demais recursos visuais em segundo plano.

Já as notícias diretas e indiretas somaram apenas 10 matérias, representando cerca de 18% do que foi publicado pelo jornal durante o período. As opiniões de terceiros foram o terceiro tipo de texto mais publicado pelo jornal, depois de reportagens indiretas, com 7 exemplos. Ainda, 16 matérias foram publicadas indicando o atentado em apenas algumas poucas linhas. Se estivessem na tabela, estas matérias seriam as segundas na lista de publicações da BBC. Elas não foram quantificadas porque o acontecimento era apenas citado de forma breve.

c) DW

A Deutsche Welle foi o veículo que menos apresentou publicações referentes ao atentado, com apenas 43 matérias, representando 17% da soma dos três jornais. Ultrapassa os números da FSP somente no quesito mediateca, com 5 publicações a mais. Em relação à BBC,

a DW publicou 4 matérias a menos nesse quesito. Neste jornal também ganham destaques as reportagens e notícias indiretas, sendo que as primeiras aparecem em primeiro lugar, com 16 matérias. As reportagens e notícias diretas ficam em último lugar no conjunto total de matérias, o que demonstra, assim como a BBC, a pouca atuação do agendamento noticioso em relação ao atentado. Também a DW se compara com a vizinha britânica ao ter optado pela distribuição de informações referentes ao atentado atrelado a outros eventos, como ocorre nas notícias e reportagens indiretas e na opinião de terceiros.

10.2 Análise quanti-qualitativa

10.2.1 Dos títulos, subtítulos e *lead* de notícias e reportagens indiretas por veículo

a) FSP

Nas 25 notícias indiretas, a palavra “atentado” foi citada 14 vezes dentro do título ou *lead*. O nome “Charlie Hebdo” foi citado 24 vezes nas notícias, sendo apenas 4 vezes lembrado no título. “Terrorismo” ou “terrorista” apareceram 10 vezes tanto no título como no *lead*. A maioria das notícias teve em seus títulos termos que normalmente causam impacto social, como *apartheid*, segurança, Papa, Al Qaeda, manifestação, barbárie, além de citar sobreviventes e seus depoimentos. Percebe-se, aqui, a marca forte do sensacionalismo nos títulos para chamar a atenção dos leitores.

Das 18 reportagens indiretas, o nome “Charlie Hebdo” é citado 18 vezes, sendo 7 delas no título. Nas reportagens preferiu-se usar “ataque”, citado 11 vezes, já que “terrorismo” ou “terrorista” foram citados 7 vezes. Esta demonstra ter sido a palavra de ordem da maioria das reportagens, sendo que não há termos mais fortes visando chamar a atenção dos leitores. Já expressões relacionadas ao islã, como “islamofobia”, “Estado Islâmico”, “islamismo” foram citadas 8 vezes.

Percebe-se, portanto, que nas notícias o sensacionalismo foi explorado com uso de palavras consideradas fortes para chamar a atenção dos leitores. Nas reportagens os temas envolveram mais o islamismo e se referiram ao atentado como um ataque, palavra de menos força. Por outro lado, o nome do semanário Charlie Hebdo é citado mais vezes nas reportagens. Mesmo que envolvendo outros assuntos, o leitor sabe que naquela notícia haverá alguma ligação com o atentado.

As matérias da Folha de São Paulo facilitam sua organização cronológica, uma vez que possuem os horários de publicação ou atualização. Dessa forma, foram separadas conforme

apareceram primeiro. As matérias que possuíam atualização aparecem conforme o horário da última edição, e não da publicação.

b) BBC

Duas notícias indiretas das 7 contêm a palavra “atentado”, e nenhuma continha os termos “terrorismo” ou “terrorista”. O nome “Charlie Hebdo” apareceu cinco vezes, sendo duas no título. Já expressões relacionadas ao islã somaram 5. “Ataque” foi citado 9 vezes, sendo 4 no título.

Os títulos das notícias indiretas chamam a atenção para o ataque. Todas as matérias citam no título o atentado, usando ganchos como sobreviventes, membros da Al Qaeda, atiradores e tensões que a França viveu na época do atentado, apelando assim para o medo e curiosidade pelo inesperado, pelo inédito e pelas tragédias.

Num total de 22 reportagens indiretas, a palavra “ataque” igualmente tem destaque, com 14 aparições no título ou *lead*. Citações relacionadas a “terror”, como “antiterrorista” e “terrorismo” apareceram apenas 5 vezes, sendo uma delas no título. Treze nomes “Charlie Hebdo” foram contados ao todo, sendo que apenas 4 apareceram no título.

Percebe-se que, na maioria de suas matérias, a BBC mantém-se neutra em seus títulos e *leads*. Em apenas duas reportagens indiretas o veículo aposta em chamadas trágicas como a morte dos terroristas envolvidos ou a apelos curiosos como mistérios envolvendo o tema, para chamar a atenção dos leitores.

c) DW

A DW publicou 11 notícias indiretas e 16 reportagens indiretas, totalizando 27 publicações deste tipo. Nas notícias indiretas, a expressão “atentado” surgiu apenas 4 vezes no título ou no *lead*, sendo que três delas foram no título. Já a palavra “ataque” apareceu 6 vezes, sendo duas no título. Igualmente o nome “Charlie Hebdo” aparece 6 vezes, das quais 3 no título. Citações como “terroristas” ou “terrorismo” foram as que mais apareceram, somando 8, das quais 3 no título. Essa análise mostra que o veículo utilizou essas palavras dentro do texto, deixando expressões menos fortes para os títulos.

Percebe-se, ainda, que as matérias se referem ao oriente e seu papel no atentado, com o uso de palavras como “islã”, “islamismo”, “Estado Islâmico”, “Al Qaeda” e “terrorismo”.

Dentro das 16 reportagens indiretas, foram encontradas 4 vezes termos relacionados a “terror”, sendo 2 no título. “Ataque” apareceu 6 vezes, das quais 3 no título. Referências ao islã apareceram 4 vezes, sendo duas no título. Já “atentado” aparece 9 vezes. O nome “Charlie

Hebdo” apareceu 12 vezes, das quais 4 no título. Seis das 16 reportagens voltam-se às atividades de busca aos terroristas. Quatro falam sobre a relação do semanário com a religião. Também quatro apresentam questões sobre medo, angústia e mistério em relação aos dias posteriores ao atentado. Percebe-se que as reportagens visaram, também, mexer com o emocional dos leitores, utilizando palavras como “caça” em três títulos, que apela para sentimentos de vingança, adrenalina, justiça.

10.2.2 Comparação entre os veículos

O baixo número de reportagens e notícias diretas mostra que os jornais preferem falar sobre o atentado de forma mais rápida e fácil, com pouco aprofundamento, o que não quer dizer que as matérias são pouco detalhadas. Isso porque as publicações indiretas trazem informações “em pedaços” sobre o atentado ligando-o a diversos assuntos relacionados. Assim, não se pode considerar que essas matérias deixam o atentado em segundo plano, pois se ressalta a relação clara entre os assuntos tratados. A análise permite perceber que a FSP foi o veículo que mais se utilizou de palavras de cunho pesado para se referir ao atentado nos títulos, visando chamar mais atenção de seus leitores. Em seguida esteve a BBC e, por último, a DW, veículo que apresentou o menor número de palavras de cunho forte nos títulos.

10.3 Análise qualitativa de notícias e reportagens diretas por veículo

A partir deste momento, serão analisadas as 16 notícias e reportagens diretas coletadas através da filtragem de *sites* dos três veículos. Já a partir da análise do Quadro 1 foi possível verificar que a Folha de São Paulo é o jornal com o maior número de publicações deste tipo, somando 9 matérias. Em seguida, vem a BBC, com 5, e a DW, com duas publicações. Desta forma, as análises foram organizadas por veículo e ordem decrescente de publicações.

10.3.1 FSP

a) Notícia direta: Jornalista diz que atiradores gritavam 'vamos vingar o profeta'

Figura 7 - Jornalista diz que atiradores gritavam 'vamos vingar o profeta'

Jornalista diz que atiradores gritavam 'vamos vingar o profeta'

RFI

07/01/2015 @ 09h57

Compartilhar

Pelo menos 11 pessoas morreram, incluindo dois policiais, em um ataque nesta quarta-feira (7) à redação do jornal satírico francês Charlie Hebdo, no 11º distrito policial de Paris, perto da praça da Bastilha.

Dois homens mascarados invadiram a sede do jornal às 11h30 no horário local (8h30 pelo horário de Brasília). Eles utilizaram metralhadoras AK-47. Quatro pessoas feridas estão entre a vida e morte. Charlie Hebdo ficou conhecido por ter publicado caricaturas de Maomé, que ofenderam os fiéis muçulmanos e provocaram uma série de ameaças.

As autoridades francesas elevaram o nível de alerta terrorista na região parisiense. O presidente François Hollande e a prefeita de Paris, Anne Hidalgo, estão no local do atentado para prestar apoio e solidariedade.

Vincent Justin, um jornalista que trabalha no edifício, afirmou que os assassinos gritavam "vamos vingar o profeta". Dois veículos estavam esperando para ajudar na fuga dos dois criminosos.

Incêndio em 2011

No início de novembro de 2011, dois dias antes do anúncio da publicação de uma edição batizada de "Charia Hebdo" com "Maomé como redator-chefe", a sede do jornal foi destruída por um incêndio. O local foi atacado durante a noite por um coquetel molotov. Não houve vítimas, mas o edifício ficou completamente destruído.

O site do jornal foi hackeado na época, com a publicação da imagem da grande mesquita de Meca e da frase "Alá é o único Deus" na home da página.

Philippe Chaperot/AP-17



Bombeiros carregam homem ferido após ataque a jornal satírico "Charlie Hebdo", em Paris

Fonte: Folha de São Paulo, adaptado pela autora (2015).

A matéria foi publicada no dia do atentado, 7 de janeiro. O título é impactante, pois cita uma frase de um dos atiradores (Figura 7 e Apêndice 1). A frase gera interesse em relação ao que aconteceu durante o atentado, ainda mais porque sugere que os atiradores são muçulmanos, fato que pode inferir impacto negativo em alguns leitores. Produzida com auxílio de informações de agências noticiosas, a matéria escolhe realçar a frase dita pelo atirador após realizar o crime. A notícia usa um jornalista para revelar o assunto.

O uso de apoio das agências de notícias pode ter ocorrido devido ao horário em que a

publicação foi apresentada (9h57min), sugerindo que pode não ter havido tempo hábil para deslocar alguém do jornal ao local. O texto começa com a informação de que “pelo menos 11 pessoas morreram”, o que revela que o caso ainda está sendo apurado. Após oferecer informações do *lead*, o jornal parece procurar aproximar o leitor ao citar que o semanário fica próximo à Praça da Bastilha, local conhecido de forma cultural. As palavras “invadiram”, “mascarados” e “metralhadoras” tendem a indicar violência. Já a expressão “entre a vida e a morte” podem gerar insegurança, impacto e drama.

No próximo parágrafo, o jornal parece ressaltar o medo e a imprevisibilidade, com a frase “as autoridades francesas elevaram o nível de alerta terrorista”. Na mesma linha, cita ainda autoridades como o presidente da França, François Hollande, e a prefeita de Paris, Anne Hidalgo. O depoimento do jornalista que trabalhava no edifício sugere que havia dois veículos esperando os criminosos, sendo que apenas um veículo estava no local. Após a informação do jornalista, surge um subtítulo que parece não ter nexos com a matéria. Segue então uma contextualização sobre um incêndio provocado na sede do jornal depois que charges de Maomé foram publicadas pelo semanário em 2011. Depois da contextualização surge uma foto na qual bombeiros auxiliam a tratar os feridos do atentado. A foto parece espetacularizada, apelando para a violência e a exposição física.

b) Notícia direta: Atiradores de Paris disseram ser da Al Qaeda, dizem testemunhas

Figura 8 - Atiradores de Paris disseram ser da Al Qaeda, dizem testemunhas

Atiradores de Paris disseram ser da Al Qaeda, dizem testemunhas

DE SÃO PAULO
DAS AGENCIAS DE NOTÍCIAS

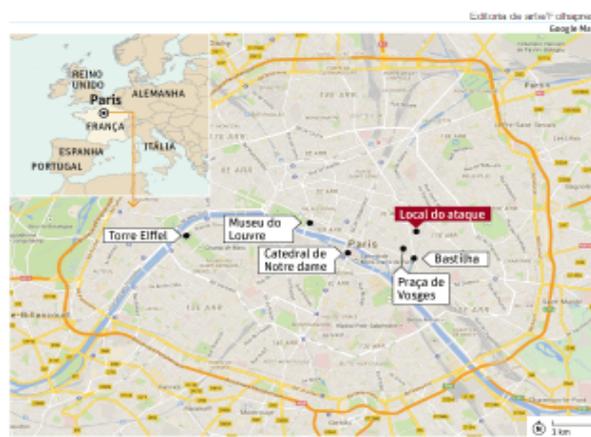
07/01/2015 @ 14h05

Compartilhar       Mais opções

Testemunhas do ataque ao jornal francês "Charlie Hebdo", que matou 12 nesta quarta-feira (7) em Paris, afirmam que os atiradores se identificaram como membros do braço da rede terrorista Al Qaeda no Iêmen. As autoridades francesas, no entanto, ainda não confirmaram a autoria do atentado.

Cédric Le Bêhec, 33, que presenciou o ataque, disse ao jornal britânico "Telegraph" que, antes de começar a atirar, os terroristas abordaram um homem na rua e disseram: "Diga à imprensa que essa é a Al Qaeda no Iêmen".

De acordo com Bêhec, os atiradores chegaram em um carro preto e pararam no meio da rua. Eles vestiam uma roupa preta de estilo militar. Ao menos três terroristas invadiram a Redação do jornal e atiraram contra os profissionais, matando dez funcionários, sendo quatro cartunistas e dois policiais.



Corinne Rey, conhecida como Coco, cartunista do "Charlie Hebdo", disse ao jornal francês "L'humanité" que encontrou os terroristas no momento em que eles entravam no edifício do semanário. Segundo ela, eles afirmaram que eram da Al Qaeda.

Coco conta que estava indo pegar a filha em uma creche. Ao chegar à frente do prédio, dois homens armados a ameaçaram. "Eles queriam subir. Eu digitei o código [de entrada]. Eles atiraram em Wolinski e no Cabu. Durou cinco minutos", contou ela, citando nomes de dois dos colegas cartunistas mortos no ataque.

Fonte: Folha de São Paulo, adaptado pela autora (2015).

O título informa que testemunhas disseram que os atiradores eram da Al Qaeda (Figura 8 e Apêndice 2). Apesar do fato ter se confirmado, teria trazido mais credibilidade à notícia se o jornal tivesse apontado alguma fonte oficial. Logo após o título, percebe-se que a matéria foi produzida com ajuda de informações de agências de notícias.

O texto começa com a palavra "testemunhas", que parece apelar para o drama e já não traz tanta credibilidade ao fato. Durante todo o parágrafo, é difundida a informação de que os atiradores disseram ser da Al Qaeda, para no final a informação passar a ser uma hipótese ainda não confirmada pelas autoridades. O texto, portanto, corrobora a especulação do título. Após, o jornal cita o nome de uma vítima sobrevivente como fonte e informa que os dados foram

retirados do jornal britânico Telegraph, para quem a fonte deu entrevista.

Novamente com informação especulativa, o jornal aponta que “ao menos três terroristas invadiram a redação do jornal”. No meio do texto surge um mapa informativo da região próxima ao atentado, em Paris. São mostrados pontos famosos de referência como a Catedral de Notre Dame, o Museu do Louvre e a Torre Eiffel, no que parece uma tentativa de situar os leitores.

Outra sobrevivente, que desta vez concedeu entrevista ao jornal francês “L’humanité”, serve como fonte. Ao contar a história da moça, o jornal parece apelar ao sentimento e ao humanismo, citando que a mulher foi ameaçada e estava somente indo buscar a filha da creche.

A notícia como um todo parece querer justificar o título ao público, através de fontes sobreviventes, porém sem trazer informações novas sobre o fato. A marca do texto é a especulação, uma vez que nenhuma fonte oficial confirma nada do que foi dito na matéria. O jornal peca ao utilizar as expressões “há relatos” e “o que sugere”, sugerindo uma total falta de fontes seguras para justificar o que diz.

Antes dos últimos parágrafos o jornal adiciona uma galeria de imagens informativas sobre o atentado, utilizando de mais um recurso visual dentro de suas matérias. A primeira fonte oficial a ser citada é a polícia francesa, que relata quais os passos tomados pelos atiradores após sua saída do semanário.

O texto acaba com a informação de que os atiradores ainda estão foragidos, o que pode sugerir ao leitor que há imprevisibilidade em relação ao que pode ocorrer e transmitir uma sensação de continuidade dos fatos.

c) Notícia direta: 'Nós vingamos o profeta Maomé', disse terrorista na França; ouça

Figura 9 - 'Nós vingamos o profeta Maomé', disse terrorista na França; ouça

tvfolha

'Nós vingamos o profeta Maomé', disse terrorista na França; ouça

DE SÃO PAULO
07/01/2015 @ 19h05

Compartilhar

"Nós vingamos o profeta Maomé, nós matamos Charlie Hebdo". Tal frase é a fala do áudio abaixo, dita pelos terroristas que invadiram, nesta quarta-feira (7), a sede do jornal satírico francês "Charlie Hebdo". Três homens armados entraram no prédio pela manhã e abriram fogo, matando 12 pessoas, dentre as quais dois policiais e quatro cartunistas do jornal.

00:00 00:00

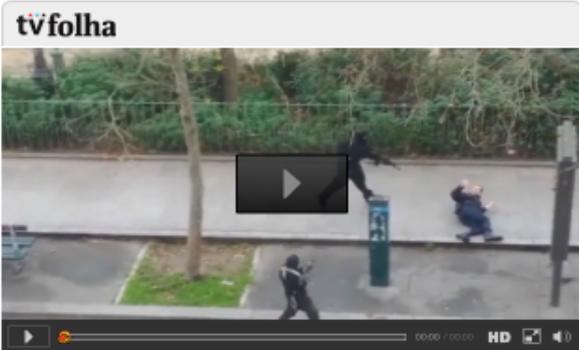
Durante a ação, os atiradores bradaram "Allahu akbar" (Deus é o maior, em árabe) e disseram que estavam "vingando o profeta [Maomé]". Depois, fugiram de carro e encontram-se foragidos.

O presidente francês François Hollande definiu o episódio enquanto um "atentado terrorista" e pediu "união". Diversos líderes ao redor do mundo se pronunciaram, condenando o ataque.

À noite, Mais de cem mil pessoas foram às ruas de cidades de toda a França. Em Paris, 35 mil se reuniram na Place de la République (Praça da República), no centro da cidade, perto da sede do "Charlie Hebdo", segundo a polícia. Muitos exibiam um adesivo preto, com a mensagem "Je suis Charlie" ("Eu sou Charlie"), um lema em solidariedade às 12 vítimas fatais do ataque.

Abaixo, um vídeo publicado nesta quarta mostra o momento em que o atirador dispara contra um policial durante ataque em Paris.

tvfolha



★ ★ ★

Fonte: Folha de São Paulo, adaptada pela autora (2015).

A matéria é uma notícia um pouco menos elaborada que a primeira sobre o assunto, porém apresenta os mesmos conteúdos (Figura 9 e Apêndice 3). Entende-se que isso possa ter ocorrido pelo fato de o jornal não ter alguém no local para cobrir os fatos e, portanto, precisar aguardar para receber informações de terceiros.

O título, que novamente parece tentar impactar, é agora citado pelo jornal, sem auxílio de fontes. A frase pode gerar interesse em relação ao que aconteceu durante o atentado, ainda mais porque parece sugerir que os atiradores são muçulmanos, fato que pode gerar impacto negativo. Já a palavra "ouça" sugere uma tentativa de chamar ainda mais atenção para a matéria, uma vez que o leitor consegue saber que, ao acessá-la, poderá ouvir exatamente a voz do

atirador, o que ele disse e como.

O primeiro parágrafo da notícia informa o *lead*. Pelo que se sabe hoje, percebe-se que a notícia segue algumas informações errôneas e as afirma como verdadeiras, a exemplo do dizer “três homens armados”, sendo que na verdade foram apenas dois.

Após o áudio de 19 segundos, chega o segundo parágrafo, com informações repetidas vindas do primeiro parágrafo, o que insinua a falta de informações do jornal sobre o caso.

O jornal cita fontes de relevância, como o presidente francês François Hollande. Ao contrário dos outros dois jornais, a Folha de São Paulo parece ter trabalhado com poucas fontes e de forma vaga, uma vez que cita ainda somente a polícia e “diversos líderes ao redor do mundo”.

A notícia parece apelar para o drama e a coletividade ao citar que “mais de cem mil pessoas foram às ruas”, sendo que 35 mil se reuniram somente em Paris, cidade em que o atentado ocorreu. Os números são expressivos e revelam a repercussão do caso. O veículo cita, ainda, palavras como “vítimas fatais” e “solidariedade”, o que pode mexer com o emocional do leitor.

O texto termina com um parágrafo que convida o leitor a ver um vídeo que mostra a morte de um policial de forma violenta e chama a atenção, apelando para o sensacionalismo em sua forma mais cruel, que é a de mostrar o corpo humano em situação de vulnerabilidade. Ao narrar o acontecido, o jornal ainda atrai para o drama, a violência, o ódio.

O horário em que a matéria foi publicada (19h05) dá a entender que a equipe teve tempo de montar o vídeo e o áudio para disponibilizar um conteúdo extra em relação ao que já foi publicado na primeira matéria.

d) Notícia direta: Policial morto em ataque em Paris estava protegendo diretor de jornal

Figura 10 - Policial morto em ataque em Paris estava protegendo diretor de jornal

o mundo

Policial morto em ataque em Paris estava protegendo diretor de jornal

DE SÃO PAULO
07/01/2015 @ 13h23

Compartilhar     < 7  Ouvir o texto  Mais opções

Um dos dois policiais mortos no ataque desta quarta-feira (7) à sede do jornal francês "Charlie Hebdo" estava fazendo guarda para o diretor editorial da publicação, Stéphane Charbonnier, conhecido como Charb, que também foi assassinado.

Luc Poignant, colega de trabalho do policial, diz que o agente não teve tempo de reagir. "Em casos assim, se mata primeiro aquele que está ali na função de proteger", disse ele ao jornal francês "Le Figaro". "Não existe segurança absoluta. Isso é um ato de terrorismo."

Profissionais do "Charlie Hebdo" estavam recebendo proteção porque recentemente o jornal havia recebido ameaças por e-mail e telefone. A publicação já sofreu ataques por publicar caricaturas e líderes muçulmanos do profeta Maomé. Em 2011, a redação foi alvo de um incêndio criminoso após ter publicado uma série de caricaturas sobre Maomé.

Atentado na França 43 de 61 < > Philippe Desvignes/AFP



Hoje, ao menos três terroristas invadiram a redação do jornal hoje e atiraram contra os jornalistas.

Fonte: Folha de São Paulo, adaptado pela autora (2015).

O título da notícia apela para a curiosidade do leitor, que pode ficar interessado em saber por que o diretor do semanário estaria sendo protegido (Figura 10 e Apêndice 4). O texto inicia informando que dois policiais morreram no local. Já na primeira linha existe um link que leva à matéria principal do atentado, assim como outros dois que auxiliam na contextualização do caso.

Como fonte, foi utilizado um colega de trabalho do policial, que concedeu entrevista ao jornal francês Le Figaro. Ele usa frases de impacto como "o agente não teve tempo de reagir", "não existe segurança absoluta" e "ato de terrorismo". Após, existe uma explicação do porquê o diretor estar recebendo proteção policial. Em seguida, surge uma galeria de imagens com

explicações sobre o atentado. Sem fontes declaradas, o jornal assume que “ao menos três” terroristas estiveram no local. A informação é especulativa, portanto, apesar de parecer ser tida como verdadeira pelo jornal. Depois deste parágrafo, todas as informações prestadas são cópias de textos anteriores. São utilizadas fontes como a polícia francesa e um jornalista do Charlie Hebdo. No final do texto existe mais uma galeria de fotos, novamente repetida, sobre as capas e polêmicas envolvendo o semanário.

e) Reportagem direta: Atentado mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista

Figura 11 - Atentado mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista

mundo

Atentado mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista

tvfolha



GRACILIANO ROCHA
GUSTAVO RIBEIRO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA EM PARIS

07/01/2015 09h32 **A** Erro: esse conteúdo foi alterado

Compartilhar     3,8 mil **OUVIR O TEXTO** 

Atiradores atacaram a sede do jornal satírico francês **Charlie Hebdo**, deixando 12 mortos nesta quarta-feira (7) em Paris, antes de escapar em um carro.

O ataque foi o **mais mortífero na França desde 1961**.

Entre os mortos está o diretor da publicação, o cartunista Stéphane Charbonnier, conhecido como **Charb**.

Gritando “Allahu akbar!” (Deus é maior) enquanto disparavam, os homens falavam um francês impecável e sem sotaque e usavam uma roupa em estilo militar, disseram testemunhas.

Fontes policiais disseram ter **identificado os suspeitos** como os irmãos franceses de origem argelina Said Kouachi, 34, e Cherif Kouachi, 32, e Hamyd Mourad, um jovem de 18 anos cuja nacionalidade não foi revelada.

O **jornal já sofreu outros ataques** por publicar caricaturas de líderes muçulmanos e do profeta Maomé. Em 2011, a redação, que fica perto do monumento da Bastilha, foi alvo de um incêndio criminoso após ter publicado uma série de caricaturas sobre Maomé.

Fonte: Folha de São Paulo, adaptado pela autora (2015).

O título busca chamar a atenção para o número de mortos, porém sem revelar mais

informações (Figura 11 e Apêndice 5). A seguir surge uma referência a um líder, no caso o presidente François Hollande, e utilizada a palavra “terrorista”, que remete à violência, crueldade e negativismo. Há uma certa ambiguidade no título, visto que, muitas vezes, a sociedade ocidental atribui a palavra “terrorista” a fanáticos islâmicos.

Antes do texto em si é apresentado um vídeo em que aparece o presidente discursando sobre o atentado. O texto começa fazendo uma breve contextualização sobre o que ocorreu em Paris. As frases iniciais, mais curtas, parecem tentar impactar o leitor. A matéria traz algumas informações novas, como a de que os atiradores eram franceses de origem argelina.

A publicação utiliza fontes como policiais e testemunhas, e novamente ocorre especulação, visto que o jornal cita um terceiro suspeito, sendo que foi comprovado que ele não estava envolvido.

O único trecho que contextualiza a história do jornal fala apenas sobre o incêndio de 2011. Logo após, surge uma galeria de fotos sobre o atentado, com explicações em cada foto. É utilizado como fonte o presidente François Hollande, que utilizou em seu depoimento palavras como “união”, “país de liberdade”, dando a entender que o jornal buscou reforçar a empatia do leitor para com o caso.

Expressões utilizadas como “reunião de crise”, “barbárie”, “foragidos”, “segurança reforçada”, “exército” apelam para a violência, amplitude, negatividade, drama, insegurança, imprevisão e medo. Parece ocorrer uma tentativa de alarde ao ser informado que estações de trem, templos religiosos, prédios públicos e redações de jornais tiveram a segurança aumentada, o que sugere a possibilidade de mais ataques. Entre os parágrafos é apresentado, ainda, um mapa que visa localizar o leitor.

Um subtítulo é utilizado para retomar o atentado, uma vez que as informações sobre o que ocorreu foram separadas por depoimentos e especulações. Continuam a ser utilizadas palavras fortes como “metralhadoras”, “sequestraram”, “intenção de matar”, “estado elevado de segurança”.

Dentro dos parágrafos foram utilizados vários links para matérias do jornal, que ajudam a explorar dramaticamente o fato, como “o ataque foi o mais mortífero na França desde 1961”, “nível máximo o alerta de segurança” ou informações sobre os mortos.

O texto finaliza com uma frase de impacto dita pelo primeiro-ministro francês, Manuel Valls: “Nunca antes a França enfrentou uma ameaça tão forte ligada ao terrorismo”. Entende-se com a frase que o jornal tentou causar pânico entre as pessoas, principalmente de algum possível leitor que pudesse estar vivendo perto do local do atentado à época. Já para os

brasileiros, pode ter ficado a sensação de curiosidade em relação ao inesperado, de expectativa para saber mais detalhes. Ao acabar o texto, o leitor pode ter ficado com uma sensação de desamparo, ao compreender que na França o que houve foi uma tragédia. Nenhuma informação sobre os mortos e sobreviventes é divulgada.

f) Reportagem direta: Saiba quem são as vítimas do atentado ao “Charlie Hebdo”, em Paris

Figura 12 - Saiba quem são as vítimas do atentado ao “Charlie Hebdo”, em Paris

mundo

Saiba quem são as vítimas do atentado ao "Charlie Hebdo", em Paris



Os cartunistas mortos no ataque Wéber, Cabut, Charb e Tiphaine

DE SÃO PAULO
07/01/2015 © 17h32 - Atualizado às 21h21

Compartilhar

STÉPHANE CHARBONNIER (CHARB)
(1967-2015)

Trabalhava no "Charlie Hebdo" desde julho de 1992 e [era seu diretor desde 2009](#).

Fez diversas declarações sobre a liberdade de imprensa nas polêmicas que envolveram a publicação. [Em 2011, foi entrevistado pela Folha](#). Na ocasião, disse: "Usar nossa liberdade em um país livre não é provocação. Se for uma provocação, então provocamos em todas as semanas."

Em 2013, ele assinou dois quadrinhos que contavam a vida de Maomé.

Reprodução



Les Français musulmans en ont marre de l'islamisme - **BISS** au 1^{er} meeting de Sarkozy - **NICOLINO** rencontre les paysans pleins de pesticides - **MARIS** abat en vol les pilotes d'Air France

CHARLIE HEBDO
NOUVELLE FORMULE

Si MAHOMET REVENAIT..

JE SUIS LE PROPHÈTE, ABRAH!

TA

Fonte: Folha de São Paulo, adaptado pela autora (2015).

O título da matéria chama a atenção do leitor através da divulgação dos nomes dos mortos (Figura 12 e Apêndice 6). Atrai as pessoas pelo interesse e pelo drama causado pela palavra “vítimas”. Logo abaixo do título surge uma fotografia com os principais nomes do

semanário, sugerindo uma tentativa do jornal em atribuir ainda mais curiosidade ao fato. O texto começa sem nenhum tipo de introdução, visto que logo fala dos mortos. Aparentemente, o jornal classificou as pessoas conforme ordem de relevância ou proeminência social.

Inicialmente, o jornal fala sobre Stéphane Charbonnier, conhecido como Charb. Dentro do parágrafo sobre o editor existe um link que leva a uma entrevista do cartunista para a Folha, numa tentativa de promover o jornal. Logo após uma breve contextualização, aparece uma das charges feitas por Charb debochando do islamismo. A história e carreira de Charb não são contadas.

O próximo mencionado é Jean Cabut. Diferentemente do editor, a história de Jean é contada, mesmo que de forma breve. É citado como um dos fundadores do jornal, o que revela sua expressividade e tempo de trabalho. Após, surge também uma charge do cartunista, que também debocha dos islâmicos. Georges Wolinski é apontado como o mais velho. É feita uma pequena contextualização de sua história. Assim como Cabut, é um dos fundadores do jornal. Desta vez não há imagem alguma para acompanhar o texto.

O próximo a ser listado é Bernard Velhac, conhecido como Tignous. É contada sua atividade profissional. Logo após, surge uma charge feita para o semanário, mas que dessa vez não envolve o islã. Esta é a última vítima que aparece na fotografia principal da reportagem. Bernard Maris teve citado apenas suas profissões, como economista, jornalista, escritor e sócio do Charlie Hebdo. Também sem charge para atribuir à sua trajetória. A partir de Philippe Honoré, as histórias, mesmo curtas, são contadas com um certo apelo emocional. Segundo o jornal, o cartunista foi o autor da última charge do jornal antes do atentado, que apareceu no Twitter e afrontava o líder do Estado Islâmico. Após a contextualização, aparece o desenho.

Já os demais mortos são retratados com duas e três linhas. Os trechos “deixa dois filhos”, “sua execução foi filmada”, “foi morto junto aos cartunistas” e “órfão” parecem apelar ao emocional do público leitor, com o propósito de gerar empatia. As frases divulgam, mesmo que indiretamente, a opinião do jornal de que os cartunistas foram vítimas do ataque e, portanto, deveriam ser considerados mártires. Estranhamente, a única mulher morta durante o atentado foi definida com apenas duas palavras: “colunista e analista”. Assim, não se sabe sobre sua vida ou carreira e, muito menos, qual seu papel dentro do semanário.

A forma rápida e sucinta como cada vítima foi retratada parece transmitir uma falta de vontade da FSP em falar sobre o assunto. Uma vez que o título sugere que o leitor ficará sabendo quem são as vítimas, a reportagem peca em não aprofundar informações e contextualizar o passado do jornal.

g) Reportagem direta: Diretor e mais quatro cartunistas de jornal são mortos em ataque em Paris

Figura 13 - Diretor e mais quatro cartunistas de jornal são mortos em ataque em Paris

mundo

Diretor e mais quatro cartunistas de jornal são mortos em ataque em Paris

DE SÃO PAULO

07/01/2016 @ 11h30 - Atualizado às 22h59

f Compartilhar t g+ in e < 8,1 mil COPIAR TEXTO Mais opções

O diretor e mais quatro cartunistas do jornal satírico francês "Charlie Hebdo", alvo de um **ataque a tiros** em sua sede em Paris nesta quarta-feira (7), estão entre os **12 mortos** no atentado.

O atentado matou oito profissionais da publicação, dois policiais, um funcionário que estava na recepção e um convidado da empresa.

Entre as vítimas estão Stéphane Charbonnier, conhecido como **Charb** e diretor da publicação, e os também cartunistas Jean Cabut (Cabu), Georges Wolinski, Bernard Verlhac, conhecido como Tignous, e Philippe Honoré (Honoré).

Há relatos de que os atiradores estavam chamando as vítimas pelo nome, o que sugere que o ataque foi planejado com antecedência.

Capas do 'Charlie Hebdo' 22 de 24 < > Alexander Klün/AFIP



Os terroristas invadiram a redação do jornal e abriram fogo. O jornal já sofreu ataques por publicar caricaturas e líderes muçulmanos e do profeta Maomé. Em 2011, a redação foi alvo de um incêndio criminoso após ter publicado uma série de caricaturas sobre Maomé.

Fonte: Folha de São Paulo, adaptado pela autora (2015).

A reportagem, publicada na parte da manhã e atualizada perto da meia noite do dia 7 de janeiro, traz no título informações sobre quais os funcionários do semanário foram mortos no atentado, o que leva a crer que o texto aprofundará dados sobre as vítimas (Figura 13 e Apêndice 7). A matéria inicia com a mesma informação do título, ampliando algumas informações para preencher o *lead*. Em outro parágrafo são divulgados os nomes dos principais cartunistas mortos, porém sem informação alguma sobre eles. São citados cinco nomes, sendo que foram 12 o número de mortos.

O jornal utiliza novamente a especulação ao usar informações sem fontes declaradas e

com expressões imprecisas como “há relatos”. A reportagem faz uso de quatro recursos visuais, sendo duas galerias de imagens com explicações, um mapa mostrando o local do atentado e um vídeo mostrando o momento do ataque. Justificando a falta de informação contextualizada sobre a história do jornal, uma das galerias apresenta capas do semanário que causaram polêmica e traz algumas informações sobre o assunto. As informações que seguem as imagens são repetidas, já estando presentes em outros textos. No final da matéria, surge o vídeo do ataque, de forma a espetacularizar a matéria.

h) Reportagem direta: Suspeito mais jovem de ataque em Paris se entrega à polícia, diz agência

Figura 14 - Suspeito mais jovem de ataque em Paris se entrega à polícia, diz agência

le monde

Suspeito mais jovem de ataque em Paris se entrega à polícia, diz agência

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

07/01/2015 @ 23h43 - Atualizado em 08/01/2015 às 00h04

Compartilhar | Twitter | Google+ | LinkedIn | Email | 924 | Ouvir o texto | Mais opções

O mais jovem dos **três suspeitos** de um **ataque** à sede do jornal satírico "Charlie Hebdo", Hamyd Mourad, 18, se entregou na madrugada desta quinta-feira (8, noite de quarta em Brasília, 7), informou a agência AFP.

A informação surgiu em meio a uma caçada lançada pelas forças de segurança francesas pelos responsáveis pelo atentado, que deixou ao menos 12 mortos e 11 feridos em Paris.

Atentado na França 32 de 51 < > Divulgação

APPELA TEMOINS

Nous invitons tout personne détenant des informations pouvant permettre la localisation des deux individus photographiés ci-après, à contacter l'Etat-Major de la Police Judiciaire de Paris au numéro vert

8885 02 17 27
(7)7 241241

ou à partir du site :
www.securite.interieurgas.fr

Ces personnes, susceptibles d'être armées et dangereuses, sont l'objet de mandats de recherche du Parquet de Paris dans le cadre de l'enquête diligentée suite à l'attentat commis le 7 janvier 2015 au journal Charlie Hebdo au 10 rue Nicolas Appert à Paris 11ème.

CHERIF KOUACHI **Saïd Kouachi**

Os outros dois suspeitos do atentado foram identificados pelo governo francês como os irmãos franceses Saïd Kouachi, 34, e Cherif Kouachi, 32, que seguem foragidos. Fotos dos dois foram divulgadas pela polícia.

Segundo uma fonte próxima ao caso, a polícia realizou várias detenções durante a noite de pessoas relacionadas aos suspeitos.

Fonte: Folha de São Paulo, adaptado pela autora (2015).

O título revela que as informações da reportagem não foram produzidas pelo jornal, e sim por agências de notícias (Figura 14 e Apêndice 8). A manchete pode chamar a atenção do leitor ao citar que um dos suspeitos se entregou à polícia, gerando expectativa e repercussão positiva. A reportagem inicia a informação trazendo detalhes sobre o indivíduo. As expressões como “caçada”, adjetivando-os indiretamente como animais, e “ao menos 12 mortos e 11 feridos” parecem aumentar a negatividade em relação aos suspeitos, que revela a crueldade dos suspeitos.

Abaixo é lançada uma galeria de imagens já utilizada em matéria anterior. A imagem que aparece em primeiro lugar mostra a foto de dois dos suspeitos, o que sugere um apelo à imagem pessoal. Informações são divulgadas em conjunto com cada fotografia.

A reportagem traz uma informação nova, citando que várias pessoas foram detidas por suspeita de relação com os criminosos. Após a informação, surgem vários desenhos em formato de quadrinhos explicando de forma visual o que ocorreu durante o atentado. Ao lado dos quadros, são disponibilizadas informações já utilizadas em outras matérias, sugerindo que o jornal não possui informações novas sobre o caso e precisa preencher o espaço com o que já tem. Os traços são apelativos, uma vez que mostram pessoas com feições horrorizadas, sendo que um dos quadrinhos aponta a morte de um dos policiais de forma bruta, grotesca.

A matéria, portanto, possui um apelo muito forte ao visual, propondo uma tentativa de sensibilizar o público e causar mais impacto. Isso porque, ao ver as cenas, mesmo através de reproduções, o leitor pode sentir como se tivesse participado do ocorrido.

Ao fim, o jornal parece querer solidarizar o público leitor ao informar que “mais de cem mil pessoas” foram às ruas para homenagear as vítimas. Implicitamente, o jornal parece pressupor que os mortos e feridos não tiveram culpa ou foram responsáveis pelo atentado ocorrido.

i) Reportagem direta: Polícia diz ter identificado suspeitos de ataque na França

Figura 15 - Polícia diz ter identificado suspeitos de ataque na França

mundo

Polícia diz ter identificado suspeitos de ataque na França

DIAS AGENCIAS DE NOTÍCIAS

07/01/2015 @ 19h50 - Atualizado em 08/01/2015 às 00h16

Compartilhar < 1,3 mil COMENTÁRIOS Mais opções

Policiais franceses dizem ter identificado três homens como suspeitos do ataque contra o jornal satírico [Charlie Hebdo](#), que deixou 12 mortos nesta quarta-feira (7) em Paris.

Os suspeitos foram identificados como os irmãos franceses Said Kouachi, 34, e Cherif Kouachi, 32, e Hamyd Mourad, um jovem de 18 anos cuja nacionalidade não foi revelada. Segundo a agência AFP, [Mourad se entregou à polícia](#).

Atentado na França 32 de 51 < > Outros

APPELA TEMOINS

Nous invitons toute personne détenant des informations pouvant permettre la localisation des deux individus photographiés ci-dessus, à contacter l'Etat-Major de la Police Judiciaire de Paris au numéro 101.

800 82 17 17
(7/7 24h/24)
ou à partir du site : www.secours.interieur.gouv.fr

Ces personnes, susceptibles d'être armées et dangereuses, sont l'objet de mandats de recherche du Parquet de Paris dans le cadre de l'enquête diligente suite à l'attentat commis le 7 janvier 2015 au journal Charlie Hebdo au 10 rue Nicolas Appes à Paris 11ème.

Said Kouachi **Cherif Kouachi**

Um dos oficiais afirmou que eles são ligados a um grupo terrorista do Iêmen. Testemunhas do ataque [afirmam ter ouvido](#) que os atiradores se identificaram como membros do braço da rede terrorista Al Qaeda no Iêmen.

Os irmãos são da região de Paris e têm ascendência árabe, segundo a polícia. Cherif Kouachi foi condenado por terrorismo em 2008 em razão de ter ajudado a recrutar jihadistas da França para o Iraque e foi sentenciado a 18 meses.

Mourad é da região da cidade de Reims, no nordeste do país. A polícia antiterrorismo realiza uma operação na cidade, de acordo com fontes policiais.

Fonte: Folha de São Paulo, adaptado pela autora (2015).

O título da matéria chama a atenção para a descoberta dos suspeitos, dando a entender que serão dispostos nomes e fotos, além de contadas suas histórias (Figura 15 e Apêndice 9). As informações foram retiradas de agências de notícias. O texto começa com a expressão “dizem ter”, expressão que não atribui muita confiança em relação às informações. São respondidas as questões do *lead* de forma sintetizada. O segundo parágrafo revela a identidade dos suspeitos, conectando o leitor a um link que revela a entrega do terceiro suspeito à polícia. Novamente é utilizada uma galeria de imagens na qual a primeira foto apresenta os rostos e os nomes dos irmãos que participaram no caso. As imagens apelam para o sensacionalismo ao exibir os rostos dos indivíduos e amplificá-los em rede internacional.

Foram utilizadas fontes primárias, como testemunhas e policiais. Essas fontes podem trazer certa desconfiança ao conteúdo da matéria, uma vez que não há nenhuma fonte oficial, na qual as pessoas se firmam mais. São atribuídas aos suspeitos informações negativas, como o relato de seu histórico criminal, dando a entender que são muito perigosos. O jornal ainda faz uma relação com o fato de eles terem ascendência árabe, o que indica uma tentativa de reforçar suas atitudes com base em um suposto fanatismo religioso. Já em relação ao terceiro suspeito, que se entregou à polícia, não há acusações e são apresentados poucos detalhes. Só se sabe que tem 18 anos e que veio do norte da França. Mais uma vez é mostrado um mapa da cidade com seus principais pontos turísticos, de forma a situar o leitor. Ao longo do texto ocorre a contextualização do que ocorreu com os suspeitos após cometerem o atentado.

Frases de impacto, como “outro policial foi morto do lado de fora, antes da fuga” são utilizadas em parágrafos separados, sugerindo uma tentativa de chamar mais atenção dos leitores. O restante das informações é copiada de outras matérias divulgadas anteriormente. A reportagem apresenta dois fatos novos, como o de que um suspeito foi identificado por ter abandonado a carteira no veículo que usava para fugir e que entre 13 e 15 mil manifestantes se reuniram em Rennes, cidade ao noroeste de país, entre 10 e 15 mil em Toulouse, no sudoeste, e 7 mil na cidade de Marselha, no sudeste. São usados trechos que apelam à violência e brutalidade, como “abriram fogo”, “executadas”, “tiros na cabeça e no peito” e “estado grave”. A única autoridade listada na reportagem é o promotor da cidade, François Molins. O jornal ainda usa a fala de um dos socorristas das vítimas, possivelmente para causar mais impacto e empatia no leitor.

A matéria conta, ao fim, com uma galeria de imagens que traz fotos diferentes das já publicadas. Desta vez, o foco se dá nos aglomerados gerados por manifestantes que protestaram contra o ataque e a liberdade de expressão, mostrando-se solidários ao semanário.

Síntese

A Folha de São Paulo publicou 9 matérias diretas sobre o atentado, sendo 4 notícias e 5 reportagens, o que demonstra que houve um aprofundamento maior em relação ao fato. Isso porque a reportagem em si é considerada uma matéria que procura responder mais do que o simples *lead* pede, utilizando as palavras-chave “como” e “porquê” para divulgar mais dados.

Nas **notícias diretas**, foi verificado duas vezes a palavra “atiradores” no título e uma vez a expressão “terroristas”. Em nenhum dos três títulos foi citado o nome do jornal Charlie Hebdo, subentendendo-se que o jornal sugere que as pessoas já sabiam do que se tratava a

notícia. Em duas se lê a palavra “atiradores”, duas “Paris”, uma “França”, duas “profeta” e uma “Al Qaeda”. Duas delas apresentam, no primeiro parágrafo, *lead* contendo as informações sobre o atentado. Os termos “terrorista” ou “terrorismo” estão presentes nos três textos pelo menos uma vez, assim como “Charlie Hebdo” e “atentado”. Uma das notícias possui vídeo e áudio. Já as demais representam apenas fotografias e álbuns explicativos. Os textos das notícias são sucintos, contendo depoimentos e informações básicas para que o leitor compreenda em que se baseou o episódio. As matérias possuem um mínimo de 5 parágrafos e um máximo de 8.

Ao contrário das notícias, percebe-se que nas reportagens diretas os títulos foram mais explicativos: quatro das seis matérias possuem a palavra “ataque”. Em uma delas existe a expressão “terrorista”. Em apenas uma reportagem se lê o nome “Charlie Hebdo”, porém três delas mostram o termo “jornal”. Uma delas mostra a palavra “França”, e as outras cinco contêm a citação “Paris”. Essas informações são suficientes para que se tenha uma ideia do que a notícia irá falar. O primeiro parágrafo reforça as informações do título em cinco das seis publicações, sendo que a outra começa explicando quem são os mortos no atentado. As notícias possuem entre 6 e 18 parágrafos. Em todas as reportagens a palavra “atentado” é citada pelo menos uma vez, assim como as palavras “terrorista” ou “terrorismo”. Todas as reportagens se encontram na categoria “mundo”.

Das cinco reportagens diretas produzidas pela FSP, duas foram feitas em colaboração com agências de notícias. A identificação “das agências de notícias” dá a entender que o veículo copiou a informação de outras mídias, não as construindo em parceria. Somente quando há a informação “de São Paulo” é que se insinua que a matéria foi feita pelo jornal.

Em relação a estas parcerias percebe-se que, das quatro notícias diretas, duas foram construídas somente pela FSP, uma divulga informações de agências de notícias e a outra é uma reprodução da Radio France Internationale. A associação com outros veículos noticiosos é entendida pela distância entre o acontecimento e o jornal e, ainda, pela necessidade de divulgar as informações no horário em que aconteceram. Dessa forma, pode-se entender que o veículo não possuía algum repórter no local do acontecimento.

Quanto às fontes, percebe-se o uso frequente de citações de testemunhas e sobreviventes, consideradas extraoficiais, e da polícia. Em somente um caso apareceu o nome do presidente francês François Hollande. A marca dos textos parece ser a especulação, a tentativa de manter distância dos fatos ocorridos e de humanizar de forma sensacional os leitores. Ao contrário dos outros dois jornais, a Folha de São Paulo aparentou trabalhar com poucas fontes e de forma vaga, uma vez que cita somente a polícia e “diversos líderes ao redor

do mundo”. Muitas informações não possuem origem e há o uso de expressões que indicam a falta de confirmação, como “há relatos”.

Quanto aos critérios de noticiabilidade e valores-notícia, entende-se que a Folha de São Paulo fez uso abundante do apelo à empatia e à curiosidade do leitor, com critérios como medo, imprevisibilidade, violência, insegurança, drama, humanismo, negatividade, coletividade, empatia, ódio, curiosidade, amplitude e proeminência. A exposição física também foi um fator bem explorado pelo jornal, que utilizou vídeos, representações e fotografias para mostrar cenas do atentado e as faces dos terroristas.

Quanto às imagens, todas as matérias possuem fotografias, desenhos relativos ao jornal, charges, mapas ou álbuns explicativos. Duas reportagens possuem também vídeos, sendo que uma delas divulga dois. Percebe-se uma repetição dos mapas e das galerias ao longo das matérias. As imagens procuram chamar a atenção para pontos impactantes, como mortes, socorro às vítimas, rostos de pessoas proeminentes como o presidente francês François Hollande, dos cartunistas mortos e dos acusados do crime. Apenam, assim, para a exposição física.

10.3.2 BBC

a) Notícia direta: “Só tive tempo de me jogar debaixo da mesa”, diz sobrevivente de ataque à revista

Figura 16 - “Só tive tempo de me jogar debaixo da mesa”, diz sobrevivente de ataque à revista

'Só tive tempo de me jogar debaixo da mesa', diz sobrevivente de ataque à revista

8 janeiro 2015 [Compartilhar](#)



Um dos poucos sobreviventes do ataque ao semanário satírico *Charlie Hebdo*, o jornalista Laurent Léger disse que só teve tempo de “se jogar debaixo da mesa”, enquanto via seus colegas sendo mortos.

Em entrevista ao canal de TV francês *France 2*, ele contou como conseguiu sobreviver ao massacre, deixou 12 pessoas mortas, entre elas vários de seus colegas de redação.

“Nós ouvimos um barulho que parecia com fogos de artifício — e não entendemos o que estava acontecendo. De repente, um homem invadiu a sala de reunião. Havia cheiro de pólvora. Ele gritou ‘Allahu Akbar’ (“Deus é grande”, em árabe) duas vezes e começou a atirar. Tudo aconteceu muito rápido”, afirmou Léger.

“Eu só tive tempo de me jogar debaixo da mesa. Estava agachado ali e vi meus colegas mortos no chão. Tive sorte porque como, a sala era pequena, o atirador não podia andar com facilidade ao redor da mesa e cavar debaixo dela. Houve um longo período de silêncio e eu o ouvi indo embora”, acrescentou o jornalista.

“Assim que ele saiu, eu o ouvi dizendo a mulher na redação: “Não queremos matar mulheres”. Ai ele trocou algumas palavras com outro homem e foi só ai que eu percebi que eram dois atiradores”, afirmou Léger.

Compartilhar Site [compartilhar](#)



Fonte: BBC, adaptado pela autora (2015).

O título da matéria apela para a curiosidade, a empatia com o caso, ao utilizar a palavra “sobrevivente” e mostrar uma parte vaga do relato do jornalista, mas que pode transmitir adrenalina e perigo ao leitor (Figura 16 e Apêndice 10). Logo após, surge uma fotografia em tamanho grande do jornalista que sobreviveu, ao lado de uma das charges da qual é responsável

por ter criado. Percebe-se que a imagem é um recorte do programa de televisão no qual ele apareceu para contar sua história.

A linha de apoio estende o apelo às emoções, à tragédia e ao suspense. Isso porque começa com “um dos poucos sobreviventes”, podendo dar a entender que a maioria das pessoas presentes no local estão mortas, e segue com frases de impacto como “se jogar embaixo da mesa” e “enquanto via seus colegas sendo mortos”.

O primeiro parágrafo do texto reforça a fotografia, deixando claro que aquelas informações foram obtidas através de outra agência de notícias, a France 2. Há uma breve contextualização sobre o caso, com o relato do número de mortos, e o uso da palavra “colegas”, que demonstra amizade entre os mortos e sobreviventes, de forma a tocar o leitor.

Os próximos parágrafos são compostos por frases na íntegra ditas pelo jornalista ao canal francês sobre os momentos que passou dentro do semanário, o que sugere pouco interesse da BBC em aprofundar o tema. As frases contam o passo a passo dos assassinos dentro do semanário, podendo ter se utilizado do suspense para que o leitor se sinta como se estivesse no local na hora do atentado, o que aumenta a empatia.

A matéria, feita no dia seguinte ao atentado, demonstra poucos fatos novos e parece utilizar de um conteúdo feito para atrair o leitor. Alguns fatos são contados, porém o foco da matéria parece ser causar comoção. Apesar disso, a matéria cita uma informação curiosa: os homens disseram que não queriam matar mulheres.

Em outras matérias, as informações foram trazidas através de relatos de testemunhas secundárias. Neste caso, a testemunha realmente vivenciou o ocorrido de perto. O texto termina de forma abrupta, sem informações adicionais além do depoimento.

O tamanho da matéria, de 5 parágrafos, reforça a ideia de que o jornal pode ter querido causar mais impacto sobre o fato, visando chamar a atenção do público leitor através de um depoimento, o que geralmente sensibiliza muitas pessoas. Ao longo do texto foram utilizados os seguintes critérios: drama, violência, empatia, interesse e novidade.

A abordagem do texto, mesmo com o uso de depoimento, é informativa. Acredita-se que a única fonte utilizada tenha sido o canal France 2. A imagem escolhida, retirada também do canal de televisão, parece reforçar um desinteresse da BBC em ampliar a matéria. Isso porque há somente uma fonte, sendo que todas as informações foram copiadas do programa. A notícia foi apresentada um dia após o ataque ao semanário, o que pode justificar a especulação de acontecimentos pós atentado, apresentando fatos em formato diferenciado como o de depoimentos.

b) Notícia Direta: Médico da revista conta como foram momentos após ataque

Figura 17 - Médico da revista conta como foram momentos após ataque

Médico da revista conta como foram momentos após ataque

9 janeiro 2015 Compartilhar



Colaborador da Charlie Hebdo e médico de emergência, Patrick Pelloux chegou à redação da revista momentos após o ataque terrorista que deixou 12 pessoas mortas na quarta-feira.

"Às 11h30, Jean-Luc, o designer gráfico, me ligou dizendo: 'Venha rápido. Precisamos de você!", disse, emocionado, ao canal de TV francês iTele.

Lela mais: Ataque à 'Charlie Hebdo': Suspeitos de massacre estão cercados por polícia na França

Ao receber a ligação, ele achou que era uma brincadeira. "Achei que ele estava brincando porque eu ia passar lá à tarde para desejar 'Feliz Ano Novo'".

Com a voz embargada e lágrimas nos olhos, ele contou que foi imediatamente ao local, acompanhado de bombeiros e paramédicos.

Lela mais: 'República é culpada': Emocionada, namorada de editor morto em ataque a revista acusa governo

"Foi horrível. Muitos já estavam mortos porque foram abatidos em estilo de execução. Nós conseguimos salvar alguns, que nesta manhã estavam bem", contou.

Pelloux disse que foi ao programa de TV para anunciar que a revista iria continuar "porque eles não ganharam".

"Charb, Cabu, Wolinski, Bernard Maris, Honore, Elsa, Tignous, Mustapha e o guarda que foi abatido e ferido recebido a missão de nos proteger não morreram em vão."

Compartilhar Site: compartilhar



Fonte: BBC, adaptado pela autora (2015).

A matéria sugere, mais uma vez, uma tentativa do jornal em chamar a atenção do público leitor através de um título que apela ao desconhecido, ao curioso (Figura 17 e Apêndice 11). Isso porque deixa em dúvida se o médico estava no local do atentado quando este ocorreu e foi uma vítima ou se chegou após para socorrer os feridos. Já a expressão “momentos após”, no subtítulo, dá a entender que o médico chegou no local logo após o atentado, encontrando mortos e feridos.

O título parece tentar chamar o público pelo drama, pelo impacto, pela falta de clareza. Dessa forma, torna-se irresistível à frente de uma audiência curiosa. Divulgada dois dias após o atentado, a matéria segue os moldes da publicação sobre o jornalista sobrevivente. Novamente

existe uma espetacularização do ocorrido, ao tentar transmitir uma informação nova aos leitores, mas que apela para o inesperado, para a curiosidade e empatia do leitor. Ao longo da matéria o jornal revela uma informação singular: a de que o médico fazia também parte do grupo de trabalho do semanário e, portanto, os mortos e feridos eram seus amigos. Essa informação não fica clara no título, sendo que mais atenção à matéria teria sido chamada caso o dado estivesse à vista.

O jornal utilizou novamente um recorte de uma entrevista em vídeo, desta vez disponibilizada pelo canal francês iTele. A fotografia foi também disposta antes do texto e da linha de apoio, a qual esclarece que o médico era colaborador do sugere Charlie Hebdo, e não médico da revista, necessariamente. Localiza o leitor ao esclarecer algumas informações do *lead*, como onde, quando, como e o quê.

O texto inicia com uma frase de impacto, que produz suspense, pode emocionar o leitor e gerar empatia. O uso do adjetivo “emocionado” parece querer apelar à empatia. O primeiro parágrafo deixa claro que as informações reproduzidas foram obtidas através de outra agência de notícias.

O texto é interrompido duas vezes por links que levam a matérias sensacionalistas, apelando para a curiosidade, o imediatismo, a imprevisão, o drama e as emoções. Seguido dos links, a matéria continua composta por parágrafos curtos, o que pode demonstrar uma tentativa de destacar cada frase dita pelo médico.

No terceiro parágrafo do texto, o leitor se depara novamente com uma frase apelativa e adjetivada: “com a voz embargada e lágrimas nos olhos”. O texto continua comparando novamente os mortos a animais, usando palavras como “abatidos em estilo de execução”, que sugerem falta de remorso por parte dos atiradores, apelando para o impacto e o negativismo.

Já no último parágrafo é citado o trecho “não morreram em vão”, que pode subentender um sentimento de revanche, de complacência e injustiça sentido pelo médico. Por outro lado, traz também a informação de que o semanário não irá encerrar as atividades por causa do atentado.

De todas as matérias apresentadas pela BBC, esta é a mais sensacionalista de todas. Isso porque apela fortemente às emoções dos leitores, utilizando adjetivos e sugere uma transformação dos sobreviventes e mortos em heróis. Esses recursos podem aproximar o leitor da dor sentida pelo médico, utilizando expressões que o auxiliam a se transportar ao local do crime. Foram usados critérios que parecem frisar a empatia e classificar o acontecimento como

uma monstruosidade. Acredita-se que esses recursos foram utilizados para manter a atenção do leitor no caso, uma vez que a matéria foi publicada dois dias após o atentado.

c) Notícia direta: Ataque a revista mata pelo menos 12 em Paris

Figura 18 - Ataque a revista mata pelo menos 12 em Paris

Ataque a revista mata pelo menos 12 em Paris

7 janeiro 2015 [Compartilhar](#)



Ataque matou 11 pessoas e deixou 10 feridos em Paris

Homens armados atacaram o escritório da revista satírica *Charlie Hebdo*, em Paris, matando pelo menos 12 pessoas e ferindo outras 10, segundo autoridades francesas.

Testemunhas disseram ter ouvido seguidos disparos após homens armados terem aberto fogo com fuzis.

A publicação é polémica por sua abordagem das notícias. A última mensagem da publicação no Twitter foi uma charge do líder do grupo Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi.

Uma testemunha, Benoit Bringer, disse ao canal de TV francês Itélé ter visto "dois homens encapuzados entrando com Kalashnikovs. Minutos depois, foram ouvidas várias tiros".

Em seguida, os homens foram vistos deixando o prédio.

A polícia afirma que um dos atiradores gritou "Nós vingamos o profeta".

"É uma carnificina", disse o policial Luc Poignant ao canal francês BFMTV. Entre as mortas há dois policiais.

A revista foi atacada em novembro de 2011 após ter publicado uma caricatura do profeta Maomé.

Uma reunião de emergência do governo francês foi convocada.

O presidente da França, François Hollande, visitou o local do tiroteio e disse se tratar de um ataque à liberdade de expressão e um ato de terrorismo.

Compartilhar Substitui compatível

[✉](#) [f](#) [+](#) [t](#) [g+](#) [in](#)

Fonte: BBC, adaptado pela autora (2015).

O título da notícia apela para o inesperado, a surpresa, o impacto, a negatividade e a amplitude do caso, citando o número de mortos, utilizando as palavras “pelo menos”, o que indica que podem haver mais vítimas (Figura 18 e Apêndice 12). O título também parece indicar

que as notícias estão sendo apuradas, o que se comprova ao ver a data da matéria, que foi disponibilizada no dia do atentado.

Antes do texto foi disponibilizada uma foto de policiais e ambulâncias no local socorrendo as vítimas. É possível enxergar, também, pessoas correndo no canto direito da foto, o que pode indicar pressa em atender alguém, ou uma situação de risco. A linha de apoio faz uma breve contextualização sobre o ocorrido, ampliando as informações do *lead* ditas no título.

O texto dá a entender que as informações divulgadas foram todas a partir de testemunhas ou autoridades. Assim como na Deutsche Welle, a BBC utilizou termos como “carnificina”, que apelam à violência, ao impacto e à amplitude. O tamanho da matéria revela que há poucas informações a serem repassadas. Dessa forma, entende-se que a notícia foi divulgada com pouco embasamento ou contextualização e sem ainda haver certeza do ocorrido em sua totalidade. Aparentemente, para aumentar a matéria foram criados vários parágrafos de uma ou duas linhas apenas.

Percebe-se, então, uma tentativa da publicação em competir no quesito agilidade com outros veículos de informação. A matéria parece buscar, com palavras de impacto, que indicam brutalidade, drama e amplitude, prender os leitores ao jornal, à espera de novas informações detalhadas sobre o ocorrido.

d) Reportagem direta: Ataque a Charlie Hebdo: Quem são as vítimas?

Figura 19 - Ataque a Charlie Hebdo: Quem são as vítimas?

Ataque a Charlie Hebdo: Quem são as vítimas?

8 janeiro 2015 Compartilhar



Ataque à revista satírica Charlie Hebdo deixou 12 mortos e 11 feridos, quatro deles em estado grave.

Um ataque ao semanário satírico Charlie Hebdo na quarta-feira deixou 12 pessoas mortas e outras 11 feridas, quatro delas em estado grave.

O atentado aconteceu pela manhã, durante a reunião editorial da revista. Dois atiradores feriram efetuado os disparos, de acordo com o relato de um sobrevivente.

Entre os mortos, estão os principais cartunistas da França.

Lela mais: Em fotos: Vigílias reúnem milhões em todo o mundo

Confira, abaixo, o perfil das vítimas.

Stéphane Charbonnier, editor



“Prefiro morrer de pé a viver de joelhos”, disse Charb certa vez ao jornal francês Le Monde

Fonte: BBC, adaptado pela autora (2015).

O título da matéria apela à curiosidade do leitor. Apresentar as vítimas do atentado sugere uma tentativa de sobressair o jornal quanto às concorrências (Figura 19 e Apêndice 13). Publicada um dia após o atentado, a matéria subentende que houve tempo dedicado a pesquisar sobre as vítimas e suas histórias. Percebe-se que a BBC tenta associar aos jornalistas, principalmente do Charlie Hebdo, a palavra “vítimas”, como se não pudessem ser punidos pelo

que dizem, escrevem ou desenham. A fotografia, que aparece antes do texto e da linha de apoio, parece descontextualizada em relação ao título. Acredita-se que os leitores que desconhecem o caso não compreenderiam a relação do lápis na imagem (visto que são chargistas e, portanto, desenham) e da frase “Je suis Charlie”, utilizada por manifestantes para mostrar apoio ao jornal.

A linha de apoio e o primeiro parágrafo mostram uma breve contextualização do atentado respondendo às perguntas do *lead*. A seguir, entra um parágrafo com uma única frase de impacto, que cita os cartunistas mortos como os principais nomes da França no ramo. Este parágrafo indica que será feita uma explanação sobre as vítimas.

O texto começa apresentando a história do editor do Charlie, Stéphane Charbonnier. Antes do texto, aparece uma foto sua tendo em mãos um exemplar do jornal. É apresentada sua idade, informações sobre família e histórico dentro do jornal. Ao que se entende, a BBC faz Charb parecer um tanto rancoroso em relação aos islâmicos, uma vez que registrou frases do editor falando mal dos religiosos. O jornal parece tentar justificar a morte do chargista apresentando apenas suas falas consideradas extremas. Percebe-se que não houve informações sobre a carreira profissional do chargista. Neste caso, a BBC peca ao reproduzir somente frases negativas do cartunista e não explicar, por exemplo, sua trajetória até chegar a editor do semanário, provavelmente tendo, assim, permitido a publicação das charges postadas antes do atentado e que levaram ao acontecimento.

A seguir vem a contextualização sobre o cartunista Jean Cabut. Antes do texto é replicada uma fotografia de uma das charges produzidas por ele e associada a medidas protetivas do governo francês em relação à ira de países islâmicos. Após a charge, surge a imagem de Cabut sentado em meio às suas criações, demonstrando o tempo de atividade do cartunista. Ao contrário da primeira identificação, é contada um pouco da experiência de Cabut, citando sua idade, seu tempo de carreira e sua trajetória até chegar ao Charlie Hebdo. Não há tentativas de atribuir negatividade ao autor.

Depois de Cabut surge Georges Wolinski, o cartunista mais velho do jornal. Antes do texto é reproduzida uma foto do autor ao lado de um desenho envolvendo a nudez feminina. A BBC se dirige ao cartunista como “um dos maiores nomes do desenho mundial”, seguindo de informações sobre sua carreira, apresentando, inclusive, relatos de parentes, no que parece uma tentativa de emocionar o público leitor. Talvez por ser a pessoa com maior experiência dentre as vítimas e a maior idade, Wolinski foi o autor de quem mais se falou dentro da reportagem, com oito parágrafos dedicados.

Bernard Verlhac também tem sua foto postada antes do texto, fumando um cigarro na frente de uma banca de revistas. É relatada sua vida pessoal e profissional. O último parágrafo parece sugerir um apelo à sensibilidade do público, iniciando com os dizeres “na noite antes de sua morte...”. O cartunista Philippe Honoré também aparece retratado em foto. Após, uma breve explicação com poucos detalhes sobre seu trabalho e sua vida pessoal. Apesar disso, é retratado demonstrando ser alguém importante dentro do ramo na França. O jornal relata o autor como gentil e generoso, no que se entende como um apelo ao lado emotivo do leitor. Bernard Maris é apresentado como alguém de importância dentro da França, com informações sobre sua trajetória profissional fora do jornal. Ao que parece, a BBC utiliza a fala do líder do banco central francês para dar destaque aos elogios dados ao economista, como “homem de grande coração, cultura e tolerância”, além de “ele fará muita falta”.

O jornal começa a falar de Elsa Cayat como a “única mulher entre as vítimas”. Parentes relatam a proeminência da psicanalista dentro de seu ramo profissional, além da utilização de frases emotivas por parte de conhecidos. No último parágrafo, de uma linha apenas, é relatado o medo da autora em morrer por ser judia, o que também parece ser um apelo à comoção. Após o uso de uma fotografia apagada, o redator Mustapha Ourrad é relatado, primeiramente, como argelino. Ao terminar o breve relato sobre o homem, a BBC usa palavras como “arrasados” e “perda de um homem tão querido”, o que se entende como um apelo ao emocional, inclusive após contar partes interessantes de sua vida e ressaltá-lo como uma pessoa singular, com muito a ensinar.

Ao visitante Michel Renaud não foram atribuídos dados além de qual a cidade natal e sua conexão com um festival francês. Entre as informações está a demonstração de luto do festival, feita através de uma foto do site. Sobre o zelador Frédéric Boisseau foram divulgadas algumas informações apelativas, como “casado e pai de dois filhos” e “injustiça”.

Já o policial Ahmed Merabet foi também muito citado, provavelmente em virtude de ter sido morto de forma considerada cruel. A única informação pessoal sobre ele foi o fato de ser muçulmano. Foi citado como “herói, discreto e consciencioso”, além de ter seus momentos finais sensacionalizados pela BBC. Foram usadas palavras como “agonizando” e “morto com um tiro fatal à queima-roupa”, além de um parágrafo curto em separado informando que havia um vídeo sobre sua morte na internet. O último a ser citado é o guarda-costas do editor, Franck Brinsolaro. A ele também foi atribuído o título de herói. O jornal parece apelar para a sensibilização do leitor quando fala sobre a dificuldade em ser policial. Ao usar as frases do irmão do homem, a BBC deixa implícito que os profissionais sabem que podem não voltar

vivos para casa. O jornal cita ainda a forma como o policial foi morto, “sem tempo de reagir”. É informada sua idade, seu estado civil e o número de filhos. Entre os textos sobre os autores do semanário são postos links relativos ao atentado. Acredita-se que estes links tentam chamar a atenção através do apelo às emoções, se referindo a assuntos mais sensacionalistas, como relatos de sobreviventes, vigílias, detalhes sobre os suspeitos.

Aparentemente, para a matéria foram considerados critérios que agissem no emocional do leitor. As histórias contadas e tentativas de heroicizar os mortos parecem apelar à injustiça: as vítimas eram pessoas boas que não mereciam ter sido assassinadas.

Esta é a reportagem mais longa do jornal em relação ao assunto. O uso de imagens é desproporcional, visto que algumas pessoas têm sua foto divulgada e também algum trabalho, e outras não possuem imagem alguma. Os textos também são desproporcionais, o que sugere que o jornal escolheu quem era mais ou menos importante.

e) Reportagem direta: AO VIVO: Ataque contra revista na França deixa mortos e feridos

Figura 20 - AO VIVO: Ataque contra revista na França deixa mortos e feridos

AO VIVO: Ataque contra revista na França deixa mortos e feridos

Atualizado pela última vez 7 janeiro 2015 Compartilhar

10:36



Almiradores mascarados mataram pelo menos 12 pessoas durante um ataque realizado na manhã desta quarta-feira contra a revista satírica francesa *Charlie Hebdo*, em Paris. O atentado deixou outras cinco pessoas feridas em estado grave. Confira a seguir os detalhes sobre o atentado.

10:41

Ataque a revista mata pelo menos 11 em Paris

10:48



Os autores do ataque contra a revista satírica *Charlie Hebdo*, que matou 12 pessoas, teriam gritado "Nós vingamos o profeta", segundo testemunhas. O comentário seria uma referência a um cartum publicado pela revista retratando o profeta Maomé. A revista chegou a sofrer um ataque em 2011, em retaliação à publicação do cartum. Segundo as preceitas da fé islâmica, o profeta não pode ser retratado.

Fonte: BBC, adaptado pela autora (2015).

Esta reportagem da BBC é diferente das demais publicadas, tanto pelo jornal como pelos outros veículos de informação analisados (Figura 20 e Apêndice 14). Isso porque faz um apanhado minuto a minuto do ocorrido, no mesmo dia do atentado. É um risco que se corre, uma vez que as informações não são necessariamente exatas. A expressão “ao vivo” do título provavelmente chama a atenção do leitor para o imediatismo, o impacto e a imprevisão. A

novidade e o interesse também são fatores noticiosos utilizados. De forma diferenciada, a reportagem utiliza de um número considerável de fotos, provavelmente para ajudar a dar ênfase ao assunto. Cada publicação conta com a data na qual o fato ocorreu ou foi publicado, o que ajuda na situação do leitor.

Antes mesmo do título, a matéria inicia com uma fotografia de um ferido sendo atendido por paramédicos, o que sugere uma tentativa de alardear o público leitor. Logo abaixo, como uma legenda, é feita a contextualização do caso, com apresentação do *lead* completo. Acredita-se que a frase “confira a seguir os detalhes” também ajude a prender a atenção do leitor, principalmente através da curiosidade em descobrir fatos novos sobre o acontecido. Após a foto, surge um link que direciona à primeira notícia publicada pelo grupo sobre o atentado.

A seguir, surgem mais informações com fotos, que parecem ser utilizadas com o objetivo de comprovar o que está sendo dito pelo jornal. São ainda feitas cópias de publicações de famosos e pessoas proeminentes no Twitter, rede social muito utilizada pela mídia para conseguir ou divulgar furos de reportagem.

Durante o texto são citadas pessoas importantes, como os presidentes da França, François Hollande, dos Estados Unidos, Barack Obama, e do Brasil, Dilma Rousseff, a chanceler alemã Angela Merkel, o premiê da Grã-Bretanha, David Cameron, a prefeita de Paris, Anne Hidalgo, o ex-presidente Nicolas Sarkozy. São lembradas também fontes como a agência de notícia Reuters, o que indica que a matéria não foi totalmente apurada pelo jornal. A matéria também apresentou informações obtidas a partir de três correspondentes internacionais que estavam em Paris e em Barcelona, cidade da Espanha.

Além das imagens obtidas no local e de cópias de *tweets*, o jornal britânico utilizou também uma cópia detalhada de um mapa, acredita-se que com o objetivo de situar o leitor e fazer com que entendesse melhor o ocorrido. Essas táticas ajudam a fazer com que o público se sinta no local do atentado.

Entre os dados novos que não foram citados pelos outros jornais estão a informação de que o site do semanário francês havia saído do ar depois do atentado e que voltara com um banner de protesto. Mesmo em uma matéria escrita minuto a minuto, é importante frisar que o jornal conseguiu trazer muitas informações que situassem o leitor dentro do fato. Além disso, mesmo que de forma breve, contextualizou o atentado, falando sobre o passado da publicação francesa e o que poderia ter levado os atiradores a cometerem o crime.

A notícia contou com pontos de sensacionalismo, uma vez que o leitor pode ter terminado de ler as informações com uma sensação de preocupação e insegurança. Isso porque

foi citado diversas vezes que ainda não se tinha informação sobre o paradeiro dos atiradores e que várias cidades europeias estavam evacuando localidades ou serviços que tinham algum tipo de relação com o semanário satírico. A matéria revelou os atiradores como pessoas determinadas, bem equipadas e treinadas. Essas informações podem gerar impacto negativo e ajudar a disseminar a desconfiança entre os leitores. A publicação ainda cita que o atentado foi o “ataque mais letal já realizado na França”, o que sugere um apelo para o impacto e a proeminência do fato.

É importante frisar que, durante a matéria, nem o jornal ou as fontes utilizadas atribuíram aos mortos e vítimas do Charlie Hebdo a responsabilidade pelo ocorrido. Aparentemente, todos se solidarizaram com o fato e defenderam a liberdade de expressão e de imprensa. Ao que se entende, a matéria separa bem as informações de modo que não pareça tão sensacionalista aos olhos de quem lê. Esta é a maior matéria da BBC sobre o assunto.

Síntese

Apesar do número de reportagens indiretas, percebe-se que as diretas foram muito bem escritas, apresentando gráficos, vídeos, fotos e imagens semelhantes aos de uma mediateca. Dessa forma, apesar de em menor número, as informações foram bem desembaraçadas ao longo do dia do atentado. Isso também leva a crer que este foi o veículo menos agendado pelo acontecimento. Mais informações foram oferecidas de forma direta nas mediatecas, que serviram para complementar as reportagens. Apesar disso, muitas informações se repetiram, o que demonstra um aprofundamento estático.

O formato de publicação do site da BBC não permite identificar se houve ou não parceria com outros veículos na construção das notícias e reportagens, visto que não há indicação em suas matérias.

A palavra “ataque” está presente nos três títulos das notícias diretas. Duas das matérias apresentam depoimentos de testemunhas, e outra, de forma breve, aborda o acontecimento, visando esclarecer rapidamente o que se passou no atentado. As três notícias apresentam *lead*, porém incompleto, não citando “quando”. Somente uma das matérias cita onde ocorreu o fato.

Os parágrafos das notícias diretas variam entre 5 e 10. Muitos deles apresentam textos de uma ou duas linhas, dando a entender que cada fato é importante o suficiente para ficar em destaque. O texto, dessa forma, é curto, sucinto e direto, procurando não repassar mais que o necessário. O veículo deixa claro que as informações que repassa são obtidas a partir de testemunhas, citando-as ao longo dos textos.

Os textos construídos com o viés das testemunhas mostram um sensacionalismo sutil, tendo em vista a utilização da emoção e da empatia para conquistar os leitores. Por outro lado, palavras como “terrorismo” ou “terrorista”, consideradas fortes, aparecem apenas duas vezes em dois textos. As três matérias foram representadas na companhia de apenas uma foto. Não houve elementos visuais adicionais. Apesar de não conterem categoria, em seus *links* existe a categoria “notícias”.

Já as reportagens diretas chamam a atenção pelo imediatismo e curiosidade, visto que apelam para palavras como “ao vivo” e “vítimas”. Estes textos apresentam muitas imagens, gráficos. Os parágrafos variam de 2 a 4 linhas e somam mais de 20.

Uma das matérias foi feita baseada no fator tempo, criando assim um passo a passo, uma espécie de resumo sobre o que ocorreu durante todo o dia 7 de janeiro, desde o início do atentado. A reportagem sobre as vítimas foi divulgada um dia após o ataque, em 8 de janeiro. A isso se deve, provavelmente, a necessidade de pesquisar sobre a vida dos cartunistas assassinados.

Quanto aos critérios de noticiabilidade e valores-notícia, percebe-se o uso da curiosidade como engate para as matérias, uma vez que são criadas reportagens que falam sobre casos exclusivos como o do jornalista e do médico da revista e ao longo de todos os textos o leitor fica preso às informações minuto a minuto ou ao vivo. São também utilizados valores como apelo às emoções, à tragédia e ao suspense, empatia, drama, violência, novidade, impacto, inesperado, injustiça, negatividade, amplitude, insegurança e proeminência.

Quanto às fontes, acredita-se que houve uma preocupação maior na citação das oficiais, como os líderes de países solidários, da França e de entidades internacionais. Houve também o uso de duas vítimas do atentado, com uma reportagem para cada, o que sugere um uso sensacionalista do fato. Também foram utilizadas testemunhas e autoridades policiais. Principalmente na reportagem na qual se dá mais detalhes sobre os mortos, foram usados depoimentos de parentes, amigos e relacionados, também de colegas profissionais, o que sugere uma tentativa de aumentar a empatia e comoção.

Quanto às imagens, percebe-se que um número maior foi utilizado nas reportagens, porém nem sempre de forma proporcional, visto que algumas matérias possuem fotos em demasiado e outras, não. As últimas análises, uma feita minuto a minuto e a outra divulgando os mortos, foram as que mais contaram com fotos, sendo que as demais possuíam apenas uma ou duas. Assim como na Folha de São Paulo, percebe-se o uso de fotos que denotem o desespero da situação e chamem através da curiosidade do leitor. São mostradas fotos de pessoas

proeminentes como presidentes, prefeitos e primeiros-ministros de todo o mundo, assim como imagens de socorro aos feridos e da segurança reforçada em locais importantes como a Torre Eiffel, denotando perigo. Também são feitas cópias de diversos manifestos em redes sociais, incluindo o da então presidente Dilma Housseff, o que sugere uma tentativa do jornal em se aproximar do público brasileiro e sua realidade. As matérias também mostram fotografias dos mortos durante o atentado e de vítimas sobreviventes que, mesmo com imagens retiradas em forma de cópia de um programa de televisão, parecem demonstrar a preocupação do veículo com o registro desse tipo de recurso.

10.3.3 Deutsche Welle

a) Reportagem direta: Atentado a semanário mata 12 em Paris

Figura 21 - Atentado a semanário mata 12 em Paris



Três homens encapuzados, armados com fuzis kalashnikov, invadiram a sede do semanário satírico francês *Charlie Hebdo*, no coração de Paris, nesta quarta-feira (07/01) e abriram fogo. Ao menos 12 pessoas morreram, entre elas o diretor da publicação e dois policiais, num atentado que elevou o alerta de terrorismo na França ao nível máximo.

Os terroristas conseguiram fugir e estão sendo caçados por mais de 3 mil homens da polícia parisiense. O atentado gerou uma **onda de condenações** da comunidade internacional e ameaça **acirrar o debate** sobre a relação entre islã e radicalismo, atualmente em alta na Europa, sobretudo na Alemanha e na França.

"Os autores desses atos serão perseguidos. A França está em choque. É um atentado terrorista, não há dúvida", afirmou o presidente francês, François Hollande. "Temos de agir com firmeza, mas nos preocupando com a unidade nacional. Estamos diante de um momento difícil."

Fonte: Deutsche Welle, adaptado pela autora (2016).

No título estão presentes palavras fortes como “atentado” e “mata”, que parecem querer trazer amplitude para a notícia, chamando a atenção do público através do negativismo, da surpresa e da violência (Figura 21 e Apêndice 15). O subtítulo, com três linhas, responde as questões principais do *lead*. São utilizadas palavras de impacto como “carnificina” e “abrem fogo”, o que dá a entender que as mortes ocorreram de forma violenta.

Logo após o subtítulo é apresentado um vídeo sobre o atentado, com 57 segundos. Abaixo dele existe a frase “Vídeo: atentado contra semanário satírico em Paris”, escrita com letras com aproximadamente o mesmo tamanho do título. Acredita-se que este recurso visa chamar atenção para o conteúdo da filmagem.

Mais ou menos no meio do texto é mostrada uma galeria de imagens com informações diferentes abaixo de cada foto. O texto é composto por palavras de impacto, tanto negativo quanto positivo. Relacionado à negatividade estão “caçados”, “invadiram”, “alerta de terrorismo”, “Al Qaeda”, “barbárie”. São utilizadas ainda palavras que revelam proeminência e relevância, seja o texto destacando fontes ou locais importantes, tais como os nomes Barack Obama, Angela Merkel, François Hollande, Otan, União Europeia, Liga Árabe e George Wolinski, chamado de “o maior nome do quadrinho francês”. Acredita-se que, numa tentativa de demonstrar a amplitude do fato, são citados trechos como “onda de xenofobia”, “milhares foram às ruas”, “grande ataque terrorista em décadas”, “3 mil homens da polícia”, “onda de condenações”, “nível máximo”, “megaesquema” e “população muçulmana de 5 milhões de pessoas na França”. A citação de informações sobre o local do atentado - próximo à Catedral de Notre Dame, no “coração” de Paris – parece demonstrar um interesse do jornal em fazer com que o público se localize, relacione-se e sinta mais empatia pelo caso.

O texto parece sugerir que os suspeitos são animais, uma vez que usa palavras brutas como “caçados”, “barbárie” e “invadem”. Dentro da reportagem existem ainda dois subtítulos que chamam a atenção para a violência e o interesse universal, utilizando palavras como “vingamos” e “internacional”. O texto ainda faz uso de dois hiperlinks que levam a matérias relacionadas aos desdobramentos do atentado, como o repúdio aos islâmicos.

b) Título: Polícia identifica os três suspeitos do ataque terrorista em Paris

Figura 22 - Polícia identifica os três suspeitos do ataque terrorista em Paris

MUNDO

Polícia identifica os três suspeitos do ataque terrorista em Paris

Terroristas são os irmãos Said e Cherif Kouachi, de 34 e 32 anos, e Hamyd Mourad, de 18 anos, todos cidadãos franceses. Um deles era conhecido das autoridades, preso em 2008 por ligação com organização jihadista.



Os três acusados de terem executado o ataque terrorista ao semanário satírico *Charlie Hebdo*, nesta quarta-feira (07/01) em Paris, **que deixou 12 mortos e 11 feridos**, foram identificados, segundo autoridades policiais e fontes do governo da França.

A polícia local está caçando três cidadãos franceses, incluindo dois irmãos da região de Paris, e um outro homem da região de Reims, cidade localizada 150 quilômetros ao nordeste da capital francesa. Os encapuzados que invadiram a redação da publicação têm 34, 32 e 18 anos.

Segundo um documento emitido pela polícia para as forças de segurança em toda a região, os procurados se chamam Said Kouachi, nascido em 1980, Cherif Kouachi, nascido em 1982, e Hamyd

Fonte: Deutsche Welle, adaptado pela autora. (2016).

O título da matéria demarca o local do incidente, no que parece ser uma tentativa de chamar a atenção para a proeminência do local, no caso a capital da França (Figura 22 e Apêndice 16). Já a expressão “ataque terrorista” provavelmente gera impacto negativo, expressividade e comoção em quem lê. O subtítulo de três linhas não completa os dados do *lead*, mas sim traz dados sobre quem seriam os suspeitos, indicando sobre o que se trata a notícia e mexendo com o interesse e a curiosidade do público.

Ao invés do vídeo da reportagem anterior, logo após o subtítulo é utilizada uma foto chamativa, porém não muito clara, mostrando dois atiradores investindo contra um carro de polícia. Não há legenda para a foto. Assim como a reportagem anterior, este texto é marcado

por expressões de impacto e depoimentos. Porém, as fontes desta matéria não tiveram nomes atribuídos, exceto pelo jornal Metro.

Também foram utilizadas palavras que denunciam violência, mas nesta matéria há uma presença maior do sensacionalismo, uma vez que as informações, todas negativas, são apresentadas com palavras fortes como “executou”, “massacre” ou “atentado”, e o texto em si, ao ser lido, possivelmente traz uma sensação de pânico, de que o ocorrido foi uma monstruosidade. Esse critério pode ainda ser confirmado na última frase da matéria, na qual se diz que há a possibilidade de novos ataques. Utilizada por último e sem mais detalhes, a informação pode trazer uma sensação de insegurança e imprevisibilidade.

O único subtítulo na matéria não faz apelo nenhum a informações de impacto. Com a exceção de “mais de 3 mil policiais”, não há expressões que denunciem expressividade. Dentro da notícia está inserido um link que direciona o leitor para a matéria anteriormente analisada, que esclarece o fato ocorrido e é a primeira notícia do jornal sobre o atentado.

A mesma galeria de imagens da notícia anterior é apresentada também nesta reportagem, porém desta vez no fim da matéria. A citação de informações sobre o local do atentado - próximo à Catedral de Notre Dame, no “coração” de Paris - parece reiterar um interesse do jornal em fazer com que o público se localize e sinta-se afetado pelo evento. Novamente o texto apresenta os suspeitos como animais, uma vez que usa palavras brutas como “caçados”, “barbárie” e “invadem”.

O texto possui oito parágrafos, que variam entre duas e quatro linhas. A abordagem é informativa, e utiliza-se de seis fontes de informação declaradas. Diferentemente da primeira matéria, nesta as informações foram ampliadas e melhor apuradas.

Síntese

Ambas as reportagens diretas da DW foram construídas em parceria com redes noticiosas, representadas por siglas ao final de cada matéria. Os textos possuem 8 e 15 parágrafos. Os assuntos foram divididos entre um ou mais subtítulos, dando uma característica mais organizada ao texto. Na primeira notícia percebe-se uma tentativa de polemizar o fato. Já na segunda, apesar de usados termos mais negativos, parece existir uma maior contextualização. A primeira matéria foi publicada no dia do atentado, quando ainda não havia muitos fatos para apurar, visto que os resultados do massacre ainda estavam em curso. Já a segunda publicação foi divulgada no dia seguinte ao fato, o que se conjectura numa maior apuração.

As duas reportagens possuem subtítulos. Percebe-se também que ambas contaram com

auxílio audiovisual, seja fotografia, vídeo ou galeria com informações. Ambas matérias se encontram na categoria mundo, e foram registradas testemunhas do acontecimento como fontes. Os depoimentos são coerentes com o texto e acredita-se que servem para complementar as informações obtidas pelo jornal. Porém, são utilizados trechos de falas e expressões que se aproximam de uma tentativa de sensacionalizar as matérias. Foram consideradas somente reportagens neste veículo, visto que não se identificou notícias diretas.

Quanto aos critérios de noticiabilidade, verificou-se que se salientaram amplitude, relevância, negatividade, impacto, surpresa, violência, repercussão (nações de elite, drama) e empatia.

Quanto ao uso de fontes, acredita-se que houve uma preocupação no uso de nomes importantes para a apresentação das informações. Por outro lado, também foram citados policiais, testemunhas e até mesmo a imprensa. Acredita-se que a metodologia da Deutsche Welle é não utilizar de forma corrente fontes para justificar os dados fornecidos nas matérias.

Quanto ao uso de imagens, percebe-se que, em apenas duas matérias, a mesma galeria explicativa foi usada duas vezes. As imagens sugerem um sensacionalismo, apelando para momentos de pânico e de violência. Foram retratados momentos nos quais vítimas eram socorridas e nos quais os terroristas lançavam uma ofensiva contra a polícia. Não foram mostrados os chargistas assassinados ou alguma autoridade. A utilização de poucas imagens ao longo do texto e o uso frequente de galerias informativas parece ser uma das marcas da DW, que prefere um texto limpo e sem interrupções.

10.4 Comparação entre os veículos na abordagem em notícias e reportagens diretas

A Folha de São Paulo liderou a produção com auxílio de agências de notícias, como quatro matérias publicadas. Já a Deutsche Welle ficou em segundo lugar com duas matérias. Porém, em porcentagem, o jornal alemão passa para o primeiro lugar, com 100% de matérias produzidas com auxílio, enquanto a Folha fica com 44,4%. Já a BBC não pode ser avaliada devido a não apresentar esse tipo de informação em seus textos. Enquanto a Folha de São Paulo normalmente apresenta o dizer “Das agências de notícias”, a DW cita quais das agências foram utilizadas para compor as notícias.

As reportagens diretas da BBC foram as mais completas dos três jornais avaliados, apresentando um maior número de informações em formato de texto e fotos, deixando vídeos e demais recursos visuais em segundo plano. Já a FSP foi a que mais apresentou recursos visuais, mesmo que repetidos em outras matérias. Ao contrário das demais, a DW foi o veículo

que apresentou parágrafos mais consistentes, sempre com mais de 2 linhas.

Ao final da análise conjunta, foi percebido que a Folha de São Paulo reutilizou muitas das informações em vários textos diferentes, incluindo também imagens e galerias. As falas, expressões ou dados de contextualização eram sempre os mesmos. Essa conclusão faz questionar quais os motivos que o jornal teve para não se aprofundar no caso. O mesmo caso ocorreu também na BBC e na DW, porém com as galerias de imagens.

Quadro 2 - Análise comparativa dos veículos em relação ao problema de pesquisa

Veículo	Crítérios de noticiabilidade	Fontes	Imagens	Gêneros
FSP	Medo, imprevisibilidade, violência, insegurança, drama, humanismo, negatividade, coletividade, empatia, ódio, curiosidade, amplitude, proeminência	Testemunhas, sobreviventes, polícia, presidente francês. Especulação, poucas fontes e de forma vaga, nem sempre confirmadas	Fotografias, desenhos, charges, mapas, galerias, vídeos. Repetição de alguns dos elementos em mais de um texto. Chamam a atenção para pontos impactantes, como mortes, socorro às vítimas, rostos de pessoas proeminentes como o presidente francês, os cartunistas mortos e os acusados do crime. Apelo para a exposição física	Mais interpretativo do que informativo
BBC	Curiosidade, emoção, tragédia, suspense, empatia, drama, violência, novidade, impacto, inesperado, injustiça, negatividade, amplitude, insegurança, proeminência	Testemunhas, polícia, parentes, amigos e relacionados, colegas dos profissionais mortos, depoimento das vítimas. Preocupação maior na citação de autoridades	Fotografias de pessoas proeminentes, imagens de socorro aos feridos e da segurança reforçada. Cópias de manifestos em redes sociais, fotografias dos mortos e de vítimas sobreviventes. Fotos denotam desespero, focam na curiosidade	Mais informativo do que interpretativo

DW	Amplitude, relevância, negatividade, impacto, surpresa, violência, repercussão, drama, empatia	Policiais, testemunhas, imprensa, nomes proeminentes. Pouca utilização de fontes ao longo dos textos	Galerias e vídeos. Poucas imagens dentro do texto. Apelo para o pânico e a violência	Interpretativo
----	--	--	--	----------------

Fonte: Adaptado pela autora.

Quanto aos critérios de noticiabilidade, verificou-se que a DW não utilizou propriamente da curiosidade para chamar a atenção do leitor, enquanto que nos demais veículos este parece ter sido o objetivo. Entre os três jornais, os valores-notícia comuns a todos são: drama, violência, empatia, negatividade e amplitude. Já dentre a FSP e a BBC os critérios que se chocaram foram violência, insegurança, drama, negatividade, empatia, curiosidade, amplitude e proeminência. Dessa forma, percebe-se que, neste quesito, ambos os jornais estão mais bem relacionados em relação à DW.

Quanto às fontes, percebe-se que a DW procurou não as divulgar tanto quanto os outros veículos, que para quase todas as afirmações possuíam um respaldo. Porém, quando o fez, relacionou os temas aos mesmos tipos de fontes dos demais veículos, como testemunhas, policiais e nomes de proeminência. A BBC foi a única que se valeu dos depoimentos dados pelos dois integrantes do Charlie Hebdo, utilizados na íntegra. Apesar de não os terem entrevistado propriamente, com certeza destacaram-se ao citar esse tipo de fonte, uma vez que depoimentos de vítimas costumam chamar mais atenção do público pela curiosidade e empatia. Na FSP percebeu-se o uso de muitas informações aparentemente sem comprovação oficial. Já a BBC utilizou depoimentos de parentes dos assassinados, assim como envolvidos no Charlie e amigos. Ambos os jornais, por exemplo, realizaram matérias nas quais informaram quais os foram os mortos. Enquanto a BBC trouxe um ar mais humanizado, com depoimentos de parentes e amigos, a FSP noticiou cada um deles sem se aproximar dessa questão.

Quanto às imagens, quem mais se destaca é a BBC, com o uso de diversos itens para compor suas matérias. São utilizadas fotografias de pessoas proeminentes, imagens de socorro aos feridos e da segurança reforçada. Cópias de manifestos em redes sociais, fotografias dos mortos e de vítimas sobreviventes. Enquanto isso, na DW são utilizadas apenas quatro imagens em dois textos, sendo que a mesma galeria se repete em cada um deles. A FSP destacou-se das demais quanto ao desenho publicado relativo à sequência de acontecimentos durante o atentado.

Porém, grande parte das imagens utilizadas pelo jornal se repete em outros textos, o que dá a entender que o veículo não tem com o que preencher o espaço, não possuindo fotos novas. Percebe-se que os três veículos tentam atribuir às imagens, vídeos ou caricaturas momentos de tensão ou angústia relacionados ao fato, de forma a aproximar seus leitores e transferir empatia. A FSP exagera quanto à divulgação de um vídeo no qual aparece um policial sendo executado. Considera-se que esta cena é a mais forte e também a mais desnecessária dos três veículos, uma vez que faz uso da imagem de uma vítima na tentativa de chamar mais atenção para o jornal.

Quanto aos gêneros jornalísticos, do jornal Deutsche Welle só foram coletadas reportagens, o que significa que houve a predominância do gênero interpretativo. Porém, também foram utilizadas opiniões, uma vez que se percebe a adjetivação do material. Entende-se, portanto, que durante as apurações o jornal tratou os atiradores como caçadores e os jornalistas, como caçados. Ou seja, o jornal defendeu o Charlie Hebdo e o considerou vítima na história. Já na BBC o que prevaleceu foi o gênero informativo, uma vez que havia mais matérias noticiosas do que reportagens. Do mesmo modo que a DW, a BBC também adjetivou os atiradores e demonstrou solidariedade para com os chargistas do Charlie. Já na FSP prevaleceu o gênero interpretativo, pelo maior número de reportagens. Apesar disso, tanto as reportagens quanto as notícias têm informações consideradas rasas, uma vez que não apontam com precisão as fontes consultadas e trazem dados não oficialmente apurados, o que contribuiu para o sensacionalismo das matérias.

Ao longo das análises notou-se que nenhum dos três veículos acusou o semanário de pecar contra a ética. Os jornais não emitiram opinião direta sobre o assunto em suas notícias ou reportagens, porém o uso de adjetivos e comparações dos terroristas com caçadores ou animais, além da vitimização dos jornalistas do Charlie deixou claro que os veículos não consideraram os jornalistas culpados. Por outro lado, a opinião dos veículos é rasa, uma vez que nenhum deles aprofundou as atividades do jornal ou chegou a debater sobre a ética e a possibilidade de que o semanário tenha ferido as condutas jornalísticas.

Quanto à ética nos três veículos analisados, percebe-se que os jornais não procuraram desfazer o pensamento misógino do ocidente, no qual os islâmicos são todos considerados perigosos e são relacionados à negatividade, ao medo e à imprevisibilidade. Houve falta de aprofundamento dos jornais, que provavelmente procuraram manter distância destes temas de forma a não se posicionar de forma direta. Os textos analisados estiveram voltados à informação espetacularizada, na qual o foco se dá na manutenção das formas de pensar e dos juízos de valor, ao invés de procurar debater de forma crítica e sobre o assunto. Este debate seria de suma

importância social, uma vez que o jornalista precisa exercer seu papel de mediador de conflitos, e não de reafirmador dos mesmos.

Além da falta de representatividade social, os veículos utilizaram-se muito do sensacionalismo, que é, para Marcondes Filho, segundo Tondo e Negrini (2009), a prática de mercantilizar a notícia. Em outras palavras, Seligman e Cozer (2009) citam Enne, que entende o sensacionalismo como um produto cultural das sociedades. Portanto, compreende-se a necessidade de usar termos fortes ou mostrar fotografias explicitamente violentas como um reflexo do que a sociedade do imediatismo e do gosto pelo drama quer. Analisando as matérias de cada veículo, percebe-se que muitos dos critérios que Enne define como sensacionalistas – especulação, foco no corpo vitimado, expressões personificadas, ilustrações de crimes ou tragédias e histórias em quadrinho reconstruindo a história do acontecimento – foram utilizados pelos jornais, o que os classifica como tal.

11 CONCLUSÕES

O jornalismo, desde sua criação, sempre exerceu um papel fundamental de mediação entre os fatos e a sociedade. Ao longo dos séculos, vem mostrando sua importância, seja porque constrói diariamente a notícia, porque a faz de forma que a sociedade consiga acompanhar os fatos através de explicações sobre o tema ou, o que mais se destaca, porque transmite notícias dentro de uma sociedade cada vez mais globalizada, na qual o papel do jornalista se faz cada vez mais necessário, frente àqueles que se consideram jornalistas, mas não possuem o *ethos* da profissão.

Este trabalho foi desenvolvido a partir da necessidade de se falar sobre o atual desafio da imprensa: o de conseguir transmitir informação aprofundada, de qualidade, para uma sociedade cada vez mais globalizada e conflituosa, na qual muitas vezes há desentendimentos em questões importantes como política, religião ou economia. Dentre estes fatores, a religião é de particular interesse, uma vez que é motivo de variados conflitos sociais. Um dos grandes exemplos do último século é o caso do Charlie Hebdo, no qual pessoas foram assassinadas em mais um caso de diferenças entre religiões, associado a um dogma cultural chamado liberdade de expressão.

Durante o processo de pesquisa, análise e comparações, percebeu-se que o atentado em particular reflete a importância de se estabelecer normas profissionais relativas à ética e à liberdade de imprensa, fatores pouco discutidos atualmente dentro da comunidade jornalística. O profissional de mídia, como construtor da notícia, está preso dentro de um sistema no qual somente o tempo importa: quem produzir mais rápido recebe mais audiência. O fator-tempo é, hoje, o maior impeditivo jornalístico para matérias de boa qualidade, com aprofundamento e senso crítico. Dessa forma, as informações divulgadas nem sempre são verificadas; não se obtém os famosos “dois lados da moeda”, não se descobrem paradigmas e não se procura fazer

com que a sociedade entenda realmente o que o fato realmente significa. As matérias são pobres também em dados, em tamanho. Assim, pesquisa foi importante para revisitar alguns conceitos de ética profissional, facilitando a percepção do porquê as matérias atuais são produzidas dessa forma rasa e repetitiva. Produziu um interesse no campo da pesquisa, do quão importante é debater as mudanças sofridas dentro do jornalismo e procurar formar profissionais para que estes voltem a construir a notícia de forma que ela seja relevante socialmente. O jornalista precisa retornar ao seu *status* de mediador de conflitos, de facilitador da compreensão dos fatos.

A pesquisa contribuiu para entender melhor como se dá um processo de pesquisa, a importância desse tipo de experiência para a formação do estudante e a necessidade de que mais alunos se tornem profissionais interessados na pesquisa, que proporciona uma formação contínua e constante sobre as adaptações do jornalismo dentro da sociedade. Da mesma forma, é importante perceber que a ética nunca deve ser deixada de lado. É preciso manter viva a discussão sobre ela na sociedade e procurar incentivar a comunidade jornalística a segui-la.

O objetivo maior deste trabalho, além de agregar conhecimento sobre os veículos estudados e sua relação com temas atuais importantes (ética, valores-notícia, jornalismo digital), foi contribuir com pesquisas sobre as mudanças sociais e culturais do jornalismo. Dessa forma, com base nas questões propostas na introdução deste trabalho, a análise diz respeito à cobertura dos jornais Folha de São Paulo, BBC e Deutsche Welle em relação ao atentado sofrido pelo jornal satírico francês Charlie Hebdo.

Ao contrário do que se estipulou na hipótese do trabalho, percebeu-se que as raízes do sensacionalismo estiveram presentes nos relatos das três emissoras, sendo que a Folha de São Paulo foi o jornal mais sensacionalista dos três pesquisados. Isso se explica pela apresentação de vídeos que mostram uma pessoa sendo morta, de representações desse cenário e do atentado através de quadrinhos, e de um áudio no qual se escuta as vozes dos atiradores. O jornal também publicou imagens dos suspeitos do crime. Por outro lado, o texto mais sensacionalista refere-se aos jornais europeus, sendo que a FSP buscou afastar-se de termos adjetivados e da subjetividade.

Percebe-se um uso de critérios de noticiabilidade e valores-notícia que apelam para o impacto e a negatividade nos três veículos analisados. Por outro lado, as matérias aparentemente procuraram ser bem claras, não deixando dúvidas em relação ao que estavam contando. A Folha de São Paulo foi o jornal que mais faltou com profundidade.

Quanto maior o número de fatos novos, a proeminência, o impacto ou a surpresa, mais chances uma matéria tem de ganhar destaque. Isso explica a quantidade enorme de publicações

sobre o tema na soma dos três jornais (246 matérias em 30 dias). Esses quesitos fazem parte do que são considerados os critérios de noticiabilidade, fundamentais para que o jornalista oriente o trajeto da notícia e a construa sem maiores problemas. Essas definições existem há muito tempo e moldam as atividades jornalísticas atuais, incrustadas em um sistema que exige cada vez mais agilidade.

Dessa forma, para manter suas notícias em condição de concorrência, todos os três jornais utilizaram-se desses critérios na construção dos seus textos. Percebeu-se, ao longo da análise, que os valores-notícia mais utilizados nos textos foram novidade, impacto, relevância, negatividade, imprevisibilidade, drama, interesse universal e proeminência. A quantidade expressiva de critérios de noticiabilidade que valorizavam o negativismo confirma o pensamento de Leal e Thomazi (2012, p.6), para quem a mídia trabalha com a "informação espetáculo", onde notícias sobre criminalidade, violência, mundo artístico, econômico ou político acabam tomando conta dos veículos de comunicação. Dessa forma, deixa-se de noticiar sobre aquilo que é importante para a sociedade e, principalmente, deixa-se de motivar a sociedade a discutir os problemas, em troca de assuntos que pouco ou nada agregam ao bem-estar da população.

Através das diversas angulações das matérias, que falaram sobre assuntos como as vítimas, seus amigos, protestos e a discussão sobre a liberdade de imprensa, percebeu-se uma intensa retrospectiva do assunto com vários links dentro de cada notícia. Como visto no referencial teórico, a existência dos hiperlinks facilita um melhor entendimento do caso lido, uma vez que permite a conexão com várias matérias diferentes, mas que têm um ponto em comum. Tuchman, conforme Sousa (2004), cita que um acontecimento considerado importante acaba por desencadear outras pequenas notícias, criando-se assim uma cadeia de informações interligadas. Dessa forma, é possível ficar por dentro de tudo o que se passou ao longo do caso. Percebeu-se, também, que os jornais procuraram manter uma cobertura diária dos fatos relacionados ao atentado, provavelmente de forma a manter o assunto na pauta das discussões.

Através do trabalho de contextualização, percebe-se os três jornais não procuraram desconstruir paradigmas como o dos árabes e islâmicos como sendo todos fanáticos religiosos. Nesse aspecto, os veículos realizaram um desserviço social, apenas reproduzindo os fatos ocorridos sem procurar contextualizar o que se sabe hoje. Também foi evitado discutir se os integrantes do semanário tinham sua parcela de culpa pelo atentado. As reportagens pecaram no aprofundamento desses quesitos. Dessa forma, considera-se que o papel ético do jornalismo não foi realmente exercido nesses veículos.

Maclear, conforme Sousa (2004), cita que para quebrar um preconceito é necessário que a comunidade fale sobre o assunto, e a mídia tem papel fundamental na reconstrução desses paradigmas. Ao invés de provocar uma sensação de segurança ao público leitor, os jornais enfatizaram a posição dos atiradores como terroristas, como animais violentos. Nas matérias diretas, a vida dos homens não foi investigada; não foi abordada a discussão sobre o porquê desses jovens terem se integrado aos grupos.

Sobre o aprofundamento da notícia, Rocha e Caetano ([2011?], p.15) afirmam que, quando ela não ocorre,

[...] corrobora para um noticiário superficial e falho, pois quando não existem entrevistas com pessoas envolvidas nos acontecimentos, quando não há investigação por parte do jornalismo, a consequência é uma imprensa tendenciosa que não apura os outros lados do acontecimento.

Para o teórico Wolton (2010), a falta do aprofundamento da notícia contribui para a incomunicação entre a sociedade e a mídia, uma vez que não há esclarecimento ou entendimento sobre o que é noticiado e muito menos ganho social com a informação, uma vez que ela não é contextualizada de forma que se compreenda o motivo do acontecimento. A superficialidade da notícia faz com que o jornalista, segundo o autor, deixe de incentivar a convivência pacífica e apenas relate os fatos sem o compromisso de ampliar críticas sociais construtivas.

Percebeu-se que os jornais estudados não procuraram esclarecer de forma aprofundada o caso do francês Charlie Hebdo. A contextualização do que levou ao atentado foi fraca, não havendo debate sobre o tema de forma construtiva. Wolton (2010) acredita que ao jornalismo confere o papel de colaborar para uma sociedade mais homogênea, que aceite as diferenças. Porém, essa tentativa não foi percebida ao longo das análises textuais.

As emissoras ultrapassaram a expectativa do uso de imagens nos textos, uma vez que trabalharam também com outros recursos midiáticos como vídeos, áudios e charges. Em sua maioria, as imagens utilizadas ou diziam respeito ao atentado, com fotos de perseguições e de socorro aos feridos, ou mostravam os mortos e seus trabalhos. As imagens buscaram, pelo que se pode entender, o sensacionalismo, assim como os vídeos e áudios disponibilizados ao longo das matérias. Isso porque apelaram para a exposição física de mortos e procurados, numa aparente tentativa de causar pânico e trazer uma sensação de perigo.

Percebeu-se também que os textos apelaram muito para a empatia e as emoções dos leitores, - inclusive incentivando o ódio. Conforme Gislene Silva (2014), para quem a notícia é

um produto cultural construído a partir da vida em sociedade, percebe-se que estes valores-notícia são fruto da cultura e da sociedade na qual vivemos, onde mortes, tragédias ou crimes sempre foram mais noticiados e representam maior impacto social.

As matérias dos três jornais nenhuma vez falaram das vítimas do atentado como possíveis culpados, sendo sempre tratadas como mártires. Traquina (2004) lembra que o jornalista é subjetivo, mesmo que de forma não intencional. Isso quer dizer que há, sim, demonstração de opiniões dentro dos textos analisados, apesar delas estarem mascaradas por falas de terceiros. Apesar do pouco uso de adjetivos, eles estiveram presentes em algumas matérias. Também quer dizer que os juízos de valores dos jornalistas são transmitidos para suas matérias.

Conforme a teoria etnoconstrucionista, as matérias são consideradas boas ou legítimas quando se tem informações de fontes com credibilidade ou que possuam algum tipo de autoridade relevante. Isso porque normalmente têm mais conhecimento para falar do assunto. Esse tipo de fonte também é utilizada, segundo Traquina (2001), para atribuir importância à matéria. A Folha de São Paulo citou fontes como policiais e testemunhas, voltando-se, aparentemente, ao esclarecimento por parte daqueles que viveram o fato. Já os outros dois veículos mesclaram informações de fontes secundárias e primárias utilizando, além de testemunhas e policiais, muitos nomes proeminentes, como prefeitos, presidentes, ministros ou chanceleres.

Como um todo, a pesquisa foi satisfatória, corroborando várias das hipóteses questionadas no início do trabalho e desmistificando outras. Comprovou-se, por exemplo, que todos os três jornais se valeram de recursos sensacionalistas para relatar o caso Charlie Hebdo, contrariamente ao que se acreditava na hipótese. Inclusive pode-se concluir que o próprio semanário, numa questão posteriormente levantada dentro do trabalho, não respeita as questões éticas exigidas pela comunidade jornalística. Dentro da análise, foi constatado o uso predominante de critérios de noticiabilidade relacionados à empatia, à tragédia, ao drama, à proeminência e à curiosidade. Dentre as matérias analisadas de forma quanti-qualitativa percebeu-se que, nos jornais Folha de São Paulo e Deutsche Welle, o gênero mais utilizado foi o interpretativo. Já a British Broadcasting Company (BBC) fez mais uso do gênero informativo. Todas as emissoras se valeram de recursos multimídia para narrar os acontecimentos, o que revela a adesão dos veículos aos novos meios digitais de se fazer jornalismo.

Apesar do estudo não focar na análise sobre o semanário Charlie Hebdo, não foi possível deixar de notar que os jornalistas tiveram sua parcela de culpa ao não considerarem todos os

públicos para quem falaram e os resultados negativos que as charges poderiam exercer em grupos islâmicos. Na tentativa de fazer rir e causar impacto, o semanário prestou um desserviço social em relação aos princípios jornalísticos que, conforme a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e o Sindicato dos Jornalistas, envolvem não caluniar ou difamar, respeitar a dignidade humana, as instituições e a moral pública e, principalmente, respeitar os valores universais humanos, que incluem a paz, democracia, direitos humanos, valor e dignidade, a cultura e o direito de ir e vir de cada cidadão. O desserviço social foi realizado no momento em que os profissionais, ao invés de evitar, incitaram agressões, guerras, conflitos, ódio entre as sociedades e reforçaram a discriminação do ocidente em relação aos dogmas orientais.

Para Vázquez, segundo Bahia e Rigueira (2009), o jornalista ético não formula juízos de valor sobre a moral de outras sociedades que não a sua, mas sim tem o dever de fazer entender a pluralidade pela qual o mundo passa e procurar incentivar a aceitação de diferenças.

Este trabalho foi fundamental para aprimorar conhecimentos sobre o que de fato é o sensacionalismo, como ele se projeta de forma sutil ou clara dentro das notícias atuais, quais os critérios mais utilizados dentro da construção das matérias e como a discussão sobre a ética e o serviço social da imprensa são cada vez mais necessários em uma sociedade cada vez mais globalizada e difusora instantânea de informações, de forma a evitar conflitos e promover a socialização de comunidades distintas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo Cesar Corrêa. **Jornalismo e religião: a imagem que a mídia constrói do islamismo nos pós-ataques**. Frutal, Minas Gerais: 2015. Disponível em: <http://www.academia.edu/19622544/Jornalismo_e_Religi%C3%A3o_a_imagem_que_a_m%C3%ADdia_produz_do_islamismo_nos_p%C3%B3s-ataques>. Acesso em 04 out. 2016.

AMARAL, Márcia Franz. **Sensacionalismo, um conceito errante**. Porto Alegre: Intexto, 2005. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/intexto/article/download/4212/4464>. Acesso em: 07 ago. 2016.

NETO, Francisco dos Santos Amaral. A autonomia privada como princípio fundamental da ordem jurídica: perspectivas estrutural e funcional. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 26, n.102, abr./jun. 1989. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/181930/000444811.pdf?sequence=1>>. Acesso em 14 ago. 2015.

ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro; TEIXEIRA, Maria. **O gênero jornalístico charge no letramento escolar**. Revista Língua & Literatura. Frederico Westphalen, v. 12, n. 19, dez 2010. Disponível em <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/viewFile/147/285>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

ARAÚJO, Bruno Bernardo de. **A narrativa jornalística e a construção do real:** Como as revistas Veja e IstoÉ trataram a manifestação dos estudantes da Universidade de São Paulo em 2011. Universidade de Coimbra, Portugal, 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

ASSIS, Francisco de; MELO, José Marques de; LAURINDO, Roseméri (orgs). **Gêneros Jornalísticos:** teoria e práxis. Blumenau: Edifurb, 2012.

BAHIA, Ana Lúcia Alves; RIGUEIRA, Marina Rigueira Carlos e Rigueira. **A ética e o ensino de jornalismo.** Mediação, Belo Horizonte, v. 9, n. 8, jan/jun de 2009. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/viewFile/289/286>>. Acesso em 04 out. 2016.

BARBOSA, Aline da Rocha; QUEIROZ, Letícia Silva. Os Discursos Terapêuticos na Imprensa a partir da Teoria dos Definidores Primários. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009, Curitiba. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1231-1.pdf>>. Acesso em: 14 jul 2016.

BBC Brasil nasceu em 1938 com notícia sobre Hitler. **BBC**, 26 abr 2011, online. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/institutional/090120_expediente_tc2.shtml>. Acesso em 26 fev. 2016.

BECK, Johannes. História dos programas em português da DW. **Deutsche Welle**, 5 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/hist%C3%B3ria-dos-programas-em-portugu%C3%AAs-da-dw/a-2269973>>. Acesso em 24 fev. 2016.

BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento:** mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

CAETANO, Márcia Mariano Raduan; ROCHA, Paula Roberta Santana. **O sensacionalismo no jornalismo digital:** uma análise do site Plantão Policial. [2011?]. Disponível em:

<<http://revistaobjetiva.com/revista/wp-content/uploads/2012/10/Artigo2.pdf>>. Acesso em 27 ago. 2016.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. O caso do Brasil: Valores, códigos de ética e novos regramentos para o jornalismo nas redes sociais. **Cuadernos de Información**, n. 29, 30 jul. 2011. Disponível em:

<<https://repositorio.uc.cl/bitstream/handle/11534/4410/000579891.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 out. 2016.

COLON, Leandro. “Não há liberdade na França”, diz humorista. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 jan. 2015. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1576549-nao-ha-liberdade-na-franca-diz-humorista.shtml>>. Acesso em 03 mar. 2016.

COOK, Timothy E. **O jornalismo político**. In: Revista Brasileira de Ciência Política, nº 6. Brasília: jul - dez 2011, p. 203-247.

CORREIA, João Carlos. **O admirável mundo das notícias: teorias e métodos**. Portugal, LabCom Books, 2011. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110524-correia_manual_noticial.pdf>. Acesso em: 23 out. 2016.

COZER, Karis Regina Brunetto; SELIGMAN, Laura. **Jornais Populares de qualidade: ética e sensacionalismo em um novo padrão do jornalismo de interior catarinense**. Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, 2009. Disponível em:

<<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/199/198>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

DECLARAÇÃO DE MUNIQUE, 1971. **Sindicato dos Jornalistas**, 16 dez. 2010. Disponível em <<http://www.jornalistas.eu/?n=8445>>. Acesso em 25 ago. 2016.

DUARTE, Marcia Y. M. Estudo de caso. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

EM PROFUNDIDADE: islamismo. Contexto: perguntas e respostas. **Veja Online**, São Paulo. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/islamismo/perguntas.html>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

FERRARI, Pollyana. A web somos nós. In: FERRARI, Pollyana (org). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007.

FERRARI, Pollyana. A hipermídia entrelaça a sociedade. In: FERRARI, Pollyana (org). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007.

FIORI, Bruna da Silva et al. Jornalismo e sensacionalismo: o fato, a notícia e o show. **Identidade Científica**, Presidente Prudente, v. 2, n. 2, p. 251-265, jul-dez. 2011. Disponível em: <http://www.unoeste.br/facopp/revista_facopp/ic4/ic47.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2015.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GÓES, José Cristian. **Marcos na história do jornalismo sensacionalista: a construção de uma estratégia mercadológica na imprensa**. IX Encontro Nacional de História da Mídia, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/marcos-na-historia-do-jornalismo-sensacionalista-a-construcao-de-uma-estrategia-mercadologica-na-imprensa>>. Acesso em 4 out. 2016.

GOMES, Iuri Barbosa. Jornalismo em quadrinhos: território de linguagens. In: ASSIS, Francisco de; MELO, José Marques de; LAURINDO, Roseméri (orgs). **Gêneros Jornalísticos: teoria e prática**. Blumenau: Edifurb, 2012.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUERRA, Josenildo Luiz. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. In: FERNANDES, Mario Luiz; SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da (orgs). **Crítérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

GURGEL, Eduardo Amaral. Os gêneros jornalísticos na ótica beltraniana. In: ASSIS, Francisco de; MELO, José Marques de; LAURINDO, Roseméri (orgs). **Gêneros Jornalísticos: teoria e prática**. Blumenau: Edifurb, 2012.

HISTÓRIA. **BBC**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/historia.shtml>>. Acesso em 26 fev. 2016.

HISTÓRIA da Folha. Círculo Folha. **Folha de São Paulo**, São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm>. Acesso em 27 fev. 2016.

HISTÓRIA da Folha. Conheça a Folha de S. Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml>. Acesso em 27 fev. 2016.

HISTORY. **Charlie Hebdo**. Disponível em: <<https://charliehebdo.fr/en/history/>>. Acesso em 22 fev. 2016.

ISLAMISMO é a religião que mais deve crescer nas próximas décadas. **Veja**, 3 abr 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/islamismo-e-a-religiao-que-mais-deve-crescer-nas-proximas-decadas/>>. Acesso em 24 out 2016.

JORGE, Taís de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

JÚNIOR, Álvaro Rodrigues. **Liberdade de expressão e liberdade de informação: limites e formas de controle**. Curitiba: Juruá, 2009.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética**. São Paulo: Unesp, 2005.

KUNSCH, Margarida M. Krohling (org). **Comunicação Organizacional: linguagem, gestão e perspectivas**. Volume 2. São Paulo: Saraiva, 2009.

LEAL, Magnólia Moreira; THOMAZI, Letícia Rossato. A liberdade de informação pela imprensa e o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE. **Mídias e direitos da sociedade em rede**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, mai./ jun. 2012. Disponível em: < <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2012/12.pdf>>. Acesso em 30 abr. 2016.

LIMA, Venício A. de. **Liberdade de expressão x liberdade de imprensa: direito à comunicação e democracia**. São Paulo: Publisher Brasil, 2010.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

MARTINS, Alexandre. Charlie, um jornal contra todos há 45 anos. **Público**, Lisboa. 7 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/charlie-um-jornal-contra-todos-ha-45-anos-1681527>>. Acesso em: 22 fev 2016.

MARTINEZ, Adriana Garcia. A construção da notícia em tempo real. In: FERRARI, Pollyana (org). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007.

MESQUITA, Giovana Borges. **Jornalismo participativo e as novas relações entre imprensa e audiência na produção de notícias**. Artigo científico - Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1078-1.pdf>>. Acesso em 15 jul 2016.

MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In FREITAS, José Vicente de; GALIAZZI, Maria do Carmo (orgs). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Unijuí, 2007.

MOREIRA, Sônia V. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORGENSTERN, Flávio. Para entender o ataque ao Charlie Hebdo, leia Michel Houellebecq. **Instituto Liberal**, 11 jan. 2015. Disponível em: <https://www.institutoliberal.org.br/blog/para-entender-o-ataque-ao-charlie-hebdo-leia-michel-houellebecq/>. Acesso em: 15 ago. 2016.

NEGRINI, Michele; TONDO, Romulo. **Espetacularização e Sensacionalismo: Reflexões Sobre o Jornalismo Televisivo**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, setembro de 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0604-1.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2016.

NICOLAU, Marcos. **As tiras e outros gêneros jornalísticos: uma análise comparativa**. João Pessoa, VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2010/fevereiro/tirinhas_genero_jornalístico_nicolau.pdf. Acesso em: 03 mar. 2016.

NOVAES, Adauto (org). **O avesso da liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. O JORNAL mais influente do Brasil. Conheça a Folha de S. Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca_a_folha.shtml. Acesso em 27 fev. 2016.

PAGLIOSA, Elcemira Lúcia Balvedi. **Humor: um estudo sociolinguístico cognitivo da charge**. Porto Alegre: EDICPUCRS, 2005.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2006.

PRINCÍPIOS Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo. **Associação Brasileira de Jornais**. Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo/>. Acesso em: 25 ago. 2016.

QUEIROZ, Adolpho. **Na arena do marketing político: ideologia e propaganda nas campanhas presidenciais brasileiras**. Summus: São Paulo, 2006.

RODA Viva. **Entrevista com Laurent Sourisseau**. São Paulo. Direção: Willian Corrêa. 27 jul. 2015. Duração: 79'42''. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=4745&v=Wzr5DO7nnsQ>. Acesso em 03 mar. 2016.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

RUIC, Gabriela. As capas de Charlie Hebdo que causaram a ira em extremistas. **Exame**, 7 jan. 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/as-capas-de-charlie-hebdo-que-causaram-a-ira-em-extremistas/>>. Acesso em 01 mar. 2016.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um humanismo**. Lisboa, Presença, 1978.

SCHMITZ, Fernando Luiz. **Política com humor: análise das charges de Marco Aurélio no segundo turno das eleições 2010**. Lajeado: Univates, 2011.

SEIXAS, Lia. Gêneros jornalísticos: partindo do discurso para chegar à finalidade. In: ASSIS, Francisco de; MELO, José Marques; LAURINDO, Roseméri (orgs). **Gêneros Jornalísticos: Teoria e Práxis**. Blumenau: Edifurb, 2012.

SHOEMAKER, Pamela J. **Teoria do gatekeeping: construção e seleção da notícia**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade: Estudos em Jornalismo e Mídia. In: FERNANDES, Mario Luiz; SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da (orgs). **Críticos de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

SILVA, Marcos Paulo da. Perspectivas históricas na análise da noticiabilidade. A construção cultural da narrativa noticiosa: noticiabilidade, representação simbólica e regularidade

cotidiana. In: FERNANDES, Mario Luiz; SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da (orgs). **Créditos de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014.

SOARES, Joarle Magalhães. **Como é que os acontecimentos se tornam notícia?** Um estudo dos valores-notícia no Jornal Nacional. Juiz de Fora, 2007. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/JoarleMagalhaesSoares.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

SOUSA, Jorge Pedro. **O dia depois: A reacção da imprensa portuguesa ao atentado de 11 de Março de 2004 em Madrid**. Espanha: Universidade Fernando Pessoa, 2004.

STEVANIM, Luiz Felipe Ferreira. **As charges do profeta: dilemas da liberdade de imprensa na era da globalização**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/stevanim-luiz-charges-do-profeta.pdf>>. Acesso em 03 ago 2016.

STOTHARD, Michael. Prisão de humorista gera debate sobre liberdade de expressão na França. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 16 jan. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1575862-prisao-de-humorista-gera-debate-sobre-liberdade-de-expressao-na-franca.shtml>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

STUMPF, Ida R.C. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIALS. **Charlie Hebdo**. Disponível em: <<https://charliehebdo.fr/en/trials/>>. Acesso em 22 fev. 2016.

WALTZ, Igor. Número de jornalistas mortos no mundo tem ligeira queda em 2014.

Associação Brasileira de Jornais, 19 dez. 2014. Disponível em:

<<http://www.abi.org.br/numero-de-jornalistas-mortos-no-mundo-tem-ligeira-queda-em-2014/>>. Acesso em 21 out. 2016.

WERNIG, Dieter. 1922: BBC inicia suas transmissões. **Deutsche Welle**. Disponível em:

<<http://www.dw.com/pt/1922-bbc-inicia-suas-transmiss%C3%B5es/a-676364>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

REFERÊNCIAS DAS MATÉRIAS ESTUDADAS

'Nós vingamos o profeta Maomé', disse terrorista na França; ouça. **Folha de São Paulo**, 07 jan. 2015. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/tvfolha/2015/01/1571939-nos-vingamos-o-profeta-maome-disse-terrorista-que-invadiram-jornal-frances-ouca.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Atiradores de Paris disseram ser da Al Qaeda, dizem testemunhas. **Folha de São Paulo**, 07 jan. 2015. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571688-atiradores-de-paris-disseram-ser-da-al-qaeda-dizem-testemunhas.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Jornalista diz que atiradores gritavam 'vamos vingar o profeta'. **Folha de São Paulo**, 07 jan. 2015. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/rfi/2015/01/1571585-jornalista-diz-que-atiradores-gritavam-vamos-vingar-o-profeta.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Policia! morto em ataque em Paris estava protegendo diretor de jornal. **Folha de São Paulo**, 07 jan. 2015. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571660-policia!-morto-em-ataque-em-paris-estava-protectendo-diretor-de-jornal.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Diretor e mais quatro cartunistas de jornal são mortos em ataque em Paris. **Folha de São Paulo**, 07 jan. 2015. Disponível em:

< <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571628-diretor-e-mais-tres-cartunistas-de-jornal-sao-mortos-em-ataque-em-paris.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Atentado mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista. **Folha de São Paulo**, 07 jan. 2015. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571579-tiroteio-em-frente-a-sede-de-jornal-satirico-frances-mata-pelo-menos-um.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Suspeito mais jovem de ataque em Paris se entrega à polícia, diz agência. **Folha de São Paulo**, 07 jan. 2015. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1572059-suspeito-mais-jovem-de-ataque-em-paris-se-entrega-a-policia-diz-agencia.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Saiba quem são as vítimas do atentado ao "Charlie Hebdo", em Paris. **Folha de São Paulo**, 07 jan. 2015. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571692-saiba-quem-sao-as-vitimas-do-atentado-ao-charlie-hebdo-em-paris.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Polícia diz ter identificado suspeitos de ataque na França. **Folha de São Paulo**, 07 jan. 2016. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571963-policia-diz-ter-identificado-suspeitos-de-ataque-na-franca.shtml>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Ataque a revista mata pelo menos 12 em Paris. **BBC**, 07 jan. 2015. Disponível em:

< http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150105_franca_tiroteio_hb>. Acesso em: 30 mar. 2016.

'Só tive tempo de me jogar debaixo da mesa', diz sobrevivente de ataque à revista. **BBC**, 08 jan. 2015. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150108_sobrevivente_ataque_lgb>.

Acesso em: 30 mar. 2016.

Médico da revista conta como foram momentos após ataque. **BBC**, 09 jan. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150109_medico_charlie_lab>.

Acesso em: 30 mar. 2016.

Ao vivo: Ataque contra revista na França deixa mortos e feridos. **BBC**, 07 jan. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150107_franca_ataque_bg>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Ataque a Charlie Hebdo: Quem são as vítimas? **BBC**, 08 jan. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150108_vitimas_charlie_hebdo_lgb>.

Acesso em: 30 mar. 2016.

Polícia identifica os três suspeitos do ataque terrorista em Paris. **Deutsche Welle**, 08 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/pol%C3%ADcia-identifica-os-tr%C3%AAs-suspeitos-do-ataque-terrorista-em-paris/a-18176231>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

Atentado a semanário mata 12 em Paris. **Deutsche Welle**, 07 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/atentado-a-seman%C3%A1rio-mata-12-em-paris/a-18175750>>.

Acesso em: 30 mar. 2016.

APÊNDICE 1 - Jornalista diz que atiradores gritavam 'vamos vingar o profeta'

Jornalista diz que atiradores gritavam 'vamos vingar o profeta'

RFI

07/01/2015 © 09h57



Pelo menos 11 pessoas morreram, incluindo dois policiais, em um ataque nesta quarta-feira (7) à redação do jornal satírico francês Charlie Hebdo, no 11º distrito policial de Paris, perto da praça da Bastilha.

Dois homens mascarados invadiram a sede do jornal às 11h30 no horário local (8h30 pelo horário de Brasília). Eles utilizaram metralhadoras AK-47. Quatro pessoas feridas estão entre a vida e morte. Charlie Hebdo ficou conhecido por ter publicado caricaturas de Maomé, que ofenderam os fiéis muçulmanos e provocaram uma série de ameaças.

As autoridades francesas elevaram o nível de alerta terrorista na região parisiense. O presidente François Hollande e a prefeita de Paris, Anne Hidalgo, estão no local do atentado para prestar apoio e solidariedade.

Vincent Justin, um jornalista que trabalha no edifício, afirmou que os assassinos gritavam "vamos vingar o profeta". Dois veículos estavam esperando para ajudar na fuga dos dois criminosos.

Incêndio em 2011

No início de novembro de 2011, dois dias antes do anúncio da publicação de uma edição batizada de "Charia Hebdo" com "Maomé como redator-chefe", a sede do jornal foi destruída por um incêndio. O local foi atacado durante a noite por um coquetel molotov. Não houve vítimas, mas o edifício ficou completamente destruído.

O site do jornal foi hackeado na época, com a publicação da imagem da grande mesquita de Meca e da frase "Alá é o único Deus" na home da página.



Bombeiros carregam homem ferido após ataque a jornal satírico "Charlie Hebdo", em Paris



Fonte: FSP, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 2 - Atiradores de Paris disseram ser da Al Qaeda, dizem testemunhas

Atradores de Paris disseram ser da Al Qaeda, dizem testemunhas

DE SÃO PAULO
DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

07/01/2015 @ 14h05

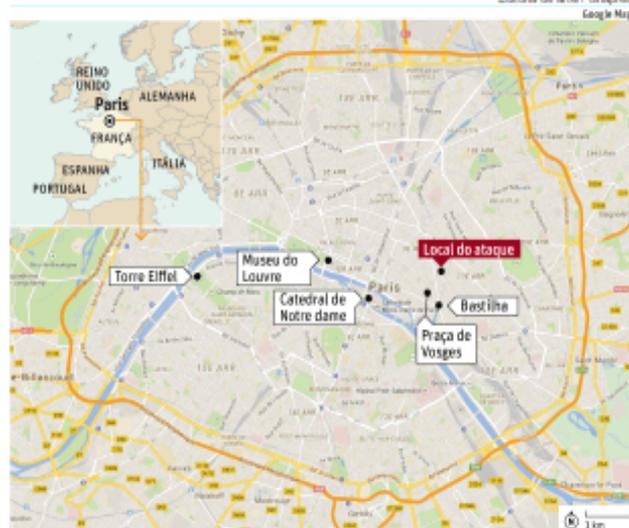
[f](#) [Compartilhar](#)
[t](#) [g+](#) [in](#) [e](#)
[88](#) [OUVIR O TEXTO](#) [Mais opções](#)

Testemunhas do ataque ao jornal francês "Charlie Hebdo, que matou 12 nesta quarta-feira (7) em Paris, afirmam que os atiradores se identificaram como membros do braço da rede terrorista Al Qaeda no Iêmen. As autoridades francesas, no entanto, ainda não confirmaram a autoria do atentado.

Cédric Le Béhec, 33, que presenciou o ataque, disse ao jornal britânico "Telegraph" que, antes de começar a atirar, os terroristas abordaram um homem na rua e disseram: "Diga à imprensa que essa é a Al Qaeda no Iêmen".

De acordo com Béhec, os atiradores chegaram em um carro preto e pararam no meio da rua. Eles vestiam uma roupa preta de estilo militar. Ao menos três terroristas invadiram a Redação do jornal e atiraram contra os profissionais, matando dez funcionários, sendo quatro cartunistas e dois policiais.

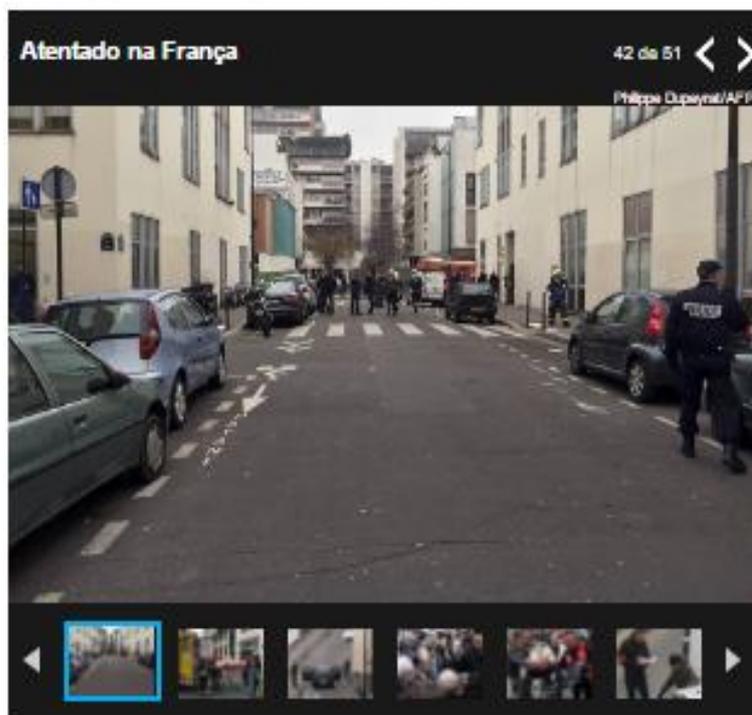
Edição de arte/afogreco



Corinne Rey, conhecida como Coco, cartunista do "Charlie Hebdo", disse ao jornal francês "L'humanité" que encontrou os terroristas no momento em que eles entravam no edifício do semanário. Segundo ela, eles afirmaram que eram da Al Qaeda.

Coco conta que estava indo pegar a filha em uma creche. Ao chegar à frente do prédio, dois homens armados a ameaçaram. "Eles queriam subir. Eu digitei o código [de entrada]. Eles atiraram em Wolinski e no Cabu. Durou cinco minutos", contou ela, citando nomes de dois dos colegas cartunistas mortos no ataque.

Há relatos de que os atiradores chamavam as vítimas pelo nome, o que sugere que o ataque foi planejado com antecedência.



De acordo com a polícia francesa, após fazer os disparos, os atiradores fugiram em um carro Citroen preto dirigido por um quarto homem do grupo.

Eles foram até a região da estação de Porte de Pantin, no nordeste de Paris, onde abandonaram o veículo e sequestraram um outro, expulsando o motorista na rua. Os atiradores ainda estão foragidos. ★ ★ ★

Fonte: FSP, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 3 - 'Nós vingamos o profeta Maomé', disse terrorista na França; ouça

tvfolha

'Nós vingamos o profeta Maomé', disse terrorista na França; ouça

DE SÃO PAULO

07/01/2015 @ 12h05

[f](#) Compartilhar
 [t](#)
[g+](#)
[in](#)
[e](#)
 << 30
 [<<](#)
[>>](#)
 Ouvir o texto
 [+](#) Mais opções

"Nós vingamos o profeta Maomé, nós matamos Charlie Hebdo". Tal frase é a fala do áudio abaixo, dita pelos terroristas que invadiram, nesta quarta-feira (7), a sede do jornal satírico francês "Charlie Hebdo". Três homens armados entraram no prédio pela manhã e abriram fogo, matando 12 pessoas, dentre as quais dois policiais e quatro cartunistas do jornal.

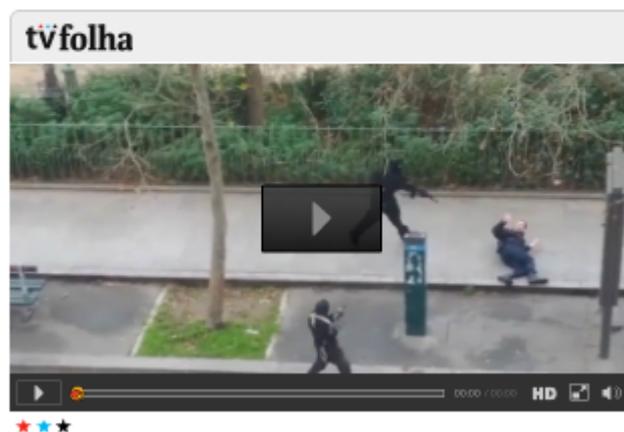
▶ 00:00 00:00

Durante a ação, os atiradores bradaram "Allahu akbar" (Deus é o maior, em árabe) e disseram que estavam "vingando o profeta [Maomé]". Depois, fugiram de carro e encontram-se foragidos.

O presidente francês François Hollande definiu o episódio enquanto um "atentado terrorista" e pediu "união". Diversos líderes ao redor do mundo se pronunciaram, condenando o ataque.

À noite, mais de cem mil pessoas foram às ruas de cidades de toda a França. Em Paris, 35 mil se reuniram na Place de la République (Praça da República), no centro da cidade, perto da sede do "Charlie Hebdo", segundo a polícia. Muitos exibiam um adesivo preto, com a mensagem "Je suis Charlie" ("Eu sou Charlie"), um lema em solidariedade às 12 vítimas fatais do ataque.

Abaixo, um vídeo publicado nesta quarta mostra o momento em que o atirador dispara contra um policial durante ataque em Paris.



★ ★ ★

Fonte: FSP, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 4 - Policial morto em ataque em Paris estava protegendo diretor de jornal

mundo

Policial morto em ataque em Paris estava protegendo diretor de jornal

DE SÃO PAULO

07/01/2016 @ 13h23

[Compartilhar](#)
[Twitter](#)
[Google+](#)
[LinkedIn](#)
[Email](#)
< 7
OUVIR O TEXTO
 Mais opções

Um dos dois policiais mortos no [ataque desta quarta-feira \(7\)](#) à sede do jornal francês "Charlie Hebdo" estava fazendo guarda para o diretor editorial da publicação, Stéphane Charbonnier, conhecido como Charb, que [também foi assassinado](#).

Luc Poignant, colega de trabalho do policial, diz que o agente não teve tempo de reagir. "Em casos assim, se mata primeiro aquele que está ali na função de proteger", disse ele ao jornal francês "Le Figaro". "Não existe segurança absoluta. Isso é um ato de terrorismo."

Profissionais do "Charlie Hebdo" estavam recebendo proteção porque recentemente o jornal havia recebido ameaças por e-mail e telefone. A publicação já sofreu ataques por publicar caricaturas e líderes muçulmanos e do profeta Maomé. Em 2011, a redação foi alvo de um incêndio criminoso após ter publicado uma série de caricaturas sobre Maomé.



Hoje, ao menos três terroristas invadiram a redação do jornal hoje e atiraram contra os jornalistas.

Segundo um jornalista do "Charlie Hebdo", citado pelo jornal francês "Le Monde", os atiradores chegaram ao local na hora da reunião da redação. "Os agressores sabiam que às 10h de quarta-feira havia uma reunião editorial semanal. No resto da semana não há muitas pessoas no local", afirmou.

De acordo com a polícia francesa, três homens entraram na sede da publicação portando metralhadoras AK-47, fizeram disparos e depois fugiram em um carro Citroen preto dirigido por um quarto elemento do grupo.

Eles foram até a região da estação de Porte de Pantin, no nordeste da cidade, onde abandonaram o veículo e sequestraram um outro, expulsando o motorista na rua. Os atiradores ainda estão foragidos.



Fonte: FSP, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 5 - Atentado mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista

mundo

Atentado mata 12 em jornal de Paris; Hollande chama ato de terrorista



GRACILIANO ROCHA
GUSTAVO RIBEIRO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA EM PARIS

07/01/2016 @ 09h32 ▲ Erro: esse conteúdo foi alterado

[f](#) Compartilhar
 [t](#)
[g](#)
[in](#)
[e](#)
 < 3,8 mil [OLHE O TEXTO](#)
[+](#) Mais opções

Atiradores atacaram a sede do jornal satírico francês "Charlie Hebdo", deixando 12 mortos nesta quarta-feira (7) em Paris, antes de escapar em um carro.

O ataque foi o [mais mortífero na França desde 1961](#).

[Entre os mortos](#) está o diretor da publicação, o cartunista Stéphane Charbonnier, conhecido como [Charb](#).

Gritando "Allahu akbar!" (Deus é maior) enquanto disparavam, os homens falavam um francês impecável e sem sotaque e usavam uma roupa em estilo militar, disseram testemunhas.

Fontes policiais disseram ter [identificado os suspeitos](#) como os irmãos franceses de origem argelina Saïd Kouachi, 34, e Cherif Kouachi, 32, e Hamyd Mourad, um jovem de 18 anos cuja nacionalidade não foi revelada.

O [jornal já sofreu outros ataques](#) por publicar caricaturas de líderes muçulmanos e do profeta Maomé. Em 2011, a redação, que fica perto do monumento da Bastilha, foi alvo de um incêndio criminoso após ter publicado uma série de caricaturas sobre Maomé.

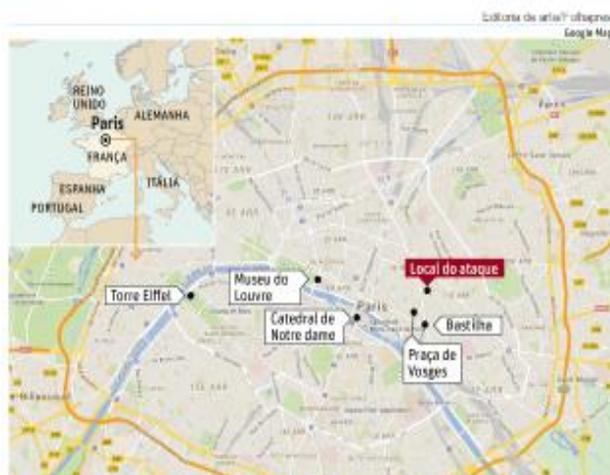


O [último tuite](#) da publicação é um cartum satirizando o líder do Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi.

O [presidente da França, François Hollande, foi ao local](#) e disse que não há dúvida de que o ataque foi terrorista.

"A França é ameaçada porque, assim como outros países, nós somos um país de liberdade", disse Hollande em frente à sede do "Charlie Hebdo". Em [pronunciamento](#) posterior, o líder francês pediu a "união" do país como reação ao atentado.

O ministro do interior, Bernard Cazeneuve, informou que o governo elevou ao [nível máximo o alerta de segurança](#) após o atentado. O anúncio foi feito após uma reunião interministerial de crise comandada por Hollande.



Ele também afirmou que em todos os departamentos franceses a segurança foi reforçada em estações de trem, templos religiosos, prédios públicos e redações de jornais. Além da polícia, o Exército também mobilizou homens para reforçar a segurança na capital francesa.

O ataque

De acordo com fontes de segurança, ao menos **dois homens atacaram a sede** da publicação portando metralhadoras AK-47, trocaram tiros com policiais e depois fugiram em um carro dirigido por um outro elemento do grupo.

Eles foram até a região da estação de Porte de Pantin, no nordeste da cidade, onde abandonaram o veículo e sequestraram um outro, expulsando o motorista na rua.

Rocco Contento, porta-voz de um sindicato de policiais, afirmou que houve aumento das medidas de segurança à sede do jornal por causa de ameaças recentes e que os homens entraram no local com a intenção de matar.

Segundo um jornalista do "Charlie Hebdo", citado pelo jornal francês "Le Monde", os atiradores chegaram ao local na hora da reunião da redação. "Os agressores sabiam que às 10h de quarta-feira havia uma reunião editorial semanal. No resto da semana não há muitas pessoas no local", afirmou.



A França já estava em estado elevado de segurança após militantes islâmicos terem incitado ataques contra cidadãos e alvos franceses em resposta aos ataques militares da França contra redutos de islamitas na África e no Oriente Médio.

No ano passado, um homem gritando "Allahu Akbar" deixou 13 feridos ao lançar um veículo sobre uma multidão na cidade de Dijon. O primeiro-ministro francês, Manuel Valls, disse à época que a França "nunca antes enfrentou uma ameaça tão forte ligada ao terrorismo". ★ ★ ★

Fonte: FSP, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 6 - Saiba quem são as vítimas do atentado ao “Charlie Hebdo”, em Paris

mundo

Saiba quem são as vítimas do atentado ao "Charlie Hebdo", em Paris



Os cartunistas mortos no ataque: Wblinski, Cabut, Charb e Tognoli

DE SÃO PAULO

07/01/2015 @ 17h32 - Atualizado às 21h21



STÉPHANE CHARBONNIER (CHAB)

(1967-2015)

Trabalhava no "Charlie Hebdo" desde julho de 1992 e era seu diretor desde 2009.

Fez diversas declarações sobre a liberdade de imprensa nas polêmicas que envolveram a publicação. Em 2011, foi entrevistado pela Folha. Na ocasião, disse: "Usar nossa liberdade em um país livre não é provocação. Se for uma provocação, então provocamos em todas as semanas."

Em 2013, ele assinou dois quadrinhos que contavam a vida de Maomé.

Reprodução

Les Français musulmans en ont marre de l'islamisme - RISS au 1^{er} meeting de Sarkozy - NICOLINO rencontre les paysans pleins de pesticides - PARIS abat en vol les pilotes d'Air France

CHARLIE HEBDO
NOUVELLE FORMULE



Capa do "Charlie Hebdo" assinada por Chab mostra militante do Estado Islâmico ameaçando Maomé

JEAN CABUT (CABU)
(1938-2015)

Cartunista. Começou a carreira de desenhista aos 14 anos. Após lutar na guerra da Argélia, na década de 1950, se tornou um antimilitarista. Em 1960, passou a trabalhar na revista "Hara-Kiri Hebdo", que deu origem ao "Charlie Hebdo".

No "Charlie Hebdo", ocupava a função de diretor artístico. Foi autor da capa que retratou Maomé dizendo: "É difícil ser amado por tolos".

Reprodução



Desenho de Jean Cabut retratou Maomé dizendo: "É difícil ser amado por tolos"

GEORGES WOJTYCZ

GEORGES WOLINSKI

(1934-2015)

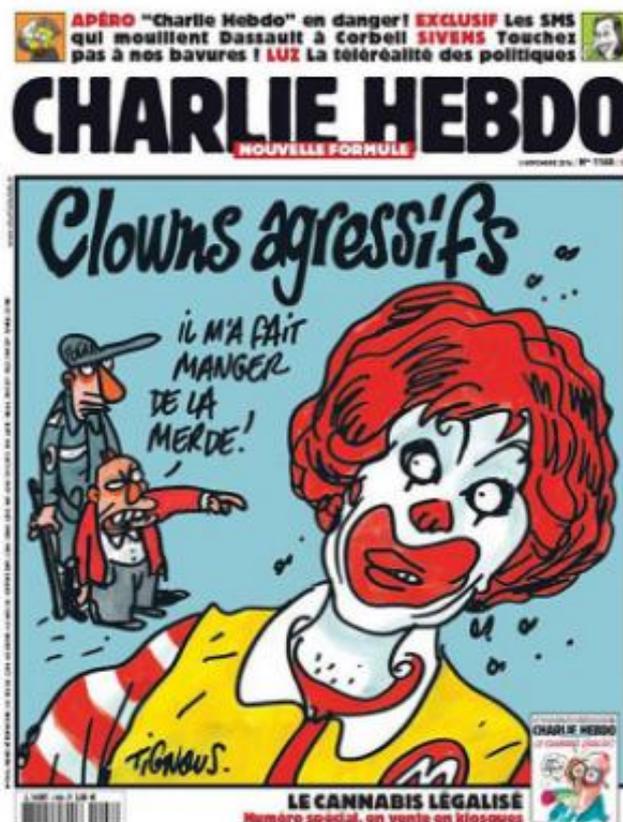
Cartunista. Nascido na Tunísia, tinha mãe franco-italiana e pai polonês. Foi morar na França aos 13 anos. Nos anos 1960, fez parte da equipe da "Hara-Kiri Hebdo", que deu origem ao "Charlie Hebdo". "Sou um cronista da atualidade, da política, do tempo que passa", disse ao site francês Bedetheque. Além de desenhar para o "Charlie Hebdo", colaborava com o "Journal du Dimanche" e a "Paris Match".

BERNARD VELHAC (TIGNOUS)

(1957 - 2015)

Cartunista. Nascido em Partis, desenhava para a imprensa desde 1980. Colaborava com o "Charlie Hebdo" e outras publicações, como "Télérama", "L'Humanité", "L'Express".

Reprodução



Capa de Tignous para o Charlie Hebdo

BERNARD MARIS

(1946 - 2015)

Economista e jornalista, era um dos sócios do "Charlie Hebdo" e escrevia na publicação sob o pseudônimo "Oncle Bernard".

PHILIPPE HONORÉ (HONORÉ)

(1941 - 2015)

Cartunista. Foi o autor da última charge tuitada pela conta do "Charlie Hebdo", retratando o líder do Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi.



Cartum satirizando o líder do EI, Abu Bakr al-Baghdadi, última publicação de jornal antes do atentado

FRÉDÉRIC BOISSEAU

Funcionário da manutenção predial. Tinha 42 anos. Era casado e deixa dois filhos.

FRANCK BRINSOLARO

Policial. Era responsável pela segurança do diretor do "Charlie Hebdo", Stéphane Charbonnier. Foi morto na sala de reunião, junto aos cartunistas.

AHMED MERABET

Policial. Morto quando os terroristas estavam em fuga, já no exterior da sede da redação. Sua execução foi filmada por testemunhas que estavam no prédio vizinho.

MICHEL RENAUD

Convidado da redação. Tinha sido convidado por Cabu a participar da reunião, após lhe entregar desenhos que haviam sido emprestados para uma exposição, segundo o "Le Monde"

MUSTAPHA OURRAD

Revisor do "Charlie Hebdo", trabalhou por muitos anos na revista "Viva". Segundo o jornal "Le Monde", era argelino e órfão.

ELSA CAYAT

Colunista e analista ★★

Fonte: FSP, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 7 - Diretor e mais quatro cartunistas de jornal são mortos em ataque em Paris

mundo

Diretor e mais quatro cartunistas de jornal são mortos em ataque em Paris

DE SÃO PAULO

07/01/2016 @ 11h30 - Atualizado às 22h59

[f](#) Compartilhar
 [t](#)
[g+](#)
[in](#)
[e](#)
 < 8,1 mil [OUVERO TEXTO](#)
[+ Mais opções](#)

O diretor e mais quatro cartunistas do jornal satirico francês "Charlie Hebdo", alvo de um **ataque a tiros** em sua sede em Paris nesta quarta-feira (7), estão entre os **12 mortos** no atentado.

O atentado matou oito profissionais da publicação, dois policiais, um funcionário que estava na recepção e um convidado da empresa.

Entre as vítimas estão Stéphane Charbonnier, conhecido como **Charb** e diretor da publicação, e os também cartunistas Jean Cabut (Cabu), Georges Wolinski, Bernard Verilhae, conhecido como Tignous, e Philippe Honoré (Honoré).

Há relatos de que os atiradores estavam chamando as vítimas pelo nome, o que sugere que o ataque foi planejado com antecedência.



Os terroristas invadiram a redação do jornal e abriram fogo. O jornal já sofreu ataques por publicar caricaturas e líderes muçulmanos e do profeta Maomé. Em 2011, a redação foi alvo de um incêndio criminoso após ter publicado uma série de caricaturas sobre Maomé.

De acordo com a polícia francesa, três homens entraram na sede da publicação portando metralhadoras AK-47, fizeram disparos e depois fugiram em um carro dirigido por um quarto elemento do grupo. Eles foram até a região da estação de Porte de Pantin, no nordeste da cidade, onde abandonaram o veículo e sequestraram um outro, expulsando o motorista na rua.



Rocco Contento, porta-voz de um sindicato de policiais, afirmou que houve aumento das medidas de segurança à sede do jornal por causa de ameaças recentes e que os homens entraram no local com a intenção de matar.

Segundo um jornalista do "Charlie Hebdo", citado pelo jornal francês "Le Monde", os atiradores chegaram ao local na hora da reunião da redação. "Os agressores sabiam que às 10h de quarta-feira havia uma reunião editorial semanal. No resto da semana não há muitas pessoas no local", afirmou.



Veja abaixo vídeo do ataque:



Fonte: FSP, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 8 - Suspeito mais jovem de ataque em Paris se entrega à polícia, diz agência

mundo

Suspeito mais jovem de ataque em Paris se entrega à polícia, diz agência

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

07/01/2016 @ 23h43 - Atualizado em 08/01/2016 às 00h04

O mais jovem dos **três suspeitos** de um **ataque** à sede do jornal satírico "Charlie Hebdo", Hamyd Mourad, 18, se entregou na madrugada desta quinta-feira (8, noite de quarta em Brasília, 7), informou a agência AFP.

A informação surgiu em meio a uma caçada lançada pelas forças de segurança francesas pelos responsáveis pelo atentado, que deixou ao menos 12 mortos e 41 feridos em Paris.

Atentado na França

32 de 51

Divulgado

APPELA TEMOINS

Nous invitons toute personne détenant des informations pouvant permettre la localisation des deux individus photographiés ci-dessus, à contacter l'Unité-Major de la Police Judiciaire de Paris au numéro sur

0800 62 17 17
(7j/7 24h/24)

ou à partir du site :
www.securite.interieur.gouv.fr

Ces personnes, susceptibles d'être armées et dangereuses, sont l'objet de mandats de recherche du Parquet de Paris dans le cadre de l'enquête diligente suite à l'attentat commis le 7 janvier 2015 au journal Charlie Hebdo au 10 rue Nicolas Appert à Paris 11ème.



CHERIF KOUACHI



SAID KOUACHI



Os outros dois suspeitos do atentado foram identificados pelo governo francês como os irmãos franceses Said Kouachi, 34, e Cherif Kouachi, 32, que seguem foragidos. Fotos dos dois foram divulgadas pela polícia.

Segundo uma fonte próxima ao caso, a polícia realizou várias detenções durante a noite de pessoas relacionadas aos suspeitos.

Os irmãos são da região de Paris e têm ascendência árabe, segundo a polícia. Cherif foi condenado por terrorismo em 2008 em razão de ter ajudado a recrutar jihadistas da França para o Iraque e foi sentenciado a 18 meses.

Mourad é da região da cidade de Reims, no nordeste do país.

De acordo com oficiais, um dos suspeitos foi identificado por ter deixado a carteira de identidade em um dos carros usados na fuga.

Os atiradores abandonaram o carro preto em que estavam na região de Porte de Pantin, no nordeste da cidade, e sequestraram um outro veículo, um Renault Clio cinza -eles expulsaram o motorista e mantiveram a fuga.

ATAQUE

Francois Molins, promotor de Paris, diz que os atiradores mataram um homem na entrada do edifício do jornal para forçar a entrada. Eles então se dirigiram à redação e abriram fogo durante uma reunião editorial da qual participavam oito jornalistas, um policial que fazia guarda do diretor da publicação e um convidado.

Eles usaram fuzis AK-47 e bradaram "Allahu akbar" (Deus é o maior, em árabe) e disseram que estavam "vingando o profeta [Maomé]".

Ilustração de Artur? Otopnos

PASSO A PASSO DO ATAQUE

Terroristas entraram na sede entre às 11h e 11h30 da manhã

Ilustração: Aluísio Carneiro Santos



1 Homens fortemente armados chegam ao edifício da sede, divulgado no próprio site do "Charlie Hebdo"



2 Dois deles ameaçam funcionária do jornal, uma desenhista, que abre porta do prédio com código de segurança



3 Eles interrompem reunião que decidia quais textos e desenhos entrariam na próxima edição do semanário e atiram. Matam no local dez pessoas: oito jornalistas, um convidado para a reunião e um policial que estava encarregado da segurança local. No momento do ataque, teriam gritado "Deus é o maior" e dito que queriam "vingar o profeta"



akbar" (Deus é o maior, em árabe) e disseram que estavam "vingando o profeta [Maomé]".

Outro policial foi morto do lado de fora, antes da fuga.

"O que nós vimos foi um massacre. Muitas das vítimas foram executadas, a maioria delas com tiros na cabeça e no peito", afirmou Patrick Herten, que participou do socorro aos feridos - houve 11, sendo quatro em estado grave.

O jornal já sofreu outros ataques por publicar caricaturas de líderes muçulmanos e do profeta Maomé. Em 2011, a redação, que fica perto do monumento da Bastilha, foi alvo de um incêndio criminoso após ter publicado uma série de caricaturas sobre Maomé.

O ataque motivou mais de cem mil pessoas a ir às ruas de cidades de toda a França para homenagear as vítimas do atentado - o número é uma estimativa da agência AFP. ★ ★ ★



4 Na saída, encontram uma patrulha policial. Matam um agente, quando ele estava caído no chão. Cena é filmada



5 Atiradores fogem em um Citroën DS3 preto

Fonte: FSP, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 9 - Polícia diz ter identificado suspeitos de ataque na França

mundo

Polícia diz ter identificado suspeitos de ataque na França

DAS AGENCIAS DE NOTÍCIAS

07/01/2015 @ 19h50 - Atualizado em 08/01/2015 às 00h15


 Compartilhar    
 < 1,3 mil [OUVIR O TEXTO](#) [+ Mais opções](#)

Policiais franceses dizem ter identificado três homens como suspeitos do ataque contra o jornal satírico [Charlie Hebdo](#), que deixou 12 mortos nesta quarta-feira (7) em Paris.

Os suspeitos foram identificados como os irmãos franceses Said Kouachi, 34, e Cherif Kouachi, 32, e Hamyd Mourad, um jovem de 18 anos cuja nacionalidade não foi revelada. Segundo a agência AFP, [Mourad se entregou à polícia](#).

Atentado na França

32 de 51

[Divulgado](#)

APPELA TEMOINS

Nous invitons toute personne détenant des informations pouvant permettre la localisation des deux individus photographiés ci-dessus, à contacter l'Etat-Major de la Police Judiciaire de Paris au numéro ci-dessous.

0800 02 17 17
(7j/24h/24)

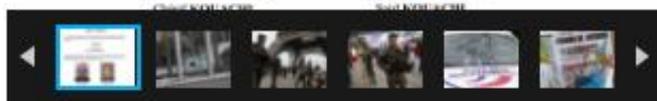
ou à partir du site:
www.securite.interieurgouv.fr

Ces personnes, susceptibles d'être entendues et interrogées, sont l'objet de mandats de recherche du Parquet de Paris dans le cadre de l'enquête diligentée contre le attentat commis le 7 janvier 2015 au journal Charlie Hebdo au 10 rue Nicolas Appert à Paris 11ème.



CHERIF KOUACHI

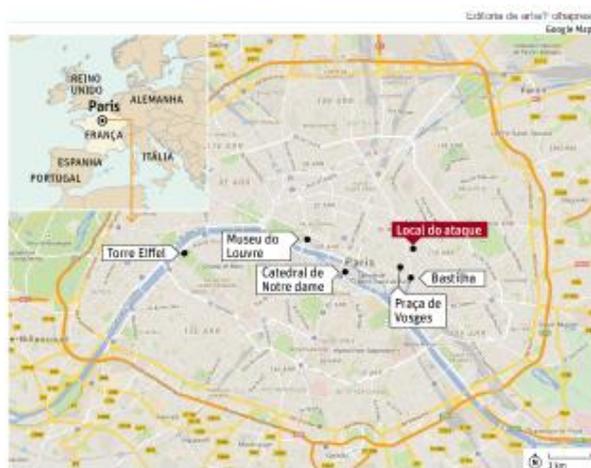
SAID KOUACHI



Um dos oficiais afirmou que eles são ligados a um grupo terrorista do Iêmen. Testemunhas do ataque [afirmam ter ouvido](#) que os atiradores se identificaram como membros do braço da rede terrorista Al Qaeda no Iêmen.

Os irmãos são da região de Paris e têm ascendência árabe, segundo a polícia. Cherif Kouachi foi condenado por terrorismo em 2008 em razão de ter ajudado a recrutar jihadistas da França para o Iraque e foi sentenciado a 18 meses.

Mourad é da região da cidade de Reims, no nordeste do país. A polícia antiterrorismo realiza uma operação na cidade, de acordo com fontes policiais.



De acordo com oficiais, um dos suspeitos foi identificado por ter deixado a carteira de identidade em um dos carros usados na fuga. Os atiradores abandonaram o carro preto em que estavam na região de Porte de Pantin, no nordeste da cidade, e sequestraram um outro veículo, um Renault Clio cinza – eles expulsaram o motorista e mantiveram a fuga.

O ATAQUE

Francois Molins, promotor de Paris, diz que os atiradores mataram um homem na entrada do edifício do jornal para forçar a entrada. Eles então se dirigiram à redação e abriram fogo durante uma reunião editorial da qual participavam oito jornalistas, um policial que fazia guarda do diretor da publicação e um convidado.

Eles usaram fuzis AK-47 e bradaram "Allahu akbar" (Deus é o maior, em árabe) e disseram que estavam "vingando o profeta [Maomé]".

Outro policial foi morto do lado de fora, antes da fuga.

"O que nós vimos foi um massacre. Muitas das vítimas foram executadas, a maioria delas com tiros na cabeça e no peito", afirmou Patrick Hertgen, que participou do socorro aos feridos –houve 11, sendo quatro em estado grave.

O jornal já sofreu outros ataques por publicar caricaturas de líderes muçulmanos e do profeta Maomé. Em 2011, a redação, que fica perto do monumento da Bastilha, foi alvo de um incêndio criminoso após ter publicado uma série de caricaturas sobre Maomé.



O ataque motivou mais de cem mil pessoas a ir às ruas de cidades de toda a França para homenagear as vítimas do atentado –o número é uma estimativa da agência AFP.

Em Paris, 35 mil pessoas foram à Place de la République (Praça da República), no centro da cidade, perto da sede do "Charlie Hebdo", segundo a polícia. Muitos exibiam um adesivo preto com a mensagem "Je suis Charlie" (Eu sou Charlie), um lema em solidariedade às 12 vítimas do ataque.

Os manifestantes somaram entre 13 mil e 15 mil em Rennes (noroeste), entre 10 mil e 15 mil em Toulouse (sudeste) e 7 mil em Marselha (sudeste), segundo cifras da polícia. ★★

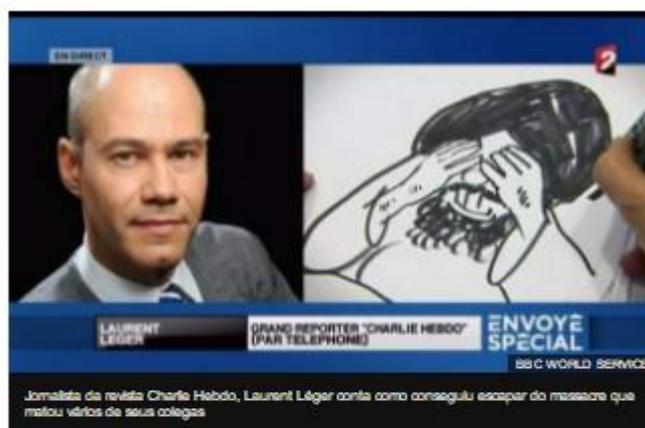
Fonte: FSP, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 10 - “Só tive tempo de me jogar debaixo da mesa”, diz sobrevivente de ataque à revista

'Só tive tempo de me jogar debaixo da mesa', diz sobrevivente de ataque à revista

8 janeiro 2015

Compartilhar



Um dos poucos sobreviventes do ataque ao semanário satírico *Charlie Hebdo*, o jornalista Laurent Léger disse que só teve tempo de “se jogar debaixo da mesa”, enquanto via seus colegas sendo mortos.

Em entrevista ao canal de TV francês *France 2*, ele contou como conseguiu sobreviver ao massacre, deixou 12 pessoas mortas, entre elas várias de seus colegas de redação.

“Nós ouvimos um barulho que parecia com fogos de artifício — e não entendemos o que estava acontecendo. De repente, um homem invadiu a sala de reunião. Havia cheiro de pólvora. Ele gritou ‘Allahu Akbar’ (“Deus é grande”, em árabe) duas vezes e começou a atirar. Tudo aconteceu muito rápido”, afirmou Léger.

“Eu só tive tempo de me jogar debaixo da mesa. Estava agachado ali e vi meus colegas mortos no chão. Tive sorte porque como, a sala era pequena, o atirador não podia andar com facilidade ao redor da mesa e olhar debaixo dela. Houve um longo período de silêncio e eu o ouvi indo embora”, acrescentou o jornalista.

“Assim que ele saiu, eu o ouvi dizendo a mulher na redação: “Não queremos matar mulheres”. Ai ele trocou algumas palavras com outro homem e foi só aí que eu percebi que eram dois atiradores”, afirmou Léger.

Compartilhar Sobre compartilhar



Fonte: BBC, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 11 - Médico da revista conta como foram momentos após ataque

Médico da revista conta como foram momentos após ataque

9 janeiro 2015

Compartilhar



Colaborador da Charlie Hebdo e médico de emergência, Patrick Pelloux chegou à redação da revista momentos após o ataque terrorista que deixou 12 pessoas mortas na quarta-feira.

"Às 11h30, Jean-Luc, o designer gráfico, me ligou dizendo: "Venha rápido. Precisamos de você", disse, emocionado, ao canal de TV francês iTele.

Lêia mais: Ataque a "Charlie Hebdo": Suspeitos de massacre estão cercados por polícia na França

Ao receber a ligação, ele achou que era uma brincadeira. "Achei que ele estava brincando porque eu ia passar lá à tarde para desejar 'Feliz Ano Novo'".

Com a voz embargada e lágrimas nos olhos, ele contou que foi imediatamente ao local, acompanhado de bombeiros e paramédicos.

Lêia mais: "República é culpada": Emocionada, namorada de editor morto em ataque a revista acusa governo

"Foi horrível. Muitos já estavam mortos porque foram abatidos em estilo de execução. Nós conseguimos salvar alguns, que nesta manhã estavam bem", contou.

Pelloux disse que foi ao programa de TV para anunciar que a revista iria continuar "porque eles não ganharam".

"Charb, Cabu, Wolinski, Bernard Maris, Honoré, Elsa, Tignous, Mustapha e o guarda que foi abatido e tinha recebido a missão de nos proteger não morreram em vão."

Compartilhar Selecione para compartilhar



Fonte: BBC, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 12 - Ataque a revista mata pelo menos 12 em Paris

Ataque a revista mata pelo menos 12 em Paris

7 janeiro 2015

Compartilhar



Ataque matou 11 pessoas e deixou 10 feridos em Paris

Homens armados atacaram o escritório da revista satírica *Charlie Hebdo*, em Paris, matando pelo menos 12 pessoas e ferindo outras 10, segundo autoridades francesas.

Testemunhas disseram ter ouvido seguidos disparos após homens armados terem aberto fogo com fuzis.

A publicação é polémica por sua abordagem das notícias. A última mensagem da publicação no Twitter foi uma charge do líder do grupo Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi.

Uma testemunha, Benoit Bringer, disse ao canal de TV francês Itélé ter visto "dois homens encapuzados entrando com Kalashnikovs. Minutos depois, foram ouvidos vários tiros".

Em seguida, os homens foram vistos deixando o prédio.

A polícia afirma que um dos atiradores gritou "Nós vingamos o profeta".

"É uma carnificina", disse o policial Luc Poignant ao canal francês BFMTV. Entre os mortos há dois policiais.

A revista foi atacada em novembro de 2011 após ter publicado uma caricatura do profeta Maomé.

Uma reunião de emergência do governo francês foi convocada.

O presidente da França, François Hollande, visitou o local do tiroteio e disse se tratar de um ataque à liberdade de expressão e um ato de terrorismo.

Compartilhar Sobre compartilhar



Fonte: BBC, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 13 - Ataque a Charlie Hebdo: Quem são as vítimas?

Ataque a Charlie Hebdo: Quem são as vítimas?

8 janeiro 2015

Compartilhar



Ataque à revista satírica Charlie Hebdo deixou 12 mortos e 11 feridos, quatro deles em estado grave.

Um ataque ao semanário satírico *Charlie Hebdo* na quarta-feira deixou 12 pessoas mortas e outras 11 feridas, quatro delas em estado grave.

O atentado aconteceu pela manhã, durante a reunião editorial da revista. Dois atiradores teriam efetuado os disparos, de acordo com o relato de um sobrevivente.

Entre os mortos, estão os principais cartunistas da França.

Leia mais: Em fotos: Vigílias reúnem milhões em todo o mundo

Confira, abaixo, o perfil das vítimas.

Stéphane Charbonnier, editor



"Prefiro morrer de pé a viver de joelhos", disse Charb certa vez ao jornal francês Le Monde

Stéphane Charbannier, mais conhecido como "Charb", tinha 47 anos. Ele já havia recebido ameaças de morte no passado e vivia sob proteção policial. Um defensor contumaz da abordagem provocativa da revista de esquerda, ele rejeitava se curvar aos críticos.

"Eu não tenho filhas, não tenho mulher, não tenho carro, não tenho dinheiro no banco", disse Charb certa vez ao jornal francês *Le Monde*. "Talvez seja um pouco arrogante dizer isso, mas eu prefiro morrer de pé a viver de joelhos".

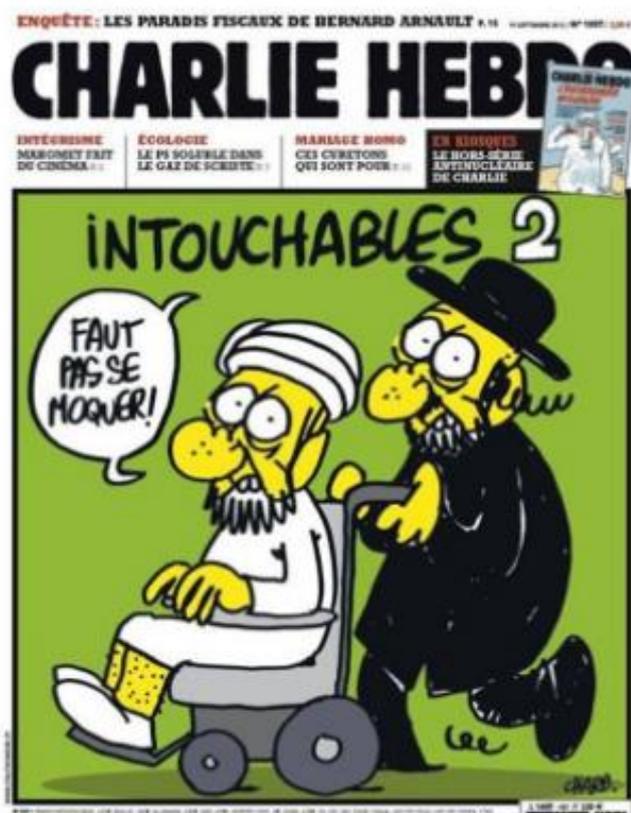
Depois do ataque a bomba à sede da revista em 2011, em decorrência da publicação de charges representando o profeta Maomé, ele disse em entrevista à BBC que o ataque tinha como alvo a liberdade de expressão.

Na ocasião, Charb culpou "os idiotas extremistas" que, em sua avaliação, não representavam a população muçulmana francesa.

Leia mais: O que se sabe sobre os suspeitos do ataque em Paris

A revista, dizia o editor, estava certa em desafiar os islamistas para "lutar a vida deles difícil, tanto quanto a nossa".

Jean Cabut, cartunista





Às 78 anos, "Cabu" era um dos mais populares cartunistas da França, com uma carreira de mais de seis décadas.

Nascido em Châlons-sur-Marne, Cabu publicou seus desenhos pela primeira vez na década de 50.

Servindo como militar pela França durante a Guerra de Independência da Argélia (1954-1962), ele desenhava charges para a revista das Forças Armadas *Bled* e outras publicações.

Em 1960, ele tornou-se co-fundador da revista *Hara-Kiri*, uma precursora da *Charlie Hebdo*.

Leia mais: "Só tive tempo de me jogar debaixo da mesa", diz sobrevivente de ataque à revista

Seus personagens populares incluíam o "Grand Duduche", um estudante loiro e magricela, que se assemelhava ao próprio cartunista, e "Mon Beauf", uma caricatura do típico homem francês.

"Algumas vezes a piada pode machucar, mas a piada, o humor e a sátira são nossas únicas armas", dizia ele.

Georges Wólinski, cartunista



Wólinski era considerado um dos maiores nomes do desenho mundial

Wolinski, mais conhecida como "Wolir" por seus amigos, tinha 80 anos e era considerado um dos maiores nomes do desenho mundial.

O chargista nasceu na Tunísia, filho de pais judeus. Seu pai foi assassinado em 1936, e Georges — na época apenas um bebê — disse certa vez: "O fantasma do meu me assombrou por toda a vida".

Ele mudou-se para a França em 1940 para estudar arquitetura, mas mais tarde ficou obcecado pelas charges.

Na década de 60, Wolinski começou a contribuir — normalmente abordando temas eróticos e políticos — para a *Hara-KW* e outras publicações do gênero.

Leia mais: O mistério do último tuite do Charlie Hebdo antes do ataque

Em 2005, ele recebeu a maior condecoração francesa, a Legião de Honra.

Logo depois de saber que seu pai havia morrido, a filha de Wolinski, Elsa, escreveu nas redes sociais "Meu pai se foi. Mas não Wolinski" junto com uma foto que retrata a mesa de trabalho de seu pai vazia.

Segundo o jornal francês *Le Parisien*, o cartunista era um famoso "fanfarrão" e um "bon vivant".

Crítico mordaz das religiões, ele disse certa vez que o "paraíso é cheio de idiotas que acreditam que ele existe".

Bernard Verlhac, cartunista



"Tignous", de 57 anos, também contribuía para as revistas *Marianne* e *Fluide Glacial*.

Verlhac ganhou o apelido ("Tignous" ou "pestinha"), pelo qual se tornaria conhecida, de sua avó.

Um integrante do grupo de artistas "Cartunistas para a Paz", seu trabalho tornou-se famoso pelas fortes ataques à hipocrisia.

Uma de suas charges mais memoráveis, segundo o jornal francês *Le Monde*, retratava um homem rico perguntando: "Em uma época em que todos correm o risco de morrer de gripe aviária, você está obcecado com meu salário exorbitante?"

Leia mais: Al Qaeda e Estado Islâmico chamam de 'heróis' autores de ataque na França

Na noite antes de sua morte, ele enviou seu último desenho, supostamente uma caricatura do presidente francês, François Hollande, desejando Feliz Ano Novo, à 'Presse Judiciaire', a associação de jornalistas franceses que cobre assuntos ligados à Justiça.

Philippe Honoré, cartunista



Honoré, como o cartunista de 73 anos era conhecido, era um colaborador regular da *Charlie Hebdo*, e um crítico contundente da injustiça e do cinismo.

Seus desenhos também apareciam em várias outras publicações da França.

A gentileza e a generosidade do "gigante barbado" eram lendárias entre seus colegas, segundo a revista francesa *Paris Match*.

Bernard Maris, economista



O economista francês Bernard Maris, de 68 anos, tinha uma coluna semanal na *Charlie Hebdo* chamada 'Oncle Bernard' ('Tio Bernard').

Ele falava regularmente sobre assuntos econômicos na rádio *France Inter* e era professor de economia na Universidade de Paris.

Maris também era membro do conselho-geral do Banque de France, o banco central francês.

"Bernard Maris era um homem de grande coração, de grande cultura e de grande tolerância", afirmou Christian Noyer, presidente do banco central francês. "Ele fará muita falta".

Mas Maris também era um homem de esquerda, um devoto de Karl Marx e John Maynard Keynes que criticava o euro e a sociedade de consumo, escreveu o *Le Monde*. Ele dizia ficar decepcionado sobre o que chamava de "a morte da esquerda" na França.

Elsa Cayat, psicanalista e colunista

A única mulher entre as 12 vítimas, a psicanalista de 54 anos escrevia uma coluna quinzenal na revista, intitulada o "Divã de Charlie".

Seus artigos abrangiam desde assuntos como a autoridade parental às raízes do Holocausto, afirmou a revista francesa *Madame Figaro*.

Lela mãe: Dinamarquês que satirizou Maomé vive sob proteção e diz: 'Não me arrependo'

Psicanalista famosa, ela tinha centenas de pacientes, atraindo intelectuais por sua capacidade de analisar e ouvir as questões humanas, afirmou sua filha, Jacqueline Raulf-Duval.

Uma de suas pacientes mais longevas, identificada apenas como Valérie, escreveu uma afetuosa homenagem em sua conta no Facebook na qual dizia: "Eu penso no marido de Elsa, em sua filha adolescente, em seu cachorro, nas pacientes que ela deixava sem seu espelho, sua família, seus amigos".

A prima da psicanalista, Sophie Bramly, afirmou que Elsa dizia temer ser morta por ser judia.

Mustapha Ourrad, redator



Nascido na Argélia, o muçulmano Mustapha Ourrad impressionava colegas por sua vasta cultura

Nascido na Argélia, Ourrad chegou à França quando tinha 20 anos, e trabalhou por muito tempo para a revista *Viva*.

Autodidata, ele impressionava colegas com sua vasta cultura e seu conhecimento sobre filosofia, principalmente sobre a obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche.

Amigos diziam estar arrasados pela perda de um homem "tão querido".

Michel Renaud, visitante



Michel Renaud visitava a redação no momento do ataque

Ligado ao festival Carnet de Voyage em sua cidade-natal, Clermont-Ferrand, Renaud estava visitando o escritório com um colega que sobreviveu ao assassinato em massa.



Site do festival onde Ainaud trabalhava publicou mensagem de luto

Aquelas que trabalham com ele no festival afirmaram estar "de luto", segundo um comunicado publicado no site da evento.

Frédéric Boisseau, zelador

O zelador de 42 anos estava na recepção quando os atiradores entraram no prédio, escreveu o *Le Monde*.

Casado, ele era pai de dois filhos.

Em um comunicado, o empregador de Boisseau, Sodexo, descreveu a morte de Boisseau como "uma vida perdida terrivelmente" e de maneira "injusta".

Ahmed Merabet, policial

Chegando à cena do ataque, o policial de 42 anos abriu fogo contra os atiradores, mas foi ferido na troca de disparos, informou o jornal francês *Le Figaro*.

Deitado na calçada e agonizando, Merabet foi morto com um tiro fatal na cabeça à queima roupa.

Um vídeo amador capturou o momento em que o policial foi assassinado.

Ele era muçulmano — o que acabou sendo usado por blogueiros para defender a comunidade islâmica do que chamaram de atos terroristas.

A hashtag #JeSuisAhmed ("Eu sou Ahmed") circulou nas redes sociais em sua homenagem. "Em sua memória, não permitiremos que pessoas machuquem e insultem a comunidade muçulmana por causa desse ato terrorista. Você é um herói", escreveu um usuário no Twitter.

Merabet havia sido recentemente promovido à Polícia Judiciária. O representante do sindicato da polícia, Rocco Contento, descreveu o policial como "alguém muito discreto e consciencioso".

Franck Brinsolaro, policial e guarda-costas

O policial Franck Brinsolaro, de 49 anos, havia sido incumbido de proteger Charb depois de ele ter recebido ameaças de morte. Era casado, com dois filhos.

Segundo um colega, o policial não teve nem tempo de reagir, sendo rapidamente morto pelos atiradores.

Em seu discurso de homenagem, o irmão de Brinsolaro, Philippe, que também é policial, falou sobre a importância do trabalho da polícia.

"Nunca devemos nos esquecer do que aconteceu ontem (quarta-feira), independente do que acontecer depois — um policial, quando necessário, pará sua vida em perigo quando a segurança do país estiver em jogo. E hoje eu quero homenagear todos os meus colegas, todos aqueles que acordam todos os dias sabendo que terão um trabalho difícil pela frente".

Compartilhar Sobre compartilhar



Fonte: BBC, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 14 - AO VIVO: Ataque contra revista na França deixa mortos e feridos

AO VIVO: Ataque contra revista na França deixa mortos e feridos

Atualizado pela última vez 7 janeiro 2015

Compartilhar

10:36



Atiradores mascarados mataram pelo menos 12 pessoas durante um ataque realizado na manhã desta quarta-feira contra a revista satírica francesa *Charlie Hebdo*, em Paris. O atentado deixou outras cinco pessoas feridas em estado grave. Confira a seguir os detalhes sobre o atentado.

10:41

Ataque a revista mata pelo menos 11 em Paris

10:48



Os autores do ataque contra a revista satírica *Charlie Hebdo*, que matou 12 pessoas, teriam gritado "Nós vingamos o profeta", segundo testemunhas. O comentário seria uma referência a um cartum publicado pela revista retratando o profeta Maomé. A revista chegou a sofrer um ataque em 2011, em retaliação à publicação do cartum. Segundo as preceitas da fé islâmica, o profeta não pode ser retratado.



10:57

François Hollande, presidente da França

O presidente francês François Hollande comentou pelo Twitter o atentado à publicação francesa:

"Nenhum ato bárbaro vai extinguir a liberdade da imprensa. Nós somos um país unido e vamos reagir unidos".


François Hollande

@fhollande



Follow

Aucun acte barbare ne saura jamais éteindre la liberté de la presse. Nous sommes un pays unis qui saura réagir et faire bloc.

Retweets 5,581

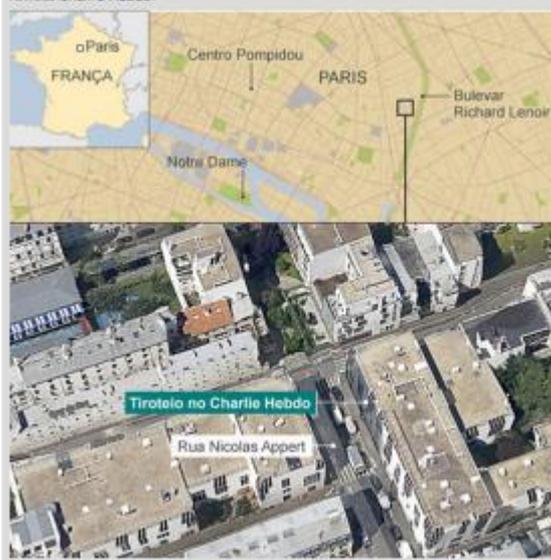
Favorites 1,513



twitter

11:17

Este mapa mostra detalhes da região de Paris onde ocorreu o atentado e onde fica a revista Charlie Hebdo.



11:28

Jean Charles Brisard, especialista em terrorismo



"Ao analisarmos os vídeos e fotos que estão surgindo, podemos ver que os elementos estavam bem equipados, tinham armamento militar e provavelmente usavam colete à prova de bala. Acredito que se trata de gente treinada e determinada para fazer o que fizeram."

11:32

O que se sabe até agora

- Um número ainda não identificado de homens armados invadiu o escritório da revista de humor político francesa **Charlie Hebdo** na manhã desta quarta-feira, em Paris, e abriu fogo.
- Até o momento, as autoridades confirmaram a morte de 12 pessoas - 10 delas funcionários da revista e dois policiais.
- Os atiradores fugiram num carro e depois roubaram outro para continuar a fuga. Eles ainda estão sendo procurados pela polícia de Paris.
- Paris está sob alerta máximo.
- Falando no local do ataque, o presidente francês, François Hollande, disse que o país está em choque após que o chefe de estado classificou como "ataque terrorista".
- A **Charlie Hebdo** já foi alvo de ataques no passado por ter publicado cartuns ironizando o profeta Maomé. Seu escritório foi atacado com uma bomba incendiária em 2011 e a revista recebeu ameaças nos últimos tempos.
- Trata-se do ataque mais letal já realizado na França, desde 2005, quando um atentado à bomba matou 8 pessoas na estação de Saint-Michel.

11:38



A chanceler alemã, Angela Merkel, condenou o ataque à sede da **Charlie Hebdo**: "Este abominável ataque não vitimiza apenas os cidadãos franceses, mas fez também a liberdade de imprensa e de expressão."



- A *Charlie Hebdo* é uma revista política de humor que circula semanalmente. Fundada em 1969, com o nome *Hara-Kiri Hebdo* ela fechou as portas em 1981. Voltou a circular em 1992.
- Em novembro de 1970, a revista provocou a fúria do governo ao ironizar a morte do ex-presidente e herói da guerra francês Charles de Gaulle, na cidade de Colombey, fazendo menção a um trágico incêndio ocorrido no local oito dias antes. A revista foi banida pelas autoridades francesas.
- Para driblar as autoridades, o nome passou para *Charlie Hebdo*.
- Em dezembro de 1981, a revista fechou as portas por causa de uma queda no número de leitores.
- Quando relançada, 11 anos mais tarde, a revista vendeu 100 mil cópias de sua primeira edição.
- Em 2006, a *Charlie Hebdo* criou um incidente internacional ao publicar na capa um cartum mostrando o profeta Maomé chorando e reclamando de muçulmanos radicais. A revista fez questão ainda de republicar os controversos cartuns com a imagem de Maomé veiculados por um jornal dinamarquês. Mais de 200 mil cópias foram vendidas.
- A revista foi criticada pelo então presidente francês, Jacques Chirac, que classificou os cartuns como provocação. E em 2007, organizações muçulmanas processaram a revista por racismo, mas a justiça francesa inocentou a publicação.
- Em 2011 houve mais furor por conta da publicação de uma edição especial que teve Maomé como "editor convidado". O escritório da *Charlie Hebdo* foi atacado com uma bomba incendiária na véspera da chegada às bancas.
- No ano seguinte, uma série de cartuns mostrando Maomé, inclusive um nu, geraram novamente controvérsias e a revista foi criticada pelo governo, que dias antes fechara embaixadas e outras instituições em 20 países muçulmanos por conta da veiculação de um controverso filme sobre o Islã.
- Por causa do ataque e das polêmicas, a revista mudou de endereço e há anos tem segurança da polícia de Paris.

12:06

Daniela Fernandes, De Paris para a BBC Brasil



"É um atentado terrorista, não há dúvidas", declarou o presidente François Hollande, que foi nesta manhã ao prédio da revista *Charlie Hebdo*.

Hollande afirmou que vários atentados terroristas foram interceptados pelas serviços secretos na França nas últimas semanas. Uma reunião de emergência está sendo realizada neste momento no Palácio do Eliseu com membros do governo.

O presidente fará um pronunciamento na TV às 20 hs (em Paris).



O plano Vigipirate foi reforçado e está em seu nível máximo. A segurança policial foi reforçada nas redações de jornais, locais de culto e grandes lojas de departamentos em Paris.

Os atiradores teriam perguntado os nomes das pessoas presentes na redação antes de atirar, disse o advogado da publicação à BFM TV. Das 12 pessoas mortas até o momento, 2 são policiais e 10 jornalistas, entre eles 4 desenhistas.

Antes de entrar no carro para fugir, os dois atiradores, armados com fuzis Kalashnikov gritaram "viremos a profeta Maomé" e mataram um policial que estava na rua.



12:11

David Cameron, premiê da Grã-Bretanha

"Os assassinatos em Paris são revoltantes. Estamos com o povo francês na luta contra o terror e pela defesa a liberdade de imprensa", disse o primeiro ministro britânico David Cameron pelo Twitter.



David Cameron
@David_Cameron

Following

The murders in Paris are sickening. We stand with the French people in the fight against terror and defending the freedom of the press.

Retweets 7,028 Favorites 2,686

RETWEETS 7,028 FAVORITES 2,686

11:45 AM - 7 Jan 2015

twtr

12:18



O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, condenou agora há pouco o ataque à revista *Charlie Hebdo*. Por meio de nota oficial, Obama qualificou o ataque como "horrendo" e acrescentou que "nossos pensamentos e orações estão com as vítimas deste ataque terrorista e com o povo da França neste momento difícil". O presidente lembrou ainda da aliança histórica entre os dois países, que remonta à Guerra de Independência dos EUA, no século 18, e disse ter oferecido ajuda ao governo francês para levar os autores do ataque à Justiça.



12:25

Laerte

A cartunista Laerte também comentou o ataque pelo Facebook. Em sua opinião, o ataque teria mais força à extrema direita no continente europeu. Já está confirmado que entre as vítimas fatais estão três cartunistas da revista *Charlie Hebdo*, além do editor da publicação.

**Laerte Coutinho**

19 mins ·

Esse ataque ao *Charlie Hebdo*... é evidente que vai beneficiar a extrema direita, que está crescendo na Europa e buscando criar uma cultura de ódio ao estrangeiro. Como no caso do WTC em 2001.

Like · Comment · Share

Nina Liesenberg and 326 others like this.

Facebook



12:40

Anne Hidalgo, prefeita de Paris**Anne Hidalgo**

65 mins ·

J'éprouve un sentiment d'honneur absolu face à l'attentat qui vient d'être perpétré contre *Charlie Hebdo*. Cet acte effrayant vient de causer la mort de douze personnes et d'en blesser grièvement un grand nombre. Toute ma compassion va à ces victimes martyres de la Liberté, de la liberté de la presse, pilier de la démocratie et de la République. Au nom des Parisiens comme en mon nom personnel, j'assure les familles, les proches et les collègues des personnes décédées ou blessées... [See More](#)

[See Translation](#)

A prefeita de Paris, Anne Hidalgo, convocou uma manifestação de protesto para esta quinta-feira, às 18h locais, como resposta ao ataque à Charlie Hebdo. Em sua página no Facebook, Hidalgo convocou os "defensores de liberdade" a fazer uma caminhada silenciosa partindo da Place da República, no centro da capital.



12:46

Dilma Rousseff, presidente do Brasil

Dilma Rousseff acaba de classificar ataque como "sangrento e intolerável":



Dilma Rousseff @dilmabr

Following

Foi com profundo pesar e indignação que tomei conhecimento do sangrento e intolerável atentado contra a sede da revista "Charlie Hebdo"

Retweets 18 Favorites 16



2:42 PM - 7 Jan 2015

Twitter

12:49

Video mostra tiroteio em área de revista atuada

13:02



A hashtag #JeSuisCharlie (Eu Sou Charlie) está sendo usada por vários internautas no Twitter e no Instagram em homenagem às vítimas do atentado realizado contra a revista Charlie Hebdo.

13:11

A agência Reuters informa que o jornal dinamarquês Jyllands-Posten, cuja publicação de um cartoon de Maomé provocou uma série de protestos no mundo muçulmano na década passada, aumentou sua segurança após os ataques desta quarta em Paris.

13:20

Policiais franceses guincham carro supostamente usado por dois atiradores no ataque à revista "Charlie Hebdo".



13:24



O jornalista e cartunista Stéphane Charbonier, de 47 anos, conhecida como Charlie, era o editor da *Charlie Hebdo* e foi uma das vítimas fatais do ataque realizado nesta quinta-feira. Ele estava no comando da publicação desde 2009, conhecida por sua irreverência e por ter publicado polêmicos cartuns retratando o profeta Maomé, em 2006.

"É ruim que se possa fazer humor sobre tudo o que acontece na França exceto sobre o Islã ou sobre as consequências do islamismo", afirmou, em entrevista à BBC em 2011, após o ataque feito à revista naquele ano.

13:34



"É um dia negro para a história da imprensa francesa", afirmou Christophe Deloire, secretário geral da organização Reporters sans Frontières.

"É um ataque para tentar intimidar os jornalistas e limitar a liberdade de expressão. São coisas que vemos infelizmente em países como o Paquistão, a Somália ou Honduras, onde redações são atacadas. Na França, isso não acontecia até então", disse Deloire, ressaltando que a revista satírica *Charlie Hebdo* já havia sido "amplamente ameaçada no passado por exercer a liberdade de expressão".

Segundo ele, o tiroteio não representa apenas o ataque a um jornal e sim "contra as liberdades em geral".

13:48

De acordo com a agência Reuters, a sede do grupo de comunicação Prisa, dono do jornal *El País*, foi evacuada em Madri depois que um "pacote suspeito" foi encontrado no local.

14:06

Daniela Fernandes, De Paris para a BBC Brasil



Personalidades e instituições muçulmanas francesas criticaram fortemente o tiroteio contra a publicação francesa *Charlie Hebdo*.

O Conselho Francês do Culto Muçulmano condenou "o ataque bárbaro" contra o semanário satírico *Charlie Hebdo*. "Estamos muito inquietos. Os muçulmanos rejeitam o terrorismo e esse radicalismo religioso. Não aceitamos que essa folia seja a marca dos tempos atuais", declarou o reitor da grande mesquita de Paris, Dalil Boubakeur.

O ex-presidente Nicolas Sarkozy também denunciou o "ato de barbaridade e abjeito". "Para o ex-presidente, "esse ataque sangrento é uma tragédia nacional. É um ataque direto, selvagem, a um dos nossos princípios republicanos mais importantes, o da liberdade de expressão", disse Sarkozy.



14:13

Charlie Hebdo

Charlie Hebdo

CHARLIE_HEBDO

Follow

Meilleurs vœux, au fait.

14:13



Fonte: BBC, adaptado pela autora (2015).

14:33



De waanzinnige wereld van Charlie Hebdo

De waanzinnige wereld van Charlie Hebdo... (text is small and mostly illegible)

Na Bélgica, a revista masculina *Pi Magazine* está recebendo proteção especial da célula anti-terrorismo da polícia federal.

Segundo o redator-chefe, Jeroen Denaeghel, dois agentes guardam a entrada da sede da publicação, na cidade de Antuérpia. A revista publicou em 2012 uma extensa reportagem sobre a *Charlie Hebdo*, na qual reproduzia as polémicas charges de Moamé que despertaram as diversas ameaças realizadas ao semanário francês.

14:42

Liana Aguiar, De Barcelona para a BBC Brasil

O governo espanhol e os principais órgãos de combate ao terrorismo na Espanha se reúnem na tarde de hoje (às 18h30, no horário de Madri), na sede do Ministério do Interior, para analisar o atentado ocorrido em Paris.

Após a reunião, o ministro do Interior, Jorge Fernández Díaz, concederá uma entrevista coletiva.

Tweets Tweets e respostas Fotos e vídeos

Mariano Rajoy Brey @marianorajoy · 4 h

Mi firme condena al atentado terrorista en París y mis condolencias y solidaridad al pueblo francés por las víctimas. España con Francia MR

1.5 mil 642

Pelo Twitter, o premiê espanhol, Mariano Rajoy, condenou o atentado em Paris. Nesta quarta, mais cedo, a sede grupo de comunicação Prisa, em Madri, ao qual pertence o jornal *El País*, foi evacuada por causa de um pacote suspeito.

14:52



O site da revista *Charlie Hebdo* voltou ao ar agora há pouco. Mas, no momento, traz somente uma imagem com a frase "Je Suis Charlie" ("Eu Sou Charlie"), que se tornou um trending topic mundial nas mídias sociais.

15:01

A nossa página ao vivo fica por aqui. Obrigado por ter nos prestigiado e siga acompanhando as notícias sobre o trágico atentado [em nossa página](#).

Compartilhar Sócio compartilhar

✉ f t g+ in

▲ Voltar ao topo

Fonte: BBC, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 15 - Atentado a semanário mata 12 em Paris

MUNDO

Atentado a semanário mata 12 em Paris

Homens armados com fuzis invadem sede do "Charlie Hebdo", famoso por satirizar o islã, e abrem fogo contra funcionários. Polícia descreve cena como "carnificina" e monta megasquema para localizar os atiradores.



Três homens encapuzados, armados com fuzis kalashnikov, invadiram a sede do semanário satírico francês *Charlie Hebdo*, no coração de Paris, nesta quarta-feira (07/01) e abriram fogo. Ao menos 12 pessoas morreram, entre elas o diretor da publicação e dois policiais, num atentado que elevou o alerta de terrorismo na França ao nível máximo.

Os terroristas conseguiram fugir e estão sendo caçados por mais de 3 mil homens da polícia parisiense. O atentado gerou uma **onda de condenações** da comunidade internacional e ameaça **acirrar o debate** sobre a relação entre islã e radicalismo, atualmente em alta na Europa, sobretudo na Alemanha e na França.

"Os autores desses atos serão perseguidos. A França está em choque. É um atentado terrorista, não há dúvida", afirmou o presidente francês, François Hollande. "Temos de agir com firmeza, mas nos preocupando com a unidade nacional. Estamos diante de um momento difícil."

"Vingamos o profeta"

No ataque, os atiradores gritaram "vingamos o profeta" e *Allahu Akbar* (Deus é grande). O semanário tem um histórico de provocações ao islã. Sua redação já havia sido alvo de um ataque à bomba em novembro de 2011, após a publicação de charges do profeta Maomé. Na época, ninguém ficou ferido.

Entre os mortos nesta quarta-feira estão o diretor de redação da publicação, Stephane Charbonnier, conhecido como Charb, e o cartunista George Wolinski, considerado o maior nome do quadrinho francês. Os terroristas teriam começado a atirar durante uma reunião de pauta.



IMAGENS DO ATAQUE À REDAÇÃO DO "CHARLIE HEBDO"

Alvo de atentado

Policiais e bombeiros socorrem as vítimas do ataque à redação do "Charlie Hebdo". Cinco dos feridos foram hospitalizados em estado grave. Publicação já foi atingida por uma bomba incendiária em 2011, após publicar caricaturas do profeta Maomé.

▶ 1 2 3 4 5 6 7

◀ ▶ ⏪ ⏩

Outras 20 pessoas ficaram feridas no ataque, incluindo quatro em estado grave. Um policial no local do atentado (que fica próximo a pontos turísticos como a Catedral de Notre-Dame) descreveu o interior do prédio do *Charlie Hebdo* como uma "carnificina".

Os atiradores fugiram em direção aos subúrbios ao leste de Paris, região com grande presença de imigrantes, após roubarem um carro. Em diferentes pontos da capital, sirenes eram ouvidas, e a segurança foi reforçada nos transportes, locais religiosos e prédios da mídia.

Segundo testemunhas, os atiradores falavam francês fluentemente e teriam dito que são da Al Qaeda. As informações não foram confirmadas pelas autoridades. Policiais que analisaram as imagens do ataque disseram que os atiradores receberam treinamento militar para o uso de armas.

Condenação internacional

A comunidade internacional, por meio de líderes como Barack Obama e Angela Merkel, condenou em peso o atentado, usando palavras como "barbárie" para descrevê-lo. Lideranças muçulmanas e árabes destacaram a necessidade de separar o islã do uso da violência.

A Otan e a União Europeia também se pronunciaram sobre o incidente. "Os aliados da Otan se mantêm unidos na luta contra o terrorismo", que nunca pode ser tolerado ou justificado, disse o secretário-geral da Aliança Atlântica, Jens Stoltenberg.

A Liga Árabe e a Universidade Al-Azhar, a principal autoridade do Islã sunita, condenaram o atentado. "O chefe da Liga Árabe, Nabil al-Arabi, condena energicamente o ataque ao jornal Charlie Hebdo em Paris", afirmou a organização. A Al-Azhar, igualmente com sede no Cairo, deplorou o "ataque criminoso", sublinhando que "o Islão denuncia qualquer violência". Também a Arábia Saudita, o Egito e o Catar condenaram de forma enérgica o atentado.

Nenhum grupo radical reivindicou a autoria do ataque. Mas ele acontece em meio a uma aparente onda de xenofobia na Europa, combatida por um movimento, também crescente, de apoio à tolerância.

Na Alemanha, sob o lema de lutar contra uma suposta "islamização" do continente, milhares foram às ruas nesta semana. A população muçulmana na França, de 5 milhões de pessoas, é a maior da Europa.

No ano passado, um homem, também gritando *Allahu Akbar* ("Deus é grande"), feriu 13 pessoas ao lançar um veículo sobre uma multidão na cidade de Dijon, no leste francês.

O atentado desta quarta-feira é o primeiro grande ataque terrorista em Paris em décadas. Em 1995, o Grupo Islâmico Armado (GIA), da Argélia, explodiu uma bomba em um trem, matando oito pessoas e ferindo 150.

RPR/afp/ap/rtr

Fonte: DW, adaptado pela autora (2015).

APÊNDICE 16 - Polícia identifica os três suspeitos do ataque terrorista em Paris

MUNDO

Polícia identifica os três suspeitos do ataque terrorista em Paris

Terroristas são os irmãos Said e Cherif Kouachi, de 34 e 32 anos, e Hamyd Mourad, de 18 anos, todos cidadãos franceses. Um deles era conhecido das autoridades, preso em 2008 por ligação com organização jihadista.



Os três acusados de terem executado o ataque terrorista ao semanário satírico *Charlie Hebdo*, nesta quarta-feira (07/01) em Paris, [que deixou 12 mortos e 11 feridos](#), foram identificados, segundo autoridades policiais e fontes do governo da França.

A polícia local está caçando três cidadãos franceses, incluindo dois irmãos da região de Paris, e um outro homem da região de Reims, cidade localizada 150 quilômetros ao nordeste da capital francesa. Os encapuzados que invadiram a redação da publicação têm 34, 32 e 18 anos.

Segundo um documento emitido pela polícia para as forças de segurança em toda a região, os procurados se chamam Said Kouachi, nascido em 1980, Cherif Kouachi, nascido em 1982, e Hamyd Mourad, nascido em 1996.

Segundo o jornal *Metro*, Cherif Kouachi era conhecido das autoridades e chegou a ser acusado em 2005 por fazer parte de uma organização jihadista que recrutava jovens para combater no Iraque. Ele teria sido sentenciado a 18 meses de prisão, em 2008.

Carteira de identidade deixada em carro de fuga

Uma fonte da polícia confirmou que um deles foi identificado por sua carteira de identidade, que foi deixada no carro usado na fuga. Após o massacre, os suspeitos fugiram em um carro preto, encontrado posteriormente, abandonado, em um bairro do subúrbio parisiense.

De acordo com a imprensa francesa, mais de 3 mil policiais foram mobilizados nas buscas, que também incluem helicópteros e serviços de inteligência. No início da madrugada (horário local), as buscas haviam sido expandidas para a região de Reims, depois de procuras efetuadas em Paris e Estrasburgo.

Durante o ataque, um dos terroristas foi gravado em vídeo fora do prédio da redação gritando *Allahu Akbar* (Deus é grande) enquanto tiros eram disparados. Um outro caminhou até um policial deitado ferido na rua e o executou à queima-roupa com um fuzil Kalashnikov.

Um funcionário do sindicato da polícia de Paris disse que há temores de mais ataques e descreveu a cena na redação do *Charlie Hebdo* como carnificina. Quatro feridos estão em estado grave.



PV/rtr/afp/ap

Fonte: DW, adaptado pela autora (2015).